



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARISA DANTAS DO REGO BARROS

“FEMINISTAS, TECLAS E TAPAS”: uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM

Recife

2019

MARISA DANTAS DO REGO BARROS

“FEMINISTAS, TECLAS E TAPAS”: uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Prof. Dr. Karla Galvão Adrião.

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

R343f Rego Barros, Marisa Dantas do.
 “Feministas, teclas e tapas”: uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM /
 Marisa Dantas do Rego Barros. – 2019.
 151 f. : il. ; 30 cm.

 Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karla Galvão Adrião.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2019.
 Inclui referências, apêndice e anexo.

 1. Psicologia. 2. Feminismo. 3. Sexo. 4. Internet. 5. Etnografia. I. Adrião, Karla
 Galvão (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.)

(BCFCH2020-190)

MARISA DANTAS DO REGO BARROS

**“FEMINISTAS, TECLAS E TAPAS”
UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL SOBRE FEMINISMOS E BDSM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Aprovada em: 28/06/2019

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Jaileila Araújo
(Presidente da mesa - suplente)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Pablo Perez Navarro
(Examinador Externo)
Universidade Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra

Prof. Dr. Luis Felipe Rios
(Examinador interno)
Universidade Federal de Pernambuco

*À Maria Luíza Dantas
e todas as sexodissidentes que insistem em gozar*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, minha constante gratidão a Karla Galvão, essa poesia em forma de gente que me ensina todo dia que a resistência se faz sorrindo, se faz cuidando. Gratidão por ser amiga, companheira de luta, por inspirar e ser exemplo. Obrigada pela receptividade, por estar por perto, por pensar junto.

À Isabela França por ser chão, porto-seguro, e à Jucinara Rodrigues, por se fazer ninho desde que o meu mundo é mundo. Minhas companheiras dessa jornada e de tantas, gratidão por me mostrarem que caminhamos juntas, que a política se faz com olho no olho e mãos dadas. Por cada chá, cada conversa, por todos os dias que ainda virão. Obrigada!

À Luciana Dantas e Rogério Rangel, por nunca terem desistido, obrigada. Minha casa é onde estão vocês. E à Maria Luiza Dantas, por existir e me fazer inteira, e por ter estado profundamente comigo. A ela também agradeço a diagramação da capa deste trabalho.

À Jonathan de Queiroz, meu companheiro, o corpo que me ensina o amor, que me instabiliza. Obrigada por mostrar de que forma amor e liberdade se enlaçam. À ErvaDoce, meu obrigada pela ilustração da capa, tão significativa.

Às pessoas que compartilharam suas histórias comigo e tornaram este trabalho possível: Lolla, Kyav, Vince e MF. Obrigada por acreditarem.

À Revoar e a Priscilla Gadelha, minha gratidão por terem sido casa e colo, ouvido atento; às companheiras do LabESHU, à Jaileila Araújo e a todos que fazem o PPGPsi UFPE.

À Luis Felipe Rios, que generosamente me apoiou nessa aventura; à Pablo Perez Navarro, pelas partilhas potentes que dão forma a este texto.

À Coletiva Feminista Diadorim pela minha formação política, pela certeza de uma rede ativa e pulsante; à Rita, Maria e Joana pela força indispensável.

À Adriana Cavalcanti, por partilhar a vida; à Runá Paiva, por todas as provocações que me levaram a escrever, minha gratidão.

À Soraya Barreto por tanta generosidade, pela admiração e pela potência de nossos projetos. Palavras não seriam suficientes para agradecer mais essa jornada juntas. E à toda turma da componente Comunicação e Gênero de 2017.2, por me inventarem professora, minha gratidão e eterna lembrança.

À FACEPE, pela oportunidade oferecida através do financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação versa sobre as relações entre feminismos e BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo). É uma pesquisa qualitativa, situada na epistemologia feminista pós-estruturalista e nos estudos de gênero e sexualidade (BUTLER, 2003; NOGUEIRA, 2001; ADRIÃO, 2008; SARDENBERG, 2004), partindo da noção de saberes localizados (HARAWAY, 1995). Utilizando como metodologia a etnografia virtual (HINE, 2000; AMARAL, 2009) e com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa UFPE (CAAE: 96784518.1.0000.5208), o objetivo deste trabalho é investigar as relações entre BDSM e feminismos em conteúdos de plataformas virtuais, blogs e sites, e entre BDSMers. Foram selecionados dezoito textos encontrados em sites, blogs e fóruns online que relacionam “feminismos” e “BDSM” e, além disso, foram realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas com adeptos/as da subcultura BDSM por meio virtual. A observação e as interações foram registradas com auxílio de um diário de campo (BARROS; KASTRUP, 2009) e a pesquisa teve duas frentes: busca via Google e interações via Facebook. São discutidas as disputas sobre sexualidade e BDSM entre feminismos (RUBIN, 2003; GREGORI, 2008), as sexopolíticas (PRECIADO, 2011) que envolvem o BDSM e seus efeitos nas vivências de pessoas adeptas de BDSM. E para isso, o trabalho descreve como são colocadas as relações entre BDSM e feminismos em tais conteúdos e os submete à análise temática (BARDIN, 2011). As categorias analíticas discutidas no texto são as atualizações das disputas feministas em torno da sexualidade; significados de sexualidade e gênero produzidos em torno do BDSM; significados e estratégias de BDSMers entre consentimento e vulnerabilidade; vivências de prazer e sexopolíticas.

Palavras-chave: Feminismos. BDSM. Gênero e sexualidade. Etnografia virtual. Sexopolítica.

RESUME

This dissertation deals with the relationship between feminism and BDSM (Bondage, Discipline, Domination, Submission, Sadism and Masochism). It is a qualitative research, situated in poststructuralist feminist epistemology and in studies of gender and sexuality (BUTLER, 2003; ADRIÃO, 2008; SARDENBERG, 2004), based on the notion of localized knowledge (HARAWAY, 1995). With the approval of the UFPE Research Ethics Committee (CAAE: 96784518.1.0000.5208), the objective of this work is to investigate the relationship between BDSM and feminism in virtual platform content (HINE, 2000; AMARAL, 2009) as blogs and websites, and between BDSMers. Eighteen texts found on websites, blogs and online forums linking "feminisms" and "BDSM" were selected and, in addition, four semi-structured interviews were conducted with supporters of the BDSM subculture by virtual chat. Observation and interactions were recorded using a field diary (BARROS; KASTRUP, 2009) and the research had two fronts: Google search and Facebook interactions. The disputes about sexuality and BDSM between feminisms (RUBIN, 2003; GREGORI, 2008), the sexpolitics (PRECIADO, 2011) that involve BDSM and its effects on the experiences of BDSMers are discussed. For this, the paper describes how the relations between BDSM and feminisms are placed in such content and submits them to thematic analysis (BARDIN, 2011). The analytical categories discussed in the text are the updates of feminist disputes about sexuality; meanings of sexuality and gender produced around BDSM; meanings and strategies between consent and vulnerability; experiences of pleasure and sexpolitics.

Keywords: Feminisms. BDSM. Gender and sexuality. Virtual ethnography. Sexpolitics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- SAMOIS, The handkerchief color.....	39
Figura 2 –Workshop Shibari	48
Figura 3 – Oficina de shibari com Constanzx, 2017	50
Figura 4 – Pesquisa BDSM no Google	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	17
3	FEMINISMO E BDSM: JOGOS DE PODER.	18
3.1	BDSM: trocas de poder e prazer	18
3.2	Transando feminismo: as disputas e as sexopolíticas	35
4	EU, CIBORGUE E A INTERNET	52
4.1	Abrir os códigos, hackear o prazer	52
4.2	Construindo uma metodologia	57
4.3	Cuidados éticos	59
4.4	Procedimentos	60
4.5	Descrição dos resultados: Textos em sites e blogs	62
4.6	Interagindo: entrevistas e interlocuções	81
4.7	Procedimentos de análise	89
5	FEMINISTAS, TECLAS E TAPAS	91
5.1	Atualizando a página: BDSM nas disputas feministas sobre sexualidade ...	92
5.2	Corpas marcadas: alguns significados de sexualidade, gênero, raça e relacionamentos produzidos em torno do BDSM	102
5.3	Riscos em cena: Significados e estratégias de BDSMERS entre consentimento e vulnerabilidade	112
5.4	Prazeres e sexopolíticas	125
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
	REFERÊNCIAS	142
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	148
	ANEXO A – CAPA DE ERVA DOC.....	151

1 INTRODUÇÃO

Junho de 2019. Esta dissertação se lança ao mundo tratando das relações entre BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo)¹ e os feminismos encontradas em discursos online no Brasil, entre textos públicos e entrevistas. O trabalho aqui descrito é fruto de três anos de discussões e pesquisas no âmbito do Laboratório de Estudos da Sexualidade – LabESHU UFPE, sob a carinhosa e atenta orientação de Karla Galvão Adrião.

Nasci na década em que a internet começou a ter uso doméstico no Brasil e a adentrar as casas das classes médias urbanas. Minha sexualidade foi construída, entre outras vivências, por visitas escondidas a bate-papos com o tema “sexo”, o boom da pornografia online gratuita e a chegada das redes sociais na cultura virtual. Não demorou para que eu encontrasse fotos, vídeos e contos eróticos com a temática BDSM, ou ainda, conteúdos que não se diziam “sadomasoquistas” mas que continham pitadas de dominação ou “violência”. Coloquei-me numa busca contínua por esses conteúdos, tentando descobrir sites, blogs, termos de busca, práticas e limites, tendo meus desejos como direção e, ao mesmo tempo, construindo-os a partir de cada nova descoberta. Todo o ambiente virtual era um meio de expressão e de busca de informações que, além de muito amplo, dava o privilégio do anonimato.

Foi na tela do computador que me deparei pela primeira vez com a sigla BDSM, como um dos termos de busca de um pornô. O acrônimo reúne os fetiches denominados Bondage (imobilização), Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. Jogos, relações e cenas que relacionam prazer, troca de poder, dor e performances apareciam em sites, blogs, redes sociais digitais e pornografia.

Foi também online, com a consolidação das redes sociais no Brasil, que encontrei com os feminismos. Páginas do Facebook, blogs, fóruns e várias outras discussões fizeram-me questionar os papéis de gênero na sociedade e a começar a repensar a minha sexualidade, as práticas e as fantasias. Assim, o feminismo me fazia repetidamente interrogar e rever as fronteiras e os diálogos entre desejo e política. Ao mesmo tempo, me ver como feminista era a maior possibilidade de vivenciar mais livremente minha sexualidade.

Nas redes do feminismo *online*, participava de alguns grupos, curti muitas páginas e *blogs* quando o sucesso dos livros e filmes da trilogia Cinquenta tons de cinza (2011) foi

¹ Bondage/Disciplina, Dominação/submissão, Sadismo/masoquismo, uma subcultura fetichista interessada em jogos de poder e ativações da dor. Detalhado no capítulo 2.

assunto nesses meios de comunicação. Num enredo envolvente, com cenas sexuais detalhadamente excitantes, um casal heterossexual se envolve em cenas BDSM no contexto de um relacionamento afetivo permeado por posições desiguais de poder para além do jogo. Feministas de diferentes correntes e opiniões produziam conteúdo sobre o tema a partir de suas críticas, não só ao filme, mas também ao BDSM, aos fetiches e a todo contexto da sexualidade. Começavam a ficar evidentes alguns trânsitos entre feminismos e SM que se expressavam nas redes *online*. Não só o jogo entre feminismos e sadomasoquismo geravam questionamentos em mais feministas, como tais questões entravam em ebulição a partir de conexões não muito explícitas entre sexualidades, gênero, desejo, política e a relação estreita com a tecnologia.

Ao fim da graduação em Comunicação Social, estava envolvida em estudar o uso das redes sociais digitais como ferramenta pelos movimentos feministas. Ao mesmo tempo, atuava na Coletiva Feminista Diadorim, um movimento político não-institucional da cidade do Recife, com perspectivas anticapitalista, antirracista e horizontal. Nesse movimento, feminismos diferentes convergiam e divergiam com uma bonita fluidez, nas discussões de pautas e ações. As conversas sobre sexualidade, com algumas dessas companheiras estavam, assim como nas redes sociais, em torno das questões da violência, do consentimento, da vulnerabilidade e do prazer.

Se, por um lado, o “feminismo” nos mostrava o caráter construído dos nossos desejos, de nossas práticas e relações a partir de um referencial patriarcal; por outro, nos levava à ideia de que a moral, também machista, não poderia impedir nossos desejos de serem vividos. Como então, lutar por equidade social e gostar de uma prática erótica que joga com relações desiguais de poder, submissão e até castigos físicos? Como falar em consentimento em um contexto social tão desigual? Afinal, é possível ser feminista e gostar de sadomasoquismo? O BDSM pode ser feminista? BDSM é mesmo semelhante ao que eu percebia quando via na internet? Por que não há consenso sobre isso entre as feministas? E quais os argumentos delas?

Falar de sexualidade é sempre rasgar alguns véus, incomodar e, no atual contexto histórico e político esse tema invoca, ainda mais, prazer e perigo. Escrevo desde um país colonizado, no qual séculos de subalternidade recaem sobre corpos resistentes e a lógica neoliberal relega a um suposto terceiro mundo nossas vidas e saberes. Esse texto se propõe mais como uma provocação, um convite a se repensar, do que como uma produção de verdade sobre o tema.

Digito essas palavras ocupando um corpo, inserido no mundo, marcado. Nordestina, branca, meu corpo ocupa o espaço urbano, é jovem, entre tantos outros termos que poderiam descrever meu corpo, a mim. Identidades que poderia usar para invocar partes de mim, mas nunca eu toda. Não-binária? Bissexual? Pan? Essas palavras poderiam caber bem em mim, tranquilamente, assim como, com a mesma tranquilidade, não caibo nelas. Desde o cruzamento dos sistemas de nomear, encontro alento nas palavras de Preciado.

Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês. Sou um uranista confinado nos limites do capitalismo tecnocientífico. (PRECIADO, p. 2020)

Acredito numa ciência que não se propõe neutra, em saberes localizados e conexões parciais (HARAWAY, 1995). Localizo esse texto no feminismo pós-estrutural entendendo que as divergências e diálogos com outros feminismos não são apenas interessantes, mas aparecem como motor para a escrita. Também bebo da fonte dos estudos queer e das epistemologias descoloniais. Assim, situo este escrito na epistemologia feminista (SARDENBERG, 2004), em diálogo com o pensamento de Donna Haraway (1995), crítica aos valores positivistas e à ciência que se propõe a galgar o status de verdade.

Na epistemologia feminista, a validade do conhecimento está em ser parcial. Advogo por uma escrita científica que se sabe política e por isso, localiza-se em sua inevitável parcialidade. E como alternativa epistemológica e metodológica Haraway (1995, p.18) propõe a objetividade corporificada, uma “objetividade feminista [que] significa, simplesmente, saberes localizados”

O pensamento pós-estruturalista é anti-humanista e tem sua base na linguagem como um fenômeno social (NOGUEIRA, 2001). Dizer-se anti-humanista significa que abandonamos a ideia essencialista de indivíduos que têm características “por natureza”. Somos construídos. O ser é produto da linguagem; as identidades e a realidade são discursivamente construídas. O que quer dizer que a linguagem é o foco da transformação, pessoal ou social e, como fenômeno, observamos o espaço linguístico partilhado pelas pessoas (idem).

No olhar pós-estruturalista os significados não são fixos. Ou seja, a linguagem não é um sistema fixo acordado por todos, mas um lugar mutável de disputa e relações de poder. A experiência pessoal ganha sentido e estrutura-se através da linguagem e está potencialmente aberta a ser reconstruída. Pensamento, aqui, é linguagem. É pela linguagem que pensamos e construímos as experiências pessoais e coletivas e é por meio dela que propomos mudanças.

A partir do entendimento de que a subjetividade é constituída na linguagem e os significados não são fixos, "a experiência pessoal está potencialmente aberta a uma infinidade de possíveis significados ou construções. O que significa “ser mulher” ou “ser bissexual” pode ser transformado, reconstruído; para os pós-estruturalistas, a linguagem é a chave para essas transformações." (NOGUEIRA, 2001, p.15)

No contexto do feminismo pós-estrutural, contradizem-se as noções dicotômicas que separam o mundo em pares binários – natureza/cultura, masculino/feminino, objetivo/subjetivo. Nessa forma de olhar, “o conhecimento e o pensamento constituem-se subjetiva e objetivamente, e que entre estes dois termos não há necessariamente uma fronteira absoluta, sendo que o que existe – ou pode existir – é um contínuo” (ADRIÃO, 2008, p. 213). Além disso, noções como a independência entre pesquisadora e objeto, a superioridade do saber científico e a descontextualização histórica do objeto se tornam obsoletas (GERGEN, 1993).

Portanto, escrevo este texto em primeira pessoa relatando as aventuras do processo de pesquisa e análise e entendendo que meu “eu” tem caráter social e está implicado no uso da linguagem, no tempo e na história. “Quando o “eu” busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração” (BUTLER, 2015, p. 18).

É basilar para esta escrita a proposta da contrassexualidade de Paul Preciado² (2017), que explicarei detalhadamente mais a frente. O convite do contrato contrassexual é para que corpos se reconheçam a si mesmos e às outras não como homens ou mulheres, mas como corpos, ou corpos-falantes. Dessa forma, carregam em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como ocupar todas as posições de enunciação.

Para alguns a sexualidade pode parecer um tópico sem importância, um desvio frívolo de problemas mais críticos como a pobreza, guerra, racismo, fome ou aniquilação nuclear. Mas é em tempos como esse, quando vivemos com a possibilidade de destruição sem precedentes, que as pessoas são mais propensas a se tornarem perigosamente malucas sobre a sexualidade. (...) A sexualidade deveria ser tratada com especial atenção em tempos de grande estresse social. (RUBIN, 2003, p.1)

Componho este texto situando o tempo de estresse social e a importância de pensar a sexualidade como uma porta aberta para discutir sexo, gênero e políticas. Em meio às pesquisas, construí uma revisão sistemática da literatura que me permitiu mapear o campo em

² Paul B. Preciado é um filósofo e escritor feminista transgênero. Neste trabalho dialogo com obras suas editadas há mais tempo, sob autoria de Beatriz Preciado, e, mais recentes, obras assinadas como Paul Preciado.

que entrei e tentar fazer avanços nas discussões propostas. Utilizei palavras-chave em torno do meu tema em bases de dados científicos e selecionei os textos que se aproximavam do meu objeto de estudo. As buscas foram direcionadas aos termos “sodomasoquismo”, “BDSM”, “S/M”, “sexualidades dissidentes”, “feminismos”, “feminismo” e “violência + erotismo”.

Utilizei três bases de dados para a busca. O primeiro deles foi a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a Scielo, uma biblioteca científica online que agrupa artigos de uma gama selecionada de periódicos em várias áreas de conhecimento, e a Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS Brasil). Um dos primeiros textos importantes que encontrei foi uma etnografia online sobre a prática da feminização no contexto sodomasoquista, escrita em 2015 por Marcelle Jacinto Silva.

Procurando produções brasileiras na Scielo, destaco os textos de Regina Facchini e Sarah Rossetti Machado intitulado “‘Praticamos SM, repudiamos agressão’: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro” e um importante texto de Maria Filomena Gregori intitulado “Prazeres perigosos: o contrato e a erotização de corpos em cenários sodomasoquistas”. Nesse texto, a autora usava as palavras-chave “violência + erotismo” que busquei logo em seguida. A pesquisa me deu 3 resultados, todos eles relevantes, sendo dois da já citada Filomena Gregori (2012, 2008) e um de María Elvira Díaz-Benítez (2015). Porém, os termos “sodomasoquismo” e “BDSM” conjugados com “feminismo” não me deram resultados.

Os textos encontrados organizei em uma grande lista da qual selecionei 18 trabalhos e montei uma tabela contendo as seguintes informações: Título; Autor/; Ano; Instituição; Revista; Área. Dentre os textos selecionados, 5 de 18 eram de pesquisadoras/es da UNICAMP, seguida pela UFRJ, UFC, UERJ, UFSM, PUC Rio, UFPE, UFSC, Universidade Huelva e Universidade de Fortaleza. Mesmo sem filtrar por tempo, as produções selecionadas foram todas após 2003 com maior incidência depois de 2012. O ambiente virtual como pano de fundo para pesquisar sobre BDSM aparece na pesquisa sistematizada nos trabalhos de Marcelle Jacinto (2015), Zilli (2007), Raíra Santos (2016) e Elizabeth Lewis (2016) principalmente a partir da importância do crescimento do acesso à rede para criação de comunidades fetichistas e da potência dessa ferramenta em termos de anonimato. Com isso notei minhas aproximações e distanciamentos, rastreando aquelas referências que poderiam me ajudar a compor o trabalho.

Como meu objeto de estudo se dá em torno de uma relação entre BDSM e feminismos deixei de selecionar todos os textos que tratavam sobre BDSM pela via psiquiátrica ou médica, mas não pude deixar de perceber a presença destes textos tanto na revisão sistemática

quanto em pesquisas não-sistematizadas em bases de dados científicos. Dessa forma, os textos selecionados versam sobre as visões construcionistas da sexualidade, que se opõem as noções essencialistas que veem a sexualidade como um traço de natureza no ser humano. A chegada da visão construcionista sobre a sexualidade se deu a partir das provocações geradas pelo momento político denominado "epidemia da AIDS", anteriormente, pesquisas sobre a sexualidade tiveram seu foco sobre as visões essencialistas da prática clínica e da sexologia (PAIVA, 2006). O campo que se configura circunscrevendo o tema tem a influência primordial do trabalho de Foucault, sua noção de poder e do "dispositivo da sexualidade" (GREGORI, 2014).

Sob este olhar, os trabalhos de maior relevância ao meu tema não tinham como objeto a relação entre BDSM e feminismos, mas situam contundentemente a importância de um para o outro. Maria Filomena Gregori (2003; 2004; 2008; 2012; 2014; 2016) discute violência e erotismo a partir de etnografia, de Bruno Zilli (2007; 2009) dialogando a legitimação do BDSM online com a psiquiatria, Regina Facchini (2009; 2013) sobre sociabilidades BDSM no Brasil, Jorge Leite Jr (2000), que historiografou o termo BDSM e María Elvira Díaz-Benítez (2009; 2015) com as fissuras e limites da sexualidade, se mostraram leituras básicas recorrentes na maior parte das teses e dissertações que circundam o tema BDSM. Nestes trabalhos, a relação entre feminismos e fetichismo está colocada, e apesar de não ser o foco de nenhum destes trabalhos, como mostrou a busca sistemática, me dá pistas preciosas de caminhos a seguir e em que pontos meus escritos se inserem nesse cenário brasileiro.

Filomena Gregori (2008) coloca este eixo de estudos a partir do interesse de investigar os "limites da sexualidade" e as interlocuções entre algumas manifestações do erotismo contemporânea, como o BDSM, e as teorias de gênero e sexualidade. Para ela, estes estudos relacionam de forma inseparável gênero e sexualidade acionando o foco em tal prática. O campo é das experiências eróticas situadas entre o prazer e o perigo, e tem por inspiração a coletânea de Carole Vance (1984) e que ela descreve como

um conjunto de situações sociais, extremamente ricas para pensar, em que está presente a noção de que, ao aprender e seguir aquelas normas práticas, o que poderia ser visto como violência passa a ser visto e sentido como prazer. (GREGORI, 2014, p. 57)

A proposta de articular BDSM e feminismos se dá como uma estratégia, uma ferramenta que me permitirá discutir as disputas entre feminismos, alguns significados de gênero e sexualidades, a discussão sobre consentimento e vulnerabilidade e as sexopolíticas (PRECIADO, 2011). Para isso, após os objetivos, o próximo capítulo, "Feminismos e BDSM:

jogos de poder” tratará de introduzir os feminismos, o BDSM e as relações de poder que contornam esse enlace.

Início o primeiro tópico “BDSM: trocas de poder e prazer” resgatando a história do termo “sodomasoquismo”, que veio dar origem ao acrônimo BDSM a partir da resistência dessa subcultura. Detalho neste capítulo o BDSM, as atividades e políticas envolvidas tentando desfazer os variados estereótipos construídos pela mídia, sobretudo pela trilogia Cinquenta tons de cinza (2011). Trago alguns significados importantes para essa subcultura, as noções de consentimento e os fetiches.

Ainda no segundo capítulo, o tópico “Transando feminismos: as disputas e as sexopolíticas”, coloca a pluralidade dos feminismos e as disputas em torno da sexualidade. Longe de ser consenso entre as feministas, embates envolvendo diferentes noções de poder tensionam o campo tendo os prazeres e perigos como arena. Nesse sentido, argumentos antipornografia e sexopositivos são discutidos neste tópico. Para seguir o caminho dessa pesquisa, o pensamento feminista pós-estruturalista e a abordagem de poder foucaultiana são detalhados chegando ao conceito de sexopolítica (PRECIADO, 2014) e à contrassexualidade.

O capítulo terceiro, “Eu, ciborgue e a internet” versa sobre as sexualidades em conexão com a internet. A partir o ponto de vista feminista, a proposta é de abrir os códigos e hackear a linguagem virtual sobre sexualidade. Dessa forma, o tópico 3.2 descreve a metodologia utilizada, a etnografia virtual, além dos Cuidados éticos. Os caminhos percorridos para chegar aos dados estão destacados nos Procedimentos e, posteriormente, a descrição densa dos 18 textos analisados e apresentação das quatro pessoas entrevistadas: MF, Kyav, Vince e Lolla. Este capítulo se encerra com a composição das categorias de análises.

A quarta parte desta dissertação tem por fim traçar uma análise temática (BARDIN, 2011) dos textos e entrevistas explorados. “Feministas, teclas e tapas” traz as possíveis relações entre BDSM e feminismos, separando-as em quatro categorias que dão nome aos tópicos referentes: “Atualizando a página: BDSM nas disputas feministas sobre sexualidade”; “Corpas marcadas: alguns significados de sexualidade, gênero, raça e relacionamentos produzidos em torno do BDSM”; “Riscos em cena: significados e estratégias de BDSMers entre consentimento e vulnerabilidade” e, por último, “Prazeres e sexopolíticas”. Por fim, as considerações finais que trouxeram mais questionamentos do que conclusões, mas abrem portas e provocam.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar como se dão as relações entre feminismos e BDSM nos discursos online no Brasil.

2.2 Objetivos específicos

- Discutir as atualizações das disputas feministas em torno da sexualidade a partir do BDSM;
- Entender significados de sexualidade e gênero produzidos em torno do BDSM;
- Analisar significados e estratégias de BDSMers entre consentimento e vulnerabilidade;
- Visibilizar vivências de prazer e sexopolíticas sobre BDSM e feminismos.

3 FEMINISMO E BDSM: JOGOS DE PODER.

3.1 BDSM: trocas de poder e prazer

A partir de então, todos serão percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual. Mas, tomando ao pé da letra tais discursos e contornando-os, vemos aparecer respostas em forma de desafio: está certo, nós somos o que vocês dizem por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês." (FOUCAULT, 1985, p. 234)

Para pensar o sexo atualmente é preciso resgatar suas dimensões histórica, política e cultural. Nesse exercício, desde Foucault (1985) em sua História da Sexualidade, mas não só, o discurso sobre o sexo aparece como ferramenta de controle e a sexualidade como um dispositivo que sempre esteve em disputa de interesses “burgueses, brancos, heterossexuais e falocráticos” (PELÚCIO, ÁLVARO, 2013, p.1). Assim, para entender o sadomasoquismo (e o BDSM), busquei a construção desse conceito e como tal termo tem explicado comportamentos e práticas diferentes ao longo da história.

A evolução do termo sadomasoquismo foi estudada por Jorge Leite Junior (2000). Segundo ele, o início do uso dos termos sadismo e masoquismo é controverso, e alguns indícios atribuem o termo como cunhado pelo Dr. Krafft-Ebing, psiquiatra austríaco estudioso das "sexualidades anormais". As palavras foram pensadas a partir dos nomes do Marquês de Sade e de Sacher-Masoch, e terminaram por designar o psicodiagnóstico dos comportamentos de sadismo, prazer em infligir dor, e masoquismo, prazer em sentir dor. Depois, sadomasoquista seria aquele/a que sofre dos dois males (LEITE JÚNIOR, 2000).

O Marquês de Sade foi um escritor francês de origem nobre que ganhou fama no século XVIII por sua vida desregrada, orgias e fantasias cruéis. As obras de Sade tiveram como fundamentos a crueldade, a tortura e a dor relacionadas ao erotismo. É de seu nome que vem o que conhecemos por “sadismo” – o prazer em causar dor. Seus livros, apesar de celebrarem a androginia, o travestismo e a bissexualidade, tem como característica a submissão da mulher, a aversão à vagina e aos valores tidos como femininos (LEITE JUNIOR, 2000).

Leopold Von Sacher-Masoch foi outro escritor europeu cujo nome deu origem ao termo masoquismo. Seu livro mais famoso, “A Vênus das Peles”, reflete seu interesse por mulheres dominadoras num enredo baseado em sua vida. Para ele, homens deveriam se submeter às mulheres, superiores e dominadoras por natureza. Ele ainda era vivo quando o

Dr. Krafft-Ebing, numa perseguição aos ditos pervertidos, nomeou de masoquismo uma variante da algolagnia - o prazer na dor física.

Krafft-Ebing percebeu que muitos dos casos de perversão não estavam diretamente ligados à sensação física da dor, mas à atitude psicológica. Em seu livro *Psychopathia Sexualis* (1907), sadismo, masoquismo, fetichismo e antipatia sexual aparecem como paraestésias, uma das categorias de neuroses sexuais cerebrais. O sadismo seria a apresentação extrema e patológica de uma tendência masculina à dominação. O masoquismo, a exacerbação da submissão feminina. Como seus casos não corroboravam com essa hipótese, ele acreditou que homens “masoquistas” apresentavam o início da “antipatia sexual” e eram “parcialmente efeminados”.

Ainda no século XIX, houve a importância dos estudos de Freud sobre histeria (a “doença do útero”), sobre sexualidade infantil e sobre o inconsciente. Suas teorias atenuavam os limites entre “são” e “doente sexual”. Ampliando visões estritamente biológicas, Freud procurou explicar as “aberrações” dos comportamentos sexuais pela via psicológica. O sadismo e o masoquismo foram enquadrados como “Fixações de alvos sexuais provisórios” assim como as “transgressões anatômicas” (práticas sexuais com partes do corpo que não os tais genitais) e as demoras no que precedia o ato sexual (a penetração). Freud colocou que sadismo e masoquismo eram duas manifestações de uma mesma perversão. As formas ativa e passiva da tal perversão, encontravam-se na mesma pessoa, advinhavam de fonte única. É desse pensamento que a união dos termos cria uma nova categoria de pervertidos: sadomasoquistas. (LEITE JUNIOR, 2000).

A importância dessa história clássica sobre o sadomasoquismo está, principalmente, em ajudar a entender a construção das visões negativas sobre essa subcultura e seus adeptos na nossa sociedade. Foi no discurso da ciência psicológica, tão interessada nos enlaces entre dor e prazer, que o SM ganhou caráter de patologia e perversão. Mas, os pervertidos sadomasoquistas desses autores, já não são os BDSMers³ da atualidade.

A cultura sadomasoquista formou-se graças à resistência de indivíduos que não quiseram ser patologizados - e muito menos criminalizados - forjando assim um “estilo de ser” que se diferencia tanto daqueles de sexualidade “normal”, quanto dos assassinos e doentes das ciências da psique. (LEITE JUNIOR, 2000, p.97)

Com intenção de afastar as ideias patologizantes, movimentos da chamada *Leather Culture* (Cultura do Couro) passaram a incluir no SM, as letras B e D, referentes ao Bondage

³ BDSMers são pessoas adeptas da subcultura BDSM, por vezes nomeadas como “praticantes”.

e à Disciplina e Dominação, no par D/s da sigla. E novos sentidos foram sendo construídos sobre a atividade pelos movimentos feministas, gays e lésbicos norte-americanos.

Leather é uma categoria mais ampla que inclui homens gays que praticam o sadomasoquismo, homens gays que fazem a penetração anal com o punho, homens gays que são fetichistas, e homens gays que são másculos e preferem parceiros masculinos. O couro (leather) é um símbolo polivalente que tem sentidos diferentes para diferentes indivíduos e grupos nessas comunidades. Entre os homens gays, o leather e sua linguagem masculina foram a principal base para o sadomasoquismo gay masculino desde o final da década de 1940. Outros grupos articulam desejos similares em diferentes constelações sociais e simbólicas. Por exemplo, o sadomasoquismo heterossexual, durante quase todo esse período, não estava organizado em torno do símbolo do leather, linguagens masculinas ou territórios urbanos. "Leather" é uma síntese histórica e culturalmente específica na qual determinadas formas de desejo entre homens gays foram organizadas e estruturadas socialmente. [Gayle Rubin em entrevista a Judith Butler] (RUBIN; BUTLER, 2003, p. 202)

As saídas do armário foram crescendo. Declararam-se adeptos da cultura SM pessoas como Foucault; e feministas como Gayle Rubin e Pat Califia advogaram pela coerência entre feminismo e SM (vamos ver mais sobre isso no próximo capítulo). Margot Weiss (2011) observava a recente circulação do termo BDSM no meio e aponta que Reiersol e Skeid (2011) datam de 1991 o surgimento do termo que abarca BD + SM, S/M e S&M como termos que serviriam para distanciar o estigma social produzido extensamente pelos estudos patologizantes. Ela também apontou a preferência da comunidade pelos termos BDSM, SM e S/M. Utilizarei essa nomeação, entendendo que os outros termos também fazem parte do repertório desse tema e nem sempre estão ligados a visões patologizantes. Usarei também BDSMer (WEISS, 2011) para nomear aquelas pessoas que são adeptas da subcultura BDSM.

No Brasil, Wilma Azevedo, Henfil e Glauco Mattoso escreveram autobiografias fetichistas reais e/ou ficcionais nos anos 1980. O "Manual do podólatra amador" de Glauco Mattoso (1986) tem em seu enredo a podolatria, fetiche por pés, e também marca a importância das referências estrangeiras para o que vinha se constituindo aqui como BDSM. Wilma Azevedo em seus textos "Sadomasoquismo sem medo", "A vênus de cetim" e "Tormentos deliciosos" utilizou e divulgou o termo "sadomasoquismo erótico". Com seus escritos ela também evidenciou a rede de comunicação fetichista que existia via classificados dos jornais, e que atualmente migraram para a internet. O cartunista Henfil é considerado a primeira pessoa pública a assumir a posição SM no Brasil. Ele afirmou em entrevistas e palestras sobre refletir a si mesmo em seu personagem Fradin, o masoquista. (FACCHINI; MACHADO, 2013)

BDSM é uma sigla que se refere à subcultura interessada em trocas eróticas de poder e experimentações com a dor. O acrônimo BDSM é formado por pares de letras que significam

práticas específicas, apesar de interligadas: BD, DS, SM. Apesar de atividades similares ao BDSM contemporâneo existirem em outros períodos históricos e diversas culturas, o "fenômeno" que denominamos BDSM é localizado nas sociedades capitalistas industrializadas (WEISS, 2011). Nesse contexto, todas as atividades são pressupostamente negociadas, consensuadas e consentidas. Tentarei explicitar alguns aspectos de cada uma dessas variações, entendendo que no campo do prazer e da criatividade toda visão é reducionista e que as fronteiras entre BDSM e seu "oposto", o sexo baunilha, são feitas de linhas frágeis.

Na dinâmica da cena os corpos ocupam a posição pré-estabelecida em acordo: Top ou bottom. Top é o corpo que está em posição "superior", e bottom, "inferior". Essa denominação ajuda a afastar tanto a ideia de "atividade x passividade", como também o estereótipo de que em toda cena BDSM existe a dinâmica de dominação/submissão. Esses termos também são usados para designar uma "identidade" no meio, acrescidos da posição de Switcher, aquele corpo que ora pode ser Top, ora bottom. Essas palavras, assim como muitas outras encontradas no universo BDSM estão em inglês e suas traduções nem sempre existem, como no caso Top e bottom, algumas vezes a tradução pode gerar confusão entre palavras ou os termos em português não são populares no meio. Os espaços de interação social presenciais como grupos, festas e clubes associam-se à ferramenta da internet que está recheada de sites, blogs, salas de bate-papo, listas de discussão e fóruns, grupos e comunidades em redes sociais digitais compondo o que é chamado de "meio", "comunidade" ou eventualmente "movimento" (FACCHINI; MACHADO, 2013).

Os termos *SM* e *BDSM* são usados de forma intercambiável para denotar uma comunidade diversa que inclui aficionados por amarração, dominação/submissão, dor ou *sensation play* (cenas sobre sensações), troca de poder, *leathersex* (sexo com elementos de couro), *role-playing* e fetiches. A comunidade abraça uma larga variedade de práticas, de tipos de relacionamentos, e de papéis, que vão desde as práticas mais comuns (por exemplo, amarração por cordas ou chicoteamentos), para as menos comuns (cenas com o tema do incesto ou cenas nos quais um dos praticantes imitam um pônei), e ainda assim todas essas variações são colocadas sob o termo guarda-chuva do *BDSM* (WEISS, 2011, p. VII, traduzido)

Bondage se refere à atividade de amarrar, imobilizar, limitar o movimento de um corpo. É feito com diversos materiais como cordas, faixas, fitas colantes, plástico filme, correntes etc. Há um componente estético nas amarrações, que podem acontecer em variadas posições, inclusive com a intenção de suspender o corpo, como nas performances abertas nas quais as pessoas ficam penduradas mais ou menos imóveis em árvores. Pode ou não estar no contexto da dominação, assim como promover dor. Essas amarrações podem ser a finalidade de uma cena ou estar associada a alguma outra prática como a provocação de sensações na

pele, carinhos, chicotadas, tapas, penetrações e tantas possibilidades quanto a imaginação permitir. Uma variante famosa do bondage é a prática japonesa do shibari, as amarrações com cordas. B/D se referem ao par Bondage e Disciplina. A disciplina é um jogo no qual a pessoa que está na posição *top*, “disciplina” algum comportamento na outra. Pode ou não fazer uso do Bondage, assim como de castigos físicos em geral. O referencial Top na prática da disciplina é a *Tamer* (domadora) e a bottom é *brat* (traduzido como "pirralho" para o português, mais uma das questões de tradução).

O par D/s, dominação e submissão, se refere a uma relação de troca de poder, uma dinâmica relacional que pode acontecer por uma sessão, um dia ou uma vida inteira, a partir do acordo. Alguém domina, alguém se submete. *Top* e *bottom*, Domme (ou Dom) e sub, dominadora e submissa. De forma mais ampla que as práticas anteriores, esse é o jogo mais conhecido do BDSM. Designa uma relação, enquanto as outras letras referem-se a práticas corporais (pontuais ou não). É uma atividade ritualística, performática, na qual há um jogo de poder relacional em voga, lida mais com sentimentos do que necessariamente com sensações físicas e se expressa por meio de uma linguagem verbal e corporal que performa poder e submissão.

A D/s acontece no nível da relação e não pressupõe por si nenhum tipo de contato físico. A dominação pode ou não estar associada a castigos físicos e invoca enredos e narrativas das mais variadas, contextualizando a cena. São enredos possíveis Daddy/little girl (ou boy), pet/dono, escrava/senhora, mestre/servo, rainha/súdito. Não são raras D/s online, como mostra o episódio 1 da série Dark Net, da Netflix. No episódio a personagem Kristie domina Drew por meio de diversos aplicativos que a ajudam a controlar várias áreas da vida dele, como alimentação e exercícios físicos no enredo “Dominate and her pet”.

Sadismo e masoquismo são termos que trazem a ideia da dor no corpo. A bottom, o corpo masoquista, interessa se entregar aos prazeres de sentir dor, de conhecer os limites da pele. A top sádica se diverte em infligir essa dor, assistir o outro corpo reconhecer seus limites, a reação da pele ao sentir. É um termo de ordem prática, não diz respeito uma relação, é sobre uma atividade que acontece aqui e agora e os pares não tem poder relacional sobre o outro. Diversas práticas são incluídas aqui, como os espancamentos, as chicotadas, os tapas, o uso de objetos perfuro-cortantes, os enforcamentos e muitas outras. Da mesma forma que as anteriores, pode ou não estar ligada à dominação ou performar determinado enredo. Apesar de a Top ter controle da prática, a baliza do que será feito e dos limites é a sensação da bottom. “Quem “comanda” toda a cena é o corpo masoquista. Ele é o foco central, pois seus limites serão os norteadores de toda relação.” (LEITE JUNIOR, 2000, p.91)

Estas trocas de poder se organizam em pelo menos três possibilidades: EPE (Erotic Power Exchange), PPE (Partial power exchange), TPE (Total power exchange). A primeira se refere às relações na qual a D/s apenas se aplica durante uma cena erótica, enquanto a segunda ocorre em momentos além da cena, mas ainda restritos ou pontuais, com começo e fim. A TPE é uma dinâmica na qual a troca de poder ocorre constantemente, os papéis são fixos e a dupla acorda estar "24/7" (24hrs por dia e sete dias por semana) ocupando os lugares de Top ou bottom, seja ou não em contexto "sexual". Nesse tipo de relação pode acontecer de os pares decidirem por protocolos de consentimento que abrem mão da "palavra de segurança", por exemplo, ou ter mais de um protocolo.

Uma sessão BDSM pode ser profissional, casual ou em algum tipo de relacionamento. As pessoas se encontram para praticar em festas temáticas, em clubes, nas chamadas masmorras mas também nas suas casas. Algumas relações têm por objetivo ter sessões BDSM, outras tem o BDSM como uma atividade esporádica. Nem sempre existem ligações afetivas ou relacionamentos entre as praticantes. Algumas pessoas usam como mais uma “ferramenta” dentro de relacionamentos afetivo-sexuais, outras têm o BDSM como principal fonte de prazer - associando em diferentes graus BDSM ao “sexo”. O termo "baunilha" se opõe à ideia de BDSM, é um termo que emerge do campo e designa o sexo convencional, o não-BDSM, assim como pessoas que não partilham a vida feticlista, relações fora desse âmbito e o eixo da vida cotidiana "fora da cena". Baunilha é o sabor de sorvete mais básico (há também pontuações sobre ser o sorvete "sem-graça", mas isso é outro assunto).

Essas denominações são amplas e agrupam uma série de prazeres e práticas. No BDSM os detalhes de cada fetiche se fazem importantes para a composição de uma cena e para a negociação explícita, conhecimento de possíveis riscos, consenso e consentimento. A noção de consentimento é mais complexa do que “sim” ou “não”. Na cena, podem ser acordados detalhes em maior ou menor grau. Por exemplo, posso querer um “spanking” [espancamento] com cinto mas não com as mãos. E esses limites, em cena, são apontados a partir da "palavra de segurança" (ou safeword) dentre outras dinâmicas.

A palavra de segurança ou safeword é um artifício que pausa a cena. É uma palavra combinada antes da sessão que, quando usada, interrompe o jogo seja por desconforto, dor, ou qualquer efeito. Durante atividades em que uma das partes esteja impossibilitada de falar podem ser usados gestos (safegesture), sinos, ou qualquer sinal de fácil acesso. A proposta é de que a palavra de segurança faz parte do jogo, ajudando no mapeamento das sensações de prazer, e dos limites; por isso é um artifício que deve poder ser usado com conforto e sem constrangimento. A safeword serve para que "Não", "Pare" etc sejam incorporadas ao jogo e

isso não deixe brechas na garantia de um jogo mutuamente prazeroso. Da mesma forma, um sistema de safewords pode significar pare/diminua a intensidade/aumente a intensidade como a tríade conhecida vermelho, amarelo e verde.

A safeword/palavra de segurança, os contratos, assim como a base SSC e os protocolos de consentimento são estratégias usadas no contexto BDSM para afastar as possibilidades de violência e abuso. O abuso está presente no meio BDSM da mesma forma que se presentifica no contexto da sexualidade em geral. Me chamou os olhos ter encontrado tanta preocupação e atenção aos casos de abuso dentre os grupos BDSM e a importância entre as pessoas adeptas tanto de punição, em forma de hostilização do abusador, quanto de inúmeras estratégias de prevenção da eterna ameaça da violência.

SSC é uma base de consentimento. São, Seguro e Consensual. Ou seja, estando dentro desse referencial a prática está "afastada" de possíveis riscos como lesões indesejadas ou "violência" e abuso sexual. SSC é tida como a sigla máxima do BDSM, o princípio, um pilar. Foi cunhada pelo grupo New York's Gay Male S/M Activists (GMSMA) como afirma David Stein (2002), submisso e fundador do GMSMA, por volta de 1983. Esse grupo era uma "organização sem fins lucrativos de homens gays em Nova Iorque que estão seriamente interessados em S/M são, seguro e consensual" (STEIN, 2002, p.1, tradução livre). A ideia é baseada em "Safe and sane", uma expressão popular na época, e na necessidade de promover a consensualidade. Prós e contras do uso do SSC assim como de propostas alternativas foram debatidas por representantes da comunidade SM/Leather na preparação para a March on Washington for Lesbian and Gay Rights (Marcha pelos direitos Gays e Lésbicos de Washington) em 1987.

Esse "fundamento" funciona em determinados discursos como elemento fronteiro entre o que alguns consideram "ser BDSM" ou "não ser BDSM", deixando circunscritas à subcultura somente as práticas que respeitam a sigla e considerando como "violência" os atos que não consideraram esse referencial. É por meio do SSC que muitos argumentos anti-BDSM são rebatidos e ela se tornou um "padrão mínimo para S/M eticamente defensável" (STEIN, 2002, p. 4). Afinal, se é são, seguro e consensual, que mal tem?

Em 1983, o GMSMA's se viu diante da questão entre se abrir para lidar com todas as formas que o SM era vivido, incluindo serem atacados pela mídia quando acontecesse qualquer denúncia casos de "sodomasoquismo" abusivo; ou limitar o campo, demonstrando o interesse e a defesa apenas no SM São, Seguro e Consensual. Longe de tentar inventar limites para a aceitabilidade das atividades, a tentativa foi de diferenciar o bondage, a tortura, a dor infligida a parceiros dispostos e para satisfação mútua, do abuso e da coerção a vítimas

involuntárias. Dessa forma o grupo tentava escapar das objeções ao SM - demonstrando que o constante policiamento a essa comunidade não passava de fobia sexual, o reforço de tabus sobre o sexo e as expressões de sexualidade. Stein (2002) ainda mostra a importância do SSC para os membros da comunidade que, internalizando os preconceitos acreditavam que seus prazeres os tornavam diretamente vítimas ou predadores sexuais.

A estratégia do SSC foi, essencialmente, uma articulação da linguagem que inseriu no vocabulário sexual os termos do SM consensual. Os preconceitos internalizados que Stein mostra tem a ver principalmente com a falta de linguagem que diferencie a experiência de satisfação mútua do SM da gramática da violência, do abuso a partir da qual o SM estava sendo pensado. Hoje em dia, o SSC tem sido também um certo obstáculo em avançar os debates sobre a necessidade do diálogo, do compartilhamento de fantasias, do estudo e do autoconhecimento para tais atividades. Nenhum protocolo ou base, como o SSC, (nem a palavra de segurança), por si só, podem impedir uma experiência ruim ou um abuso, mas elas apontam caminhos por onde uma boa experiência pode começar.

Esse "fundamento" funciona em determinados discursos como elemento fronteiro entre o que alguns consideram "ser BDSM" ou "não ser BDSM", deixando circunscritas à subcultura somente as práticas que respeitam a sigla e considerando como "violência" os atos que não consideraram esse referencial. É por meio do SSC que muitos argumentos anti-BDSM são rebatidos e ela se tornou um "padrão mínimo para S/M eticamente defensável" (STEIN, 2002, p. 4). Afinal, se é são, seguro e consensual, que mal tem?

Meus incômodos com a sigla começaram tão logo me interessei pelas psicologias críticas. São, se refere ao estado mental de cada corpo, seu bem-estar e situação emocional, incluindo as alterações por consumo de álcool e outras drogas. Nesse pensamento, uma sessão BDSM estaria infringindo o pilar tido como básico se fosse precedida por exemplo, de algumas taças de vinho, ou se alguma das pessoas envolvidas tiverem diagnósticos psiquiátricos. Além disso, sanidade é um conceito perigoso, afinal é por meio dessa divisão entre sãos e doentes que BDSMers, tem sido colocadas no eixo das patologias psi e da não-normalidade - assim como aconteceu e acontece com algumas identidades sexuais e de gênero. Não é estratégico tentarmos criar um limite de "insanidade" quer seja em pessoas, quer seja classificando as práticas. Uma base de consentimento precisa, antes de tudo, funcionar para aquelas sujeitas, estar consonante com os desejos e limites das praticantes, com seus estilos de vida e formas de pensar o prazer. Não parece ser eficiente seguir um protocolo de consentimento que não dialoga com todas as possibilidades de contexto mais amplo ou coloca uma sessão BDSM em um espaço imaginário fora do cotidiano.

Segurança também era um termo que me deixava inquieta. Qual a noção de segurança? E, se considerarmos "excluir riscos de vida/lesão", já estariam excluídas práticas como knifeplay, needleplay, eletroestimulação entre muitas outras, afinal, o risco é implícito em algumas práticas e inexoráveis em outras. Assim como é no *bareback* (fetiche acerca da penetração sem preservativo), "transar sem camisinha", ou pular de bungee jump. Risco, algumas vezes, é o elemento central do ato, motivação para os desejos e provocador do tesão. Como assumir uma base de segurança em uma prática que joga com riscos? Nesse contexto, falar em garantia de segurança aparenta mais mascarar riscos do que dialogá-los, e a partir da partilha de informações, pensar em redução. Há ainda outra reflexão importante, em casos de falha na segurança, é comum a pessoa que está em posição Top ser responsabilizada por acontecimentos. Mas, dentro do processo de acordo dos atos a serem performados, tanto Bottom quanto Top têm responsabilidades - inclusive porque esse jogo deve começar em posições de equidade, diálogo e consenso.

O consentimento tem sido visto no eixo das sexualidades e dos direitos sexuais como a base que legitima as práticas sexuais. O debate sobre prazer e perigo nas vivências sexuais, tem, segundo Filomena Gregori (2014) se concentrado nas noções de consentimento e vulnerabilidade, em forma de práticas e discursos que se concentram em evidenciar consentimento entre corpos envolvidos no ato e, na vulnerabilidade, a partir da presunção de suas capacidades e incapacidades de consentir. Atualmente, a noção de consentimento segundo uma vontade individual, uma decisão voluntária a partir de um sujeito capaz se torna problemática em sociedades em que os indivíduos, legalmente inclusive, não são considerados "iguais". Assim, Filomena complexifica o consentimento mostrando que, o "consentimento não presumido" circunda em diferentes tons todas as posições sociais de vulnerabilidade.

Consentimento e vulnerabilidade ganham diferentes tons e importâncias, de forma que um se sobrepõe ao outro na explicação de situações, colocando o sujeito como ocupante de uma ou outra posição - em especial, na total vulnerabilidade a qual são colocadas pessoas "vítimas" por médicos, legistas (GREGORI, 2014). "Quer dizer, o problemático do consentimento está ancorado na complexidade da definição do sujeito e de sua vulnerabilidade enquanto tal, ou seja, se ele é capaz de externar de modo consciente o seu consentimento" (idem, p. 54). Filomena analisa que o SSC funciona para a comunidade SM como revelador das mesmas preocupações em sentido contrário, em uma tentativa "processualística" de abstrair a vulnerabilidade e centrar-se no consentimento. Os protocolos, como o SSC, têm essa função de permitir que as atividades sejam tomadas como eróticas e não como violentas, criando um ambiente no qual se acredita que " ao aprender e seguir

aquelas normas práticas, o que poderia ser visto como violência passa a ser visto e sentido como prazer." (idem, p. 56).

Em vez de provocar reflexões sobre o que seria fazer SM eticamente, a premissa SSC tem sido seguida quase como uma religião, da qual o SM não pode se separar sob a pena de ser relegado ao campo da violência, do abuso. Popularizaram-se ideias como a de que SM dentro do SSC é bom e fora dele, é ruim; e de que além de necessário, O SSC é suficiente, absolvendo as responsabilidades de atenção, zelo, compaixão (STEIN, 2002). "Tornou-se literalmente um princípio: um marcador linguístico usado para distinguir "nós" de "eles" (It has become literally a shibboleth: a linguistic marker used to distinguish "us" from "them.") (idem, p. 1, tradução livre). Nós, BDSMers éticos, e eles, estupradores?

As questões que envolvem o SSC ser colocado como um princípio para o BDSM giram em torno da sua insuficiência e, mais uma vez, do estabelecimento de limite para o que aceitável e não é. Quando foi proposto, o GMSMA's não tinha por intenção que o SSC se transformasse em um princípio, dessa forma quase ortodoxa, mas sim que fosse um facilitador do diálogo entre as partes, algo que se opusesse a "descuido, irresponsabilidade e desinformação" no BDSM.

Só porque uma interação S/M é segura, sensata e consensual, não significa que seja bem feita, mutuamente satisfatória ou que vale a pena copiar! [Just because an S/M interaction is safe, sane, and consensual doesn't mean that it's well done, mutually satisfying, or worth emulating!] (STEIN, 2002, p. 5, tradução livre).

Apesar de tudo, ter referenciais básicos no campo dos acordos que olhem no sentido de garantir integridade dos pares, da observação criteriosa de seus estados mentais, e dos movimentos de consentir e consensuar, soa imprescindível. Precisamos de bases protocolares que não só tragam contornos à prática como estejam, como o SSC, fortemente ligados à ideia geral de BDSM. Foi e é de extrema importância o alcance que a sigla SSC ganhou "dentro e fora da cena" pelos esforços dessa comunidade - por vezes impelida pelos questionamentos de sujeitas curiosas ou até mesmo contrárias à subcultura BDSM. Foi o SSC que, por muito tempo, norteou minhas práticas eróticas e atualmente, a premissa SSC está na mídia, nas matérias de revista e blogs, e é ampla e profundamente discutida entre BDSMers.

Anos mais tarde, iniciando o mestrado, participei de uma oficina de shibari, sobre a qual falarei mais a frente. Logo no início dessa oficina, a facilitadora tentou economizar o tempo ao falar sobre isso para que pudéssemos partir para as amarrações, mas trouxe uma proposta que jogou um facho de luz nas minhas inquietações sobre o tema. Ela segurava no colo um pequeno notebook de onde mostrava alguns slides com explicações "básicas" sobre BDSM. Uma de suas colocações problematizava o SSC, e ampliava a crítica. Ela disse que

SSC é uma das bases de consentimento, mas que existem outras também organizadas em siglas, e orientadas de diferentes formas, e nos apresentou a RACSA - Risco Assumido Consensual em atividades Sexuais Alternativas, que segue a mesma proposta do RACK - Risco Assumido e Consensual em práticas Kink (Risk Aware Consensual Kink). Gostei da ideia, pensar em riscos assumidos e dialogados soou melhor do que sanidade e segurança.

RACK ficou popular nas comunidades BDSM por causa das insatisfações com a proposta do SSC, que já eram presentes desde sua popularização nos anos 1980. Tão logo SSC se popularizou nas comunidades gays e lésbicas norteamericanas estampando camisas como um slogan direcionado aos interessados na LeatherCulture, apareceram camisas com respostas em tom de brincadeira como "Unsafe, Insane and Nonconsensual" (inseguro, insano e não-consensual). Gary Switch então, propôs o RACK como um "slogan" alternativo ao SSC. Significa Risk Aware Consensual Kink, ou Risco assumido e consensual kink. A proposta foi de abandonar a prerrogativa de segurança em detrimento à uma ideia de reduzir os danos, de estudar os riscos. Além disso, o termo "kink" foi adicionado para delimitar ao universo SM (SWITCH, 2001). A tradução pode ser feita para perversão consensual ciente de riscos.

Assim como a RACK várias outras siglas já foram propostas em variados contextos, apesar de algumas terem popularidade limitada. São exemplos PRICK (Personal responsibility in consensual kink), RISSCK (Risk Informed, Safe, Sane, Consensual Kink - Perversão Consensual São, Segura e de Risco Informado), PCRM (Prática Consensual com Riscos Minimizados, SSS (São, seguro e sensual). Também houve a proposta CCC ou os Três C's, recebida por Stein (2022) após a publicação sobre o SSC mas mais antiga que esta, que significa Committed, Compassionate, Consensual (Comprometido, Compassivo, Consensual). E a 4Cs (caring, communication, consent, and caution) delineada por D. Williams, Jeremy Thomas, Emily Prior e Candace Christensen (2014). As bases são tentativas de criar um norte que delimite a subcultura BDSM, e servem como esse elemento linguístico que permite a associação direta das práticas que poderiam ser lidas como violentas, com o campo da consensualidade e da imperatividade de consentimento. E elas são boas nisso. Seguir ou não seguir essas bases estritamente não é o central, o mais importante aqui é estar ativo no movimento de garantir consensualidade, o acordo, e o prazer mútuo.

Em uma das discussões em grupo de Facebook acompanhei uma postagem que discutia protocolos de segurança, antes mesmo de fazer as entrevistas da pesquisa. A pergunta inicial era de uma recém-chegada nesse grupo e ela perguntava se ali naquele grupo as pessoas "seguiam mesmo o SSC". Muitos comentários responderam a ela, em tom de

verdades definitivas. No fim, após muitas respostas confusas foi explicado a ela que essas bases de consentimento têm servido como um guia geral sobre o que sustenta o BDSM: o acordo mútuo. Essas bases assim como as chamadas "liturgias" não são regras estanque a serem seguidas, mas referenciais para olhar na hora de construir seu próprio protocolo, contrato, ou mesmo de imaginar uma cena. Protocolos são acordos específicos feitos para determinado ato, seja uma festa, um bar, um encontro a dois. O protocolo fala de desejos, possibilidades, limites, rituais, atitudes que disparam respostas.

Depois disso, ainda na rede, conheci a ideia de uma dupla de BDSMers que também se relaciona afetivamente. Ela contou que tinham três tipos de protocolo: azul, lilás e rosa. Todos pensados detalhadamente pela dupla para três tipos de contextos diferentes: os dias em que estivessem mais ou menos animados pelas atividades do cotidiano; os dias que estivessem mais "hardcore", com mais tempo; e outro, para os dias que preferissem atividades "românticas". Para cada uma dessas situações um grupo de permissões, limites, rituais. Protocolos individuais, comunicação aberta e explícita, invocando o movimento de olhar para si e descobrir seu desejo pra colocar em acordo com o do outro, esse parece ser o cenário ideal de negociação.

Tive acesso a uma "lista", parte de um contrato BDSM, compartilhada em um dos grupos no Facebook. Nos comentários, a sugestão de que alguém fizesse a tradução do documento. Ao fim do download, o arquivo BDSMChecklist.xls abriu na minha tela. A planilha é parte de um contrato BDSM inicialmente publicado pelo site *Bondage.com* e replicada em fóruns e grupos online. Ela conta com caixas para marcações sobre a prática: Sim (farei); Não (não farei); Talvez/Vou tentar; Não aplicável; Limite brando; Só com Mestre; Limite rígido; e um último espaço com indicações para contar seu nível de experiência com tal ato. A lista é separada em práticas Related to sex [Relacionadas a sexo], *Bondage*, S&M (sadismo e masoquismo), *Fetish* [fetiche], *Power play* [cenas de poder], *Role play* [cenas], *Bondage Toys* [brinquedos para bondage], S&M toys [brinquedos para S&M] e *Fetish 2*.

Anal sex (give); Anal sex (get). A lista começa com sexo anal, separando assim como em outros itens, em "dar" e "receber". Segue pelo uso de dildos, plug anal, sexo oral, bissexualidade forçada, orgias, sexo em público, entre várias outras. Nas especificações do Bondage detalhes sobre o desejo de ser amarrada/o por todo o corpo ou partes, por quanto tempo, se nos genitais ou não, em público, com ou sem suspensão. Além de citar possíveis materiais para as imobilizações como correntes, crucifixo, gaiolas, camisa de força etc.

Algumas práticas na subdivisão S&M são asfixia, tapas, mordidas, choques, tortura genital, dilatações de vários tipos, chutes, tortura nos mamilos, espancamentos.

Nos Fetiches estão as práticas de escatologia em vários níveis como chuva negra, dourada (fezes e urina, respectivamente). Além de enemas, exibicionismo, cross dressing, salto alto, uniformes. A maior das subdivisões é a das cenas de trocas de poder, “Power play”, que começa com a 24/7/365 TPE, que significa Total Power Exchange (Troca total de poder), ou seja, dominação/submissão 24 horas por dia, 7 dias por semana, durante todo o ano. Seguem as práticas de controle do uso do banheiro, restrição e modificação de comportamento, trabalho doméstico, coleiras, cintos de castidade. As roles plays são as “cenas” como a Age Play (ou infantilismo), cuckold (ou corno), rape play (ou jogo de estupro), sequestro, cenário médico, *animal play*, prisão, prostituição fantasiosa, cenas religiosas entre outras. A lista segue com o detalhamento de objetos para as práticas já citadas como agulhas, canos, facas, piercings, óleos e outros.

Quis trazer alguns dos termos que encontrei no campo para ilustrar a que atividades estou me referindo quando falo sobre BDSM. Práticas mais “comuns” como o sexo oral ou o uso de dildos também podem ser possibilidades aqui, mas algumas dessas práticas da lista, sejam “sexuais” ou não, não estão tão presentes no nosso imaginário. Ao mesmo tempo que pode ser fácil imaginar uma cena na qual uma dupla pratica “sexo anal” em um contexto de dominação/submissão, a imagem de uma sessão na qual alguém leva chicotadas, usa coleira e/ou faz trabalho doméstico forçado “e só” está distante da ideia normativa de sexo, da qual falarei mais adiante.

Online é possível encontrar uma grande variedade de vídeos e manuais feitos por BDSMers⁴ ensinando as melhores técnicas para as práticas, os protocolos de segurança e as discussões sobre consentimento. Há textos de pessoas ligadas à medicina e à enfermagem com dicas e cuidados desde práticas mais simples como chicotear e açoitar até as mais invasivas como enemas anais e inserções urogenitais. Além de vídeos e revistas, e uma rede social exclusiva para BDSMers, o FetLife, há também um largo mercado de objetos voltado para essa cena como as *sex shops* estudadas por Filomena Gregori (2016) mas não apenas. Fábricas e lojas de lingerie, acessórios em couro e látex, dildos, grandes objetos para amarrações, instalações para casas e quartos e muito mais podem ser encontrados nas redes.

⁴ BDSMers são as pessoas adeptas à subcultura BDSM.

Depois do lançamento dos filmes “50 tons de cinza” diversas marcas de *sex toys*⁵ lançaram coleções especiais com o tema do filme.

A relação do BDSM com a mídia é um terreno delicado. Regina Facchini (2013) mostra que o retrato do BDSM na mídia se dá segundo uma "equação entre erótico e exótico" (p. 9) que se reitera ao expor vivências com intenção maior de desmistificar, orientar novos praticantes e afastar a exotificação do que de lutar contra constrangimentos mais institucionais. A jornalista e BDSMer Catherine Scott (2015) analisou as configurações "homem Dom/mulher sub, mulher Dom/homem sub", como elas aparecem na cultura pop tentando responder a uma análise feminista. Ela usou desde clipes de Rihanna e Madonna até clássicos do cinema como *Secretária* (2002).

A mídia é responsável por um sem número de estereótipos sobre BDSM (e também sobre feministas). A proposta de Catherine foi olhar com uma "lente feminista sexopositiva" para as categorias citadas em filmes, seriados etc. e desmistificar os estereótipos, e essa aura de mistério que parece pairar sobre o tema “somasô”. Algumas de suas afirmações iniciais são referentes à própria natureza do BDSM: "BDSM é sobre ferir pessoas e forçá-las a fazer coisas que não querem fazer", "dominantes são pseudo-estupradores malvados e sedentos de poder", "sempre envolve sexo", "é muito violento e doloroso".

Além desses mitos, estereótipos de gênero que se reiteram sobre as posições de Top e bottom, quando ocupadas por um homem ou uma mulher. Para ela a figura da dominadora na mídia é como uma mulher que assume características tidas como masculinas como agressividade e força, reforçando a lógica binária de gênero e colocando como transgressora a mulher que se posiciona assim. O estereótipo da mulher branca, cisgênero, magra e empunhando um chicote ainda é a figura de Domme colocada pela cultura pop. O imaginário da mulher sensual, em roupas desconfortáveis, de salto alto e látex aparece como única possibilidade imaginativa, excluindo pessoas fora da órbita binária do gênero, que prefiram roupas largas e confortáveis para uma sessão ou simplesmente corpos que não se restrinjam ao padrão branco/magro (SCOTT, 2015).

A mulher na posição de bottom também está sujeita a uma variedade de estereótipos, tanto a partir do pensamento mais tradicional heteronormativo, quanto a partir do feminismo. A lógica de que uma mulher submissa está reiterando uma suposta "verdadeira natureza feminina" por um lado, e por outro, e a acusação por parte de certos nichos feministas de uma "lavagem cerebral" do patriarcado. Catherine concorda com Mollena Williams, feminista

⁵ Brinquedos sexuais

negra e bottom, que as imagens deturpadas (HARRINGTON, WILLIAMS, 2012) que a mídia produz e reforça sobre BDSM só podem gerar repulsa da sociedade. A cultura pop está recheada de imagens de mulheres que se submetem a partir de personagens que estão em posição hierarquicamente inferior a seus "Tops" como secretárias, empregadas domésticas ou alunas. Poucas são as personagens que estão em uma busca ativa por esse tipo de parceria, mas muitas aparecem sendo convencidas a estarem naquela relação, trazendo a gramática do abuso para junto do BDSM. Mulheres lésbicas em cenas BDSM também são raramente representadas na mídia, poucos casos refletem a problemática da estética direcionada ao olhar masculino, reforçando ainda o corpo magro, branco, cisgênero como norma. Não aparecem nessas representações as mulheres não-brancas, não-femininas, não-magras, corpos variados que jogam com leveza e prazer, para satisfação mútua.

Ainda nesse livro, "Thinking Kink: The Collision of Feminism, BDSM, and Pop Culture" (SCOTT, 2015), Catherine mostra como a cultura pop classifica homens em papéis de submissão com sentimento de pena. Ele é visto como "deixando de ser homem" quando se submete, é colocado como "patético". Alguns enredos parecem querer manter noções de masculinidade por outras vias, como escolhendo personagens fortes e poderosos que demonstram de forma óbvia serem "mais fortes" que a dominadora, e como ele poderia sair da situação caso quisesse. Há sempre uma ideia pairando no ar de que a posição de sub é uma experimentação, diferente do cotidiano.

O desserviço prestado pela mídia à comunidade BDSM ao longo da história teve um novo marco no lançamento dos livros e filmes 50 tons de cinza (2011). Essa foi uma trilogia lançada por E.L James a partir de uma *fanfic* (história inventadas por fãs que compartilham o universo fictício de grandes obras) do sucesso *Twilight* (Crepúsculo) (sim, os livros do vampiro). O enredo mostra uma jovem jornalista tímida e sem experiências que se entrega ao superpoderoso Sr. Grey após suas contundentes investidas. Ele é um milionário jovem e traumatizado por abusos sexuais na infância por parte de uma dominadora sádica. Reforçando mais um estereótipo, a moça não está, a princípio, realmente interessada nos fetiches do rapaz que lhe presenteia com celulares, computadores e outros mimos, em encontros românticos onerosos. Ela se apaixona por ele e cede à um contrato BDSM que inclui além de atividades no "quarto vermelho da dor" (uma sala com aparatos para BDSM que ela apelidou assim), ginásticas semanais, consultas com médicos, ingestão de pílula anticoncepcional e dieta restrita. Ele, reluta em revelar sua paixão e ela acredita que seu amor pode mudar o "defeito" do rapaz.

O livro foi lançado com um forte lobby em torno de ser "literatura erótica para mulheres", além do forte apelo para cenas detalhadas sobre o "misterioso" BDSM. E as cenas são detalhadas, podem soar excitantes e partem da perspectiva de uma Anastacia "virgem", cujas primeiras experiências são narradas no livro com o Sr. Grey. Esse livro reforça estereótipos sobre BDSM e por vezes naturaliza atitudes abusivas fora das cenas BDSM, como a perseguição de Grey a Ana antes mesmo deles trocarem telefones. Apesar disso, a trilogia também foi responsável por dar bastante atenção ao acordo de palavras de segurança da dupla. Verde, para continuar; amarelo, perto do limite; vermelho, interrompe a cena. Essa trilogia foi gatilho para muitas das postagens que analisei neste trabalho, além de ter dado grande visibilidade ao tema BDSM por ter estado por meses em cartaz nas grandes redes de cinema brasileiras (e mundiais). Apesar disso a crítica feminista foi incisiva, algumas páginas radicais enxergavam uma Anastacia sem nenhuma agência, apática e sem opinião, quando a personagem se mostra complexa, tem dúvidas e não chega a aceitar as extravagâncias do pretendente, colocando-lhe alguns limites.

Também é a partir da mídia que os repertórios sobre a estética BDSM se atualizam. Não que a cultura do couro não esteja fortemente ligada ao BDSM, como lembra Gayle Rubin em entrevista a Judith Butler (SCHOR, 1997), não podemos falar de fetichismo e sadomasoquismo sem lembrar do impacto das grandes cidades e das mudanças nas formas de produção de objetos. Ela fala no brilho do couro, da borracha, na “fria qualidade autoritária dos equipamentos médicos” (p.85) e toda construção do desejo da glamorosa modernização, mas o foco em corsets apertados, saltos altos de látex e algemas reluzentes contribui para que esse cenário seja o único imaginário possível do contexto BDSM. Traz uma ideia de que BDSM pressupõe artigos caros, roupas especiais e acessórios próprios, gastos altos e lugares improváveis, quando sabemos que muito BDSM tem lugar nos nossos sofás, no chão do quarto com acessórios feitos por nós mesmas sob a luz do abajur e risadas. Esses estereótipos estéticos alimentam além de fantasias, um mercado promissor.

O sucesso dos 50 tons foi só um marco na história do mercado que a cultura SM suscita. Durante a presença em campo para essa escrita minha timeline ficou cheia de publicidade SM, além de sugestões de páginas para curtir: sex shops especializados em BDSM como o Marradamme Sex Shop, vendedores independentes de artefatos artesanais como o Atelier Mestre Ferreiro, linhas temáticas sobre os 50 tons lançadas por grandes marcas do nicho erótico, como a “50 tons” da Sexy Fantasy, entre muitos outros produtos. Esse eixo foi estudando por Filomena Gregori em seu "Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M" (2004).

Em torno do BDSM, a sociabilidade em festas e bares foi estudada por Reginna Facchini (2016), Marília Loschi de Melo (2010) entre outras. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, cidades muitas vezes citadas nos achados do percurso e nas entrevistas, a sociabilidade se dá em bares e clubes como o Bar da Gata BDSM Clube (SP), o Clube Domina (SP), em festas como o projeto Luxúria (SP). Vale ressaltar que apenas uma parte dos BDSMers é realmente participativo dessa "comunidade", seja por questões pessoais, políticas, geográficas ou preconceito, é preciso pensar em BDSM com sujeitos perto da ideia de comunidade, mas também longe.

Facchini faz pontuações importantes sobre o fato de que no Brasil o BDSM não está inserido na agenda dos movimentos sociais. Os embates políticos acontecidos na década 1970 nos Estados Unidos não se refletem com força aqui, onde os embates com o fundamentalismo religioso têm terreno nos direitos LGBT, nas pesquisas com células embrionárias e no aborto. No Brasil o que ela chama de "comunidade imaginada" se dá a partir da constituição de diálogos com movimentos fora do Brasil e no foco em diminuir riscos e maximizar o prazer, e na intenção de desidentificar o BDSM do discurso psiquiátrico dos "perversos". Ela pontua que tal comunidade se imagina em torno do sadomasoquismo erótico, fetiche ou BDSM tem articulações em diferentes espaços de sociabilidade, com comunicação desde cartas ao uso das redes sociais, e presencialmente em bares, restaurantes entre outros, espaços estes que são ou estiveram ligados ao mercado erótico. Além disso, a política do faça-você-mesmo é intensamente difundida, e a maior parte das atividades não tem por intenção o lucro. Ela ainda afirma a referência à comunidade ou meio BDSM como um movimento que objetiva articular práticas mais seguras, e afastar a patologização e a criminalização.

Essas definições, siglas e conceitos sobre BDSM estão longe de esgotarem-se, há muito sobre BDSM que não está aqui, não só porque esta é uma pesquisa em construção, mas porque existem inúmeras experiências e perspectivas nesse tema que ainda se mostra com ares de "tabu" e "mistério".

3.2 Transando feminismo: as disputas e as sexopolíticas

Ao “experimental” e “falar” de feminismo e sobre o movimento feminista, percebi sua complexidade interna e quis estudá-la cada vez mais, aliando meu interesse em compreender que, ao mesmo tempo em que o feminismo alterou a realidade social – através da abertura às mulheres da cidadania e depois da conquista pelas mesmas do espaço público – também possuía uma alteridade interna. Entendo que o feminismo brasileiro na atualidade é identificado de maneira homogênea na literatura e no próprio campo, apesar de também ser comentado, concomitantemente, que há diversas especificidades internas. Que especificidades são estas e que importância o estudo delas pode trazer ao campo feminista? (ADRIÃO, 2008, p. 20)

A ideia de que existe um feminismo único, com pautas e ações direcionadas, cai por terra. O que costumamos chamar de feminismo é um campo (ADRIÃO, 2008) amplo no qual diversas disputas de sentidos se fazem presentes. A noção de “mulher” como sujeito político do feminismo tem sido colocada em cheque desde as interlocuções das feministas negras, exemplificadas no texto “E eu não sou uma mulher?” de autoria de Sourjoune Truth (1878), e das observadas diferenças colocadas pelas feministas lésbicas. Da mesma forma, as contribuições do que tem sido chamado Teorias Queer questionam a rigidez do gênero ampliando os sentidos desse termo.

Ao falar sobre feminismos, Karla Galvão Adrião (2008) propõe para fins analíticos a separação em três esferas: acadêmica, do movimento social e governamental. Nessas esferas, diferentes feminismos e feministas se relacionam formal e informalmente, se contrapõem e dialogam através de teias político-comunicativas (ALVAREZ, 2014, p.18) que vinculam pessoas, ideias, práticas e discursos. Não só grupos estruturados, mas também indivíduos e grupos informais que se presentificam nas três esferas e fazem soar suas vozes na política, nas universidades, nas ruas, nas mídias etc. Os discursos feministas compõem um universo de significados.

Algumas logo iram retrucar que “aquelas” mulheres do partido, movimento, ou sindicato tal definitivamente “não são feministas”; mas mantenho que esse debate em si, tão comum e muitas vezes acrimônio, sobre “autenticidade” e “pertencimento”, entre as incluídas e as excluídas, que mesmo recusadas em alguns casos insistem em se autoproclamar feministas, é um dos componentes discursivos que articula o campo feminista. (SONIA ALVAREZ, 2014, p. 16).

Discursivamente, os feminismos se relacionam através do compartilhamento de linguagens, sentidos e visões de mundo parcialmente compartilhadas e disputadas. As vertentes, pautas e atrizes dessa teia ganham maior ou menor visibilidade ao longo do tempo e dos espaços geográficos, tornando esse ou aquele discurso mais visível e dando-lhe o status de “representante do feminismo”. Dessa forma, sob o signo “feminismo” se debatem ideias e

conceitos oriundos de diferentes epistemologias, que se entrecruzam e contrapõem. Dessa forma, não existe um feminismo, mas feminismos plurais.

E essa pluralidade é efervescente nas redes da internet. Segundo Carolina Ferreira (2015), entender as relações entre ativistas on e off é central para abrir os códigos dos feminismos. A internet tem sido palco para articulação de contatos, tradução e disseminação de termos, ideologias e lutas feministas. A web permitiu a produção de redes comunicacionais entre grupos já formados, ao passo que também aparece como possibilidade de criação de novas redes de identificação e ação política, que se amplia por não determinar uma "consciência feminista prévia" como possíveis grupos offline.

(...) a faísca que me levou a questionamentos sobre feminismos e BDSM se deu no contexto de me perceber militante feminista e ao mesmo tempo ter interesse em sadomasoquismo, em BDSM. Estar em ambientes feministas (como reuniões de coletivos, construções de eventos e atos, e o ambiente acadêmico) e surgir o assunto sexualidade ou, especificamente BDSM, me levava a cenas nas quais eu era questionada ou apontada sobre ser ou não ser feminista caso assumisse me interessar por fetiches, por BDSM. E também a situações nas quais as companheiras me apoiavam, diziam que deveríamos abandonar a moral mesmo, e partir em busca dos nossos desejos, mas ligando o alerta do perigo. Receber esses comentários era sintonizar uma frequência reconhecida: a culpa. Se de um lado minhas vivências eram incentivadas, por outro minha sexualidade era algo a ser controlado, tolhido, ou então que eu "não me dissesse feminista". A nítida sensação de que existiam "forças políticas opostas se degladiando" no meu corpo. E o corpo era mesmo o lugar dessa disputa, as possibilidades do corpo, que posições pode ocupar, para qual direção deve apontar o desejo e para onde aponta realmente. (Diário de Campo, 1 ago 2018)

Nas trilhas que segui desde o início dessa jornada, a primeira descoberta foi que algumas de minhas questões são historicamente importantes para o feminismo. Essa é uma história que tem sido contada a partir no norte do globo, em especial, dos Estados Unidos (o que me diz tanto da necessidade de visibilidade a perspectivas descoloniais, quanto do seu contexto de produção). A sexualidade nunca foi consenso entre as feministas. No âmbito do momento histórico que vem sendo chamado "segunda onda feminista", o sexo, e assim a pornografia e o SM, entraram em discussão no que foi chamado de "Guerras sexuais feministas", as *Sex Wars*, mais fortemente nas décadas de 1970 e 1980. Aquele era um momento de intensa repressão da extrema direita paralelamente ao auge da cultura hippie e da descoberta da pílula contraceptiva. Dessa tensão, duas visões sobre a sexualidade e seus limites se contrapõem: as retóricas antipornografia, e as linhas sexopositivas.

No cenário norteamericano perspectivas moralistas e tradicionais ameaçavam retomadas em um movimento denominado New Right, um grupo da direita política com propostas de fazer uma política diferente da "antiga direita". Nesse momento ficou evidente as diferenças entre os grupos feministas que se levantavam em posições antagônicas. O grupo

Women Against Violence in Pornography and Media, nasceu 1976 e, em 1979 o Women Against Pornography (WAP). Com argumentação antipornografia, a causa angariou cinco mil pessoas em passeata na Times Square, bem como apoio institucional em suas campanhas que promoviam também apresentações informativas em sex shops e espaços de entretenimento erótico. Nos slides de apresentação de suas ideias, pornô sadomasoquista como exemplo de pornografia que induzia à violência, entre outros argumentos. Elas sustentavam que pornografia gera violência contra a mulher, amparadas em conclusões da psicologia experimental cujos métodos eram questionáveis pois as amostras de "pornografia" utilizadas não eram representativas da pornografia como um todo.

O experimento de Edward Donnerstein mostrava cenas que misturavam sexo explícito com violência. Os sujeitos eram questionados sobre terem ficado mais hostis após o vídeo decidindo por agredir ou não agredir uma "vítima", sem outra opção como ficar só, sair ou - como é comum acontecer após acesso à pornografia - masturbar-se. Elas também argumentavam que a pornografia era um retrato da violência contra a mulher. Catharine Mackinnon, representante dessa linha, listou uma série de imagens pornô que mostravam cenas como pessoas amarradas, cenas de pares urinando em si, humilhação, tortura. Essas cenas eram raras e, evidentemente, se tratavam de pornô fetichista. (RUBIN, 1993)

Com relação às retóricas antipornografia, esses grupos que fazem parte do campo denominado como feminismo radical (FERGUSON, 1984; GREGORI, 2008), eram compostos por uma parcela da comunidade lésbica, também tinham como pauta o SM, a prostituição, a pedofilia e a promiscuidade sexual. Elas entendem a liberação sexual das mulheres como uma “extensão dos privilégios masculinos” pois que as relações sexuais são pautadas pela subordinação das mulheres e dominação pelos homens. Essa distribuição do poder já seria constituinte dos significados sociais de “homem” e “mulher” (GREGORI, 2008). Tal vertente é baseada numa visão rígida do poder, que olha a assimetria entre homens e mulheres como estável. De base marxista, Catherine Mackinnon afirma em seu texto datado da década de 1980:

(a) sexualidade é para o feminismo o que o trabalho é para o marxismo: o que é mais próprio de cada um e o que mais se tira de cada um (...) Assim como a expropriação organizada do trabalho de alguns para o benefício de outros define uma classe – a dos trabalhadores – a expropriação organizada da sexualidade de alguns para o uso de outros define o sexo, mulher. (MACKINNON, 2016, p.801)

Outras feministas se mostraram contrárias a essa visão. Em diálogo com movimentos de gays e lésbicas, tendem a observar o poder de forma relacional. Ou seja, de bases

foucaultianas, um poder que não é dado, mas que se produz nas relações, que é fluido e pressupõe a resistência:

(...) não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos (...) O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido de poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (FOUCAULT, 1998, p. 183).

(...) as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multifôrme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante (FOUCAULT, 2003, p. 232).

Dessa forma, vê a "sujeita" numa posição de maior fluidez por permitir que se pense o próprio lugar como instável, não mais "oprimidas x opressores", mas partes ativas de uma relação de poder que se põe fluida. A perspectiva sexo-positiva entende o sexo - e assim, a pornografia e o S/M - como um território semântico em disputa e não como um problema, apostando na possibilidade de resistência. A pornografia e o BDSM podem ser pensados a partir do feminismo e tomarem outro caráter.

Tal pensamento fundamenta os feminismos ligados ao movimento de liberação sexual, "sexopositivas", "pró-sexo". Entendendo o corpo, a pornografia e o sexo como possíveis lugares de ressignificação política para as mulheres e outras minorias sexuais, "o prazer virou objeto de reflexão, assim como maneiras alternativas e as escolhas sexuais" para buscá-lo (DÍAZ-BENITEZ, 2014). A proposta era de repensar o prazer, os direitos, as práticas e as minorias sexuais (RUBIN, 1984) distantes da heteronorma. A transgressão à tal norma tem grande poder de contestação dos limites impostos à sexualidade e ao sistema de gênero, assim como cria novas identidades a partir das sexualidades (GREGORI, 2008).

A vertente crítica ao essencialismo faz a defesa de que a liberação sexual das mulheres pode ser empoderadora e coloca o prazer como direito fundamental. Essas discussões foram foco na conferência no Bernard College (Nova Iorque) em 1982, cujos resultados foram publicados por Carole Vance, na coletânea *Prazer e perigo* (1984). O texto coloca a importância da tensão entre prazer e perigo na sexualidade das mulheres: perigo, pois é necessário pensar em situações como abusos e estupros no contexto da vivência da

sexualidade; e prazer, pois há uma promessa de transgressão das normas no uso da sexualidade longe do mero exercício da reprodução. O foco só no prazer e na gratificação deixa de lado a estrutura patriarcal em que atuam as mulheres. Entretanto, falar só de violência e opressão deixa de lado a experiência das mulheres no terreno da atuação e da eleição sexual e aumenta, sem se pretender, o terror, o desamparo sexual com que vivem as mulheres (FACHINNI, 2016). O livro é um marco no campo "pois ele problematiza e recusa a associação da sexualidade aos modelos coercitivos de dominação, assim como, a articulação desses modelos a posições estáticas de gênero em um mapa totalizante da subordinação patriarcal" (GREGORI, 2008, p. 3). Ainda segundo Filomena Gregori, Vance sistematizou o pensamento feminista sobre erotismo criando uma "convenção" que ajudou a fundar um novo campo promissor, os estudos queer.

Gayle Rubin foi uma destas feministas interessadas no campo das disputas sobre sexo. Antropóloga norte-americana, estudiosa das teorias feministas e de gênero, ela foi também fundadora da organização lésbica sadomasoquista *Samois*, em 1978. Gayle, no mesmo grupo que Pat Califia, fundou o *Samois* a partir de uma descendência do Cardea - o braço lésbico da Sociedade de Janus, um grande grupo misto SM de San Francisco (EUA). O *Samois* foi protagonista dos embates com os grupos antipornografia além de produzir e registrar inúmeras contribuições ao campo SM, como ilustra o sistema de códigos composto pelo grupo, na Imagem.

Figura 1- SAMOIS, The handkerchief color

COLOR	LEFT SIDE	RIGHT SIDE
Red	Fist Fucker	Fist Fuckee
Dark Blue	Anal Sex, Top	Anal Sex, Bottom
Light Blue	Oral Sex, Top	Oral Sex, Bottom
Robins Egg Blue	Light S/M, Top	Light S/M, Bottom
Mustard	Food Fetish, Top	Food Fetish, Bottom
Orange	Anything Goes, Top	Anything Goes, Bottom
Yellow	Gives Golden Showers	Wants Golden Showers
Green	Hustler, Selling	Hustler, Buying
Olive Drab	Uniforms/Military, Top	Uniforms/Military, Bottom
White	Likes Novices, Chickenhawk	Novice (or Virgin)
White Lace	Victorian Scenes, Top	Victorian Scenes, Bottom
Gray	Does Bondage	Wants To Be Put In Bondage
Brown	Shit Scenes, Top	Shit Scenes, Bottom
Black	Top, Heavy S/M & Whipping	Bottom, Heavy S/M & Whipping
Purple	Piercer	Piercee
Maroon	Likes Menstruating Women	Is Menstruating
Lavender	Group Sex, Top	Group Sex, Bottom
Pink	Breast Fondler	Breast Fondlee

Fonte: What Color is Your Handkerchief: A Lesbian S/m Sexuality Reader. Contributor, SAMOIS (Organization). Publisher, Samois, 1979.

Entre os problemas situados por Gayle em relação à retórica antipornografia estão que o foco na pornografia relativiza o real problema da violência. “Onde tudo é violência, então nada é violento” (PRADA, 2018, p. 48). Esse reducionismo expõe à impossibilidade de denúncia BDSMers (mas também prostitutas, acusadas pelas radicais de praticarem “estupro pago” e “venderem consentimento”), afinal como poderíamos denunciar um estupro se estamos naquela cena “para isso”? Quando se afirma que o SM é violência, significa que não podemos reclamar de abusos, já que a coisa toda é o abuso em si. Essa ideia também fundamenta que existem mulheres que sabem o que é um estupro (elas), e outras que não (nós) - relativizando o abuso e desrespeitando aquelas que já sofreram estupros e abusos.

Monique Prada em seu Putafeminista (2018) argumenta sobre a demonização das relações sexuais pagas, que impossibilita de vermos essas relações como objetos de consensualidade ao mesmo tempo que leva a considerar diretamente como “consensuais, adultas, saudáveis e prazerosas” aquelas relações que não são - explicitamente - mediadas por dinheiro. Essa colocação me leva a pensar na demonização das relações BDSM enquanto cenas que usam as diferenças de poder para o prazer. Só são válidas as cenas que não envolvem o poder dessa forma? Será que existe relação sexual não mediada pelas diferenças de poder, como Monique sugere sobre dinheiro?

O argumento radical contra a pornografia, a prostituição, o sadomasoquismo coloca esses feminismos muito próximos da agenda conservadora reacionária. A direita política se apropria de tais argumentos, conceitos e linguagem como se estivesse “ouvindo as feministas” e, dessa forma, se torna a voz mais ouvida no tocante à pornografia, principalmente em tempos de aumento das regulações morais, que se dá (àquela época nos EUA e, atualmente, no Brasil) no avanço do conservadorismo político (RUBIN, 1992). Rubin aponta que o feminismo deveria se opor totalmente à censura, apoiar a descriminalização da prostituição, lutar pela abolição de todas as leis moralistas e sobre “obscenidade”, apoiar as trabalhadoras do sexo em todos os campos inclusive na pornografia, garantir material sexualmente explícito e informativo além de lutar pelas minorias sexuais e pela variação sexual humana.

Segundo Gayle Rubin (1992), há, no pensamento radical, uma ideia de que a pornografia é necessariamente violenta, como se ela fosse pelo menos mais violenta e sexista do que as outras mídias. Mas não é. Existem muito mais cenas de violências contra mulheres em novelas e filmes do que na pornografia. E mesmo se pensarmos na pornografia SM, ela é

distorcida, recortada além de não ser representativa do contexto geral da pornografia. Dessa forma, as regulações e visões negativas recaem sobre o tipo de mídia sexualmente explícita (acusando de promover violência), mas não sobre as que são violentamente explícitas, como a TV aberta. A pornografia é também um termo aberto, e suas definições a partir da visão moralista e desse feminismo já colocam degradação e abuso associados à própria ideia de pornografia.

As noções sobre agenciamento das mulheres também são pautadas por Anne McClintock em seu livro *Couro Imperial* (2010) que questiona aquela tendência feminista que vê as mulheres como vítimas não ambíguas como se os marcadores sociais que carregamos (raça, gênero, classe etc) "determinassem", de forma estanque, atitudes e escolhas. Com isso ela coloca uma tensão estratégica entre limitações sociais e atuação social, contando a história de Munby e Cullwick, uma dupla fetichista do período vitoriano. Para ela o fetichismo é uma tentativa ambígua, contraditória e nem sempre bem-sucedida de fazer negociações nos limites do poder, resultando em relações mais complexas do que "domínio x submissão". O SM é um teatro de signos, sobre o qual circula um paradoxo de reiterar a obediência às convenções de poder, porém, com uma ênfase exagerada em sua performance, que revela que essa ordem social é inventada e performada, não "natural". Ela questiona "Que tipo de atuação é possível em situações de desigualdade extrema?" (p. 211)

Maria Filomena Gregori (2008) é professora e pesquisadora da UNICAMP, também especialmente interessada nas relações entre violência e erotismo. Ela pondera que a linha de pensamento da liberação sexual, por ter dado ênfase no prazer, fez com que "o “lado” do perigo [fosse] tratado de modo simples como se o consentimento, como um mero ato de vontade, garantisse sua tradução em prazer." (GREGORI, 2008, p. 4). Ela mostra duas linhas de pensamento sobre o desejo: uma que focaliza a objetificação do corpo feminino; e outra que critica a primeira por demonizar a sexualidade, mas, delimita o olhar a relações em que se pressupõem "equidade", como a lésbica. Com isso, esse pensamento não trataria suficientemente a questão da violência. "Como se por se tratarem de pessoas do mesmo sexo, o consentimento já fosse garantido de antemão e a violência e o perigo transpostos para a arena dos prazeres" (GREGORI, 2008, p. 6).

Em "Pensando o sexo" Gayle Rubin (2003) se coloca ao lado das minorias sexuais e mostra que as relações sexuais não podem ser reduzidas ao viés de gênero e que aquele feminismo não é o único, ou o melhor olhar sob o qual deve-se observar a sexualidade. Segundo essa autora, tecnologias sociais como as leis e a mídia têm na sexualidade seu alvo de vigilância e punição. As visões negativas promovidas pela comunicação de massa,

principalmente, incitam o preconceito e as violências físicas e morais por parte do Estado, da segurança pública e da população. Além disso ela cita a "falácia da escala mal posicionada", pois que o sexo é sempre mais culpável que outras atividades, como se fosse uma grande ameaça. Uma barreira invisível entre o bom e o mau sexo parece existir sob a constante ameaça de que, caso "tudo seja permitido" essa fronteira irá ruir e o sexo "assustador" vai para o campo do aceitável. Isso corrobora para a não existência da variação benigna, ou seja, todas as atividades sexuais variantes da norma são automaticamente consideradas negativas.

A perseguição ao que ela chama de "variedade erótica" invisibiliza sujeitas, resguardada pela ameaça de um pânico moral como se, algum tipo de sexo em si pudesse pôr em xeque a ordem da sociedade. "A ideologia sexual popular é uma sopa nociva de ideias de pecado sexual, conceitos de inferioridade psicológica, anticomunismo, histeria de massa, acusação de bruxaria, e xenofobia" (RUBIN, 2003, p.15). Ela denuncia a existência de um sistema de hierarquia social baseada em comportamentos sexuais. O bom sexo tem o status de "natural" e saudável, é heterossexual, monogâmico, reprodutivo, feito em casa. No meio, as práticas sexuais que conquistaram historicamente alguma abertura: o sexo hetero fora do casamento, a masturbação, casais estáveis de lésbicas e gays em espaços próprios entre outros grupos. Nas mais baixas "castas sexuais", considerado como mau sexo, estão aquelas relações com as sadomasoquistas, as travestis e transexuais, as fetichistas, e a prostituição e por último, o sexo intergeracional (RUBIN, 2003).

Para os grupos sexuais que estão no topo, há o privilégio, a respeitabilidade, suas relações têm amparo legal, garantindo a possibilidade de mobilidade social, suporte institucional e sua "saúde mental" não é questionada. O outro lado, o mau sexo, fica sujeito à má reputação, à criminalidade, desamparo institucional, médico e jurídico além de ter sua saúde mental sempre questionada, diagnosticada como perversão. Outros elementos importantes dizem respeito à invisibilidade e ao preconceito. Dessa forma, somente uma pequena parcela da capacidade sexual humana e da variação entre atividades sexuais é vista como positiva, segura e saudável, madura, legal e politicamente correta. As visões negativas disseminadas sobre o sadomasoquismo fazem com que pessoas interessadas nas práticas não acessem informações sobre segurança, consentimento e prazer. Rubin (2003) pensa as sadomasoquistas como minoria sexual ou minoria erótica e aponta as repressões sofridas por esse grupo, no que diz respeito a direitos legais e aceitação social. A marginalização das minorias eróticas e sua consequente vulnerabilidade legal estão no contexto de um sistema de opressão que

Corta transversalmente outros modos de desigualdade social, separando os indivíduos e grupos de acordo com suas próprias dinâmicas intrínsecas. Não é reduzível a, ou entendível em termos de classe, raça, etnicidade ou gênero. [...] Algumas consequências do sistema de hierarquia sexual são meros aborrecimentos. Outras são muito graves. Em suas manifestações mais sérias, o sistema sexual é o pesadelo kafkiano em que vítimas azarentas se tornam rebanhos de humanos cuja identificação, vigilância, apreensão, tratamento, encarceramento e punição produz emprego e realização pessoal para milhares de polícias do vício, oficiais das prisões, psiquiatras e assistentes sociais.” (RUBIN, 2003, p.28)

A crítica de Rubin (2003) vai além, apontando que esse movimento repressor parte também de comunidades gays e de feministas antipornografia – refletindo o entendimento social e reforçando teorias do campo psi. A fronteira imaginária entre o bom sexo e o mau sexo está sempre em disputa, especialmente nos eixos religiosos, psicológicos, feministas e socialistas. Mas se em determinados discursos feministas propõem-se posições de poder rígidas e comportamentos sexuais estáveis e a visão moralista impera, o SM pode celebrar tais diferenças de poder, subvertendo e se apropriando delas num jogo consensual e divertido.

As provocações que essa subcultura traz estão, para Foucault, menos ligadas a descobertas sobre desejos sadomaso nos porões do inconsciente e mais às novas possibilidades de prazer que o SM produz. É infeliz a ideia que liga SM à violência como se fossemos seres extremamente violentos dando vazão à agressividade, quando estamos inventando novos usos do corpo e erotizando atos "estranhos", estamos refazendo a noção de sexo, tensionando os limites desse nome. Para ele, é preciso "dessexualizar" o prazer, ampliar, testar.

A ideia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a ideia de que o prazer sexual é a base de *todos* os prazeres possíveis, tem, penso eu, verdadeiramente algo de falso. O que essas práticas de S/M nos mostram é que nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estranhas do corpo, nas situações mais inabituais, etc. (FOUCAULT, 2004, p. 264)

Foucault ainda pontua outro aspecto importante sobre identidades, importante para pensar sobre a "comunidade" BDSM. Identificar-se é útil se servir para ampliação do círculo de relações, para favorecer amizades e produções de prazer, para posicionar-se. Mas é inútil se a questão da identidade se torna o cerne da existência sexual da pessoa, se serve como um fator a ser desvendado sobre si para depois existir enquanto lei, código da sua existência - assim, a identidade retorna a uma forma de ética, como a "heterossexualidade tradicional" (FOUCAULT, 2004).

A noção foucaultiana sobre o SM chama atenção para a diferença como o poder se dá no SM e na sociedade. O poder social se caracteriza pela relação estratégica que tem com as

instituições, limitando a mobilidade por seus códigos muito bem estabelecidos e institucionalizados. Enquanto relação estratégica erotizada, a dinâmica de poder no SM é sempre fluida. Todos sempre sabem que os papéis foram estabelecidos, que podem ser invertidos, acordos explícitos e tácitos definem essas fronteiras. Segundo Foucault (2004, p.271), o SM não "reproduz, no interior de uma relação erótica, a estrutura de uma relação de poder. É uma encenação de estruturas do poder em um jogo estratégico, capaz de procurar um prazer sexual ou físico". O SM é um "processo de invenção", utiliza uma relação estratégica para obter prazer. Diferentemente da dinâmica na "vida heterossexual" normatizada, na qual as relações de poder antecedem o sexo estabelecendo papéis, direcionando práticas; no SM essas relações estratégicas fazem parte do "sexo", são conhecidas e dialogadas.

Em um dos casos, as relações estratégicas são puramente sociais e é o ser social que é objetivado; enquanto que no outro caso, o corpo é o implicado. E é essa transferência de relações estratégicas que passam do ritual da corte ao plano sexual, o que é particularmente interessante. (FOUCAULT, 1982, p. 272)

Dialogando com o pensamento de Gayle Rubin, Paul Preciado (2017) em seu Manifesto Contrassexual, reflete, a partir da imagem do dildo, sobre a produção da identidade sexual, pensando no corpo como lugar de construção biopolítica. De opressão, sim, mas também como centro de resistência e de contraprodução do prazer. A contrassexualidade, assim como a noção de sexopolítica, são indiretamente provenientes do pensamento foucaultiano, para o qual a contraprodutividade das formas de saber-prazer alternativas às sexonormativas, é a estratégia de resistência mais eficaz ao biopoder - que produz disciplinas de normalização e determina formas de subjetivação (PRECIADO, 2011; 2014). Para Paul Preciado (2011, p.12), “podemos compreender os corpos e as identidades dos anormais como potências políticas, e não simplesmente como efeitos dos discursos sobre o sexo”.

Preciado (2014) abandona a ideia de natureza como referencial – posto que esta é também construída - e propõe pensar o sexo como tecnologia biolítica de dominação heterossocial. Essa tecnologia funciona reduzindo o “corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas” (PRECIADO, 2014, p.25). O corpo "hetero" é produto de uma sofisticada tecnologia que divide a carne e a arquitetura do corpo, definindo órgãos por sua função e produzindo estruturalmente identidade de gênero e colocações de "sexuais" e "reprodutores" aos órgãos. Assim, podemos pensar sobre o gênero:

Gênero não é o efeito de um sistema fechado de poder nem uma ideia que recai sobre a matéria passiva, mas o nome do conjunto de dispositivos sexopolíticos (da

medicina à representação pornográfica, passando pelas instituições familiares) que serão o objeto de uma reapropriação pelas minorias sexuais. (PRECIADO, 2011, p1)

Entendo a sexualidade como social, política e historicamente construída por meio da linguagem, sendo assim tem significados instáveis que cambiam através do tempo, da cultura e da geografia, estruturando o "dispositivo da sexualidade" (FOUCAULT, 2004). A sexualidade é estruturante em termo macro e micro, por meio da linguagem estrutura a realidade social e é elemento chave aos processos de subjetivação. O sexo a sexualidade não são um efeito de uma repressão que nos impede de viver os desejos, mas o resultado de um conjunto complexo de tecnologias produtivas (PRECIADO, 2011). Para Preciado (2011) sexopolítica é “uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo”. Dessa forma, interligada ao sistema de gênero (RUBIN, 2003), ao capitalismo e ao racismo (hooks, 2000), a heteronorma como resultado de tal tecnologia, aparece como um sustentáculo do sistema político. E essa tecnologia tem, como seu viés mais sofisticado apresentar-se exatamente como "natureza".

É importante refletir sobre o que é o sexo nas redes da sexopolítica, como faz Preciado (2014), para deslocar o olhar sobre o BDSM. O sexo como tecnologia heterossocial pressupõe certos usos do corpo, determinadas formas de obter prazer e até o que é o prazer sexual em si. “A arquitetura do corpo [e do sexo] é política” (PRECIADO, 2014, p. 31). Desterritorializar a heterossexualidade como propõe Preciado passa por entender que o órgão sexual é a pele, e o dildo, o sexo de plástico tem capacidade de produzir prazer (e deslocamentos) assim como "um órgão". O dildo aqui não é necessariamente um objeto fático, mas o elemento protético que produz prazer, pode ser um chicote, cordas, tapas, teclas... e o corpo.

As provocações da contrassexualidade estão nessas trilhas, do estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais. Para produzir a contrassexualidade, alguns deslocamentos propostos são revisar a diferença entre sexo e gênero pois é o gênero que funda o sexo, o gênero não é uma construção social afastada do sexo, "construído x natural". O biológico também é construído e ambos são tecnologias complexas do corpo. O conceito de natureza é uma ficção discursiva. O binômio feminino/masculino se apaga, e sujeitos são corpos falantes, textos socialmente construídos onde reinscrevemos constantemente a heteronorma repetindo e recitando seus códigos. Além disso, toda relação contrassexual tem como premissa o estabelecimento de um contrato consensual entre todas as corpos participantes.

As práticas S&M, assim como a criação de pactos contratuais que regulam os papéis de submissão e dominação, tornaram evidentes as estruturas eróticas de poder subjacentes ao contrato que a heterossexualidade impôs como natural. Por exemplo, se o papel da mulher no lar, casada e submissa, reinterpreta-se constantemente no

contrato S&M, é porque o papel tradicional "mulher casada" supõe um grau extrema de submissão, uma escravidão em tempo integral e para a vida toda. Parodiando os papéis de gênero naturalizados, a sociedade contrassexual se faz herdeira do saber prático das comunidades S&M, e adota o contrato contrassexual temporal como forma privilegiada para estabelecer uma relação contrassexual. (PRECIADO, 2011, p. 32)

Os prazeres dissidentes, os corpos insubordinados a essa ordem imposta como "natural" são capazes de expor, questionar, subverter o sistema tecnológico que estabelece e mantém desigualdades. Se o corpo é espaço também de resistência, é nas práticas de prazer desse corpo que está a potência de mudar as posições de enunciação. Interferir nas tecnologias de escritura do sexo e do gênero não significa trocar certos termos por outros, nem de desfazer as marcas do gênero ou da heterossexualidade. A partir dos "atos de fala" de Austin (1975), Judith Butler (2004) fala da performatividade *queer*: a força da citação descontextualizada e da inversão das posições de enunciação. A palavra que marcava a abjeção, quando proferida por nós ganha força contestadora, produtiva. Reapropriamos os discursos, subvertemos práticas e símbolos, abrimos os códigos da sexopolítica para hackeá-los.

No pensamento de Butler (1990), o gênero, produto desse sistema tecnológico, está inscrito no corpo e se expressa por meio da performatividade em atos, gestos e atuações, signos que fabricam e sustentam o gênero. Por seu caráter performativo, é instável e está aberto a transformações. A tecnologia falha, está sujeita a brechas e a subversões. Essa ideia de uma tecnologia do gênero, explicada por Teresa de Lauretis (1994) descola o gênero da ideia de que ele existe a priori nos sujeitos, como traço de uma suposta natureza, e o coloca como sendo o conjunto de efeitos produzidos por aquelas tecnologias sociais nos corpos das pessoas, nas relações sociais e nos comportamentos - seria, então, tanto o processo quanto o produto de sua representação.

Dessa forma, o gênero constitui um sistema simbólico maior que, dentre outras coisas, atrela conteúdos culturais ao sexo dos indivíduos, baseado em valores e hierarquias que estão ligadas à manutenção das desigualdades sociais. Para ela, a construção social do gênero se desenrola atualmente na mesma medida que em tempos passados, é a forma pela qual a tecnologia age. Isso acontece tanto nos espaços mais esperados como a mídia, escola, medicina e família quanto na academia, nas teorias e no feminismo (LAURETIS, 1994) e essa percepção do gênero construído também pelo feminismo é particularmente interessante quando estamos falando da comunicação online e em redes sociais digitais.

Filomena Gregori (2008, p. 579) lembra a reflexão de Judith Butler (2004), que afirma o gênero ser um aparato implícito nas práticas sociais que produz e normatiza o binário masculino/feminino, "uma prática de improvisação em um cenário de constrangimentos". A

noção performativa do gênero de Butler e a ideia de uma tecnologia de gênero que se inscreve nos corpos por meio de uma performatividade desperta para um paralelo performático com as cenas BDSM descritas por Gregori:

Tome as experiências S/M como paródias: como práticas que mobilizam e expõem com força dramática, mediante todo um repertório de convenções culturais e sociais disponíveis, as assimetrias de poder, as materializações e corporificações de normas de gênero, de sexualidade, bem como de outros marcadores de diferença como classe, raça e idade. Para além da ideia presente no senso comum de que o teatro não é a vida, tratar essas práticas e decifrar seus enredos, cenas e cenários permite entender – até por seus intrincados paradoxos – as convenções que organizam – também de modo idiossincrático – as relações entre violência, gênero e erotismo. (GREGORI, 2008, p. 595)

Em *Hacia una teoría del performance*, Richard Schenckner (2000) reflete sobre a performance a partir do marco teatral, do jogo da encenação. Para ele, os atos acontecidos neste jogo levam a uma segunda realidade, uma realidade "de modo diferente" que faz com que o jogo não seja falso, porque ele provoca mudanças naqueles que o compoem e no público que assiste. Interpretando Schenckner, María Elvira Díaz-Benitez (2015) nos ajuda a pensar nos prazeres perigosos, com sua observação da produção pornográfica da "humilhação".

Maria Elvira argumenta sobre o "plus" que o excesso nas "linguagens corporais com uso da violência" traz ao ato - colocando a esses limites entre a "realidade real" e a "realidade interpretada", a instabilidade de uma "corda bamba". Com isso, em seu excesso, o ato se faz hiperrealista. O momento de máxima eficácia destas performances é denominado por ela de fissura - a fronteira entre o prazer e o perigo, entre a representação do ato e o ato em si. A fissura é, nesse contexto, uma possibilidade provocada ou não, que pode aparecer tanto na pornografia quanto no cotidiano geral da sexualidade, inclusive quando pensamos em relações de amor romântico e afeto. Tratando da produção pornográfica que acompanhou, Maria Elvira resume:

Em outras palavras, essas práticas não são estritamente reais porque são encenadas. A teatralização as afastaria do repertório do snuff, do crash e de outras imagens que se definem a partir da captação de experiências de violência e abuso no plano do ordinário. Contudo, elas evocam esse ordinário e, não podendo ser reais, tornam-se hiper-reais (mais reais do que o real): por meio do exagero permanecem fiéis à estética da crueldade e, simultaneamente, por meio do exagero lembram ao voyeur que se trata de uma performance. (...) A fissura seria o estado, dentro da encenação da crueldade, em que a exacerbação dos roteiros cria um efeito no performer no qual são ativados os perigos subjacentes a uma prática estética do sofrimento. O "choro real em tempo real" do qual falei algumas páginas atrás revela um período em que são excedidos os limites da encenação, fazendo com que o hiper-real decaia e se emaranhe com o real (DÍAZ BENITEZ, 2015, p. 76)

Ainda sobre as performances de "violência", no SM Preciado (2011, p.108) ajuda a pensar que "toda técnica que faz parte de uma prática repressiva é suscetível de ser cortada e enxertada em outro conjunto de práticas, reapropriada por diferentes corpos e invertida em diferentes usos, dando lugar a outros prazeres e a outras posições de identidade". Portanto, tanto as técnicas de tortura como eletrotortura e chicoteamento, quanto as posições de poder estão no centro de uma reviravolta completa dos usos destas técnicas. É um exercício de *détournement* (subversão, reapropriação, detonação do uso "normal") que interrompe e desvia os circuitos de produção e disseminação do saber-prazer.

Seguindo as pistas da contrassexualidade, recebi um convite virtual por meio do Facebook ainda em 2017. O convite veio de Fernanda Ximenes - pesquisadora do PPGPsi UFPE com interesse em pós-pornô e feminismos - para participar de uma oficina de shibari (uma técnica japonesa de Bondage, as amarrações) com Missogina. Ela, Constanza Alvarez Castillo (2014), é uma feminista *lesbiana* vinda do Chile, um corpo *queer*, interessada em BDSM que escreve a partir de suas narrativas sobre ser gorda, pós-pornô, políticas cuir[14] e BDSM em perspectivas anticapitalistas e descoloniais. No convite, um aviso: Oficina não dirigida pra homens cis hetero. E a descrição daicineira:

Ativista lésbica anarko-feminista, performer eicineira, proletária da feminilidade, ativando desde o monstruoso, as dissidências corporais. Desenvolve temas como a politização da gordura e do corpo, a heterossexualidade como regime político, luta antipatriarcal e antiespecista, pós-pornô, alianças com trans e travestis, hiperfeminilidade, bondage/shibari/kinbaku e novas explorações com a dor, entre outros. (PÁGINA DO EVENTO "WORKSHOP SHIBARI", 2017)

Figura 2 –Workshop Shibari



Fonte: Blog Missogina, 2017.⁶

O prédio onde fica a Suplex Xangai é antigo, no "centrão" do Recife, entrei e fui indicada a subir por um grande elevador. O público da oficina foi um conforto, entre amigas e desconhecidas, mulheres feministas, bichas e pessoas trans. Depois de um lanche vegano e das apresentações, uma introdução ao BDSM para situar o que isso tem q ver com o que iríamos aprender na oficina. Algumas pessoas nunca tinham ouvido falar, outras estavam ali por isso. Missogina falava em espanhol e fazia questão de traduzir do inglês, tão comum nessa cena, tantos termos quanto fossem possíveis. Ela falava de corpos que se davam prazer, em “lesbianas” e “maricas” que acordavam consentimentos, de pessoas além de seu gênero, mas com uma lucidez tipicamente feminista de que estamos todos e todas em assimetrias pelo gênero e também por outros muitos marcadores sociais de diferença.

Os corpos ali buscavam prazer além do que já temos por sexo, queriam sentir sensações inéditas. Constanzx dividiu a turma em duplas, logo depois de experimentarmos a textura e o peso das cordas nos nossos corpos. Dividindo a turma em duplas, Constanzx demonstrava os nós e nos instruía nas amarrações. *Kundaku* é a variante sensual do *shibari*, um tipo de amarração oriental que tem por intuito imobilizar pessoas sem apertar e que havia sido usada por prisioneiros chineses nos quais cada tipo de amarração indicava um crime. As cordas haviam sido lavadas por ela antes da oficina, e sua textura era de um tecido grosso já usado, maleável. A presença das linhas grossas na pele é sensível, o conjunto de linhas torcidas tem um peso que não me causou dor mas que impedia completamente o movimento para fora da posição inicial. Meus pêlos se arrepiaram aos primeiros toques da corda se arrastando na minha pele, é quente, forte. Amarramos pernas, braços, pernas e braços, tronco, de pé, no chão, de quatro, de frente. Alguns nós deixavam a possibilidade da amarradora segurar, puxar, virar a corpa amarrada. Foi nessa oficina, no espaço compartilhado com essas pessoas que eu absorvi os argumentos de Gayle Rubin e Paul Preciado. Havia mesmo uma subversão ali que eu não conseguia visualizar nos 50 tons, nem no pornô BDSM gratuito online.

⁶ Shibari workshop na Suplex Xangai. **Missogina**. 1 jul. 2017. Disponível em: <http://missogina.perrogordo.cl/shibari-workshop-na-suplex-xangai/>. Acesso em: 19 jul.2020

Figura 3 – Oficina de shibari com Constanzx, 2017



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Constanzx comenta em seu texto “*Gordura y sexualidade: pespuntos de prácticas BDSM*” (2014) que vivemos, segundo a ótica de Deleuze e Guattari, num mundo capitalista cognitivo integrado que nos afeta no nível econômico, mas também no controle das subjetividades e nas produções de desejo. O capitalismo engole as potências subversivas e as integra ao sistema, como ela exemplifica os movimentos gays que lutam pelo direito de casar. Ela advoga por falarmos sobre o desejo entendendo que ele é uma construção capitalista, como a heterossexualidade. Desejos construídos que se passam por “naturais”

¿Qué tiene de feminista hablar de BDSM? ¿Qué tiene de político el cuestionamiento de las prácticas sexuales heterosexuales? [...]. Visualizo en mi vida al deseo como una producción unida a mi asignación de género, capaz de deconstruirse, y para lograrlo necesito volver a rearmar mi cuerpo, a reconstruir las cuerpas que habito y que escapan a mi propia piel. Con ellas buscamos creaciones de nuevas formas de placer, fugamos creativamente, probamos, erramos, intentamos. Veo en el sexo el potencial político de destruir las nociones normativas del género y roles asignados, nuestra sexualidad tiene la potencia de no seguir con la línea sexo-género-sexualidad, ¿por qué no usarla como arma para desbordar el dispositivo de género? (ALVAREZ, 2014, p. 144)

As leituras de Alvarez, Preciado e Rubin levam a pensar em um BDSM praticado por corpos insubordinados, uma potência na desterritorialização do sexo e do prazer, uma ampliação das formas de uso do corpo e uma reapropriação, um *detournement* das próprias

relações de poder. Parece que o BDSM grita que precisamos rever as fronteiras discursivas entre prazer e violência, assim como o feminismo sempre disse. Olho para o BDSM, assim como para a pornografia e a sexualidade em geral, como um território linguístico em disputa. Não acho que por si só, esse jogo tenha potência de libertar os corpos da tecnologia heterossocial tampouco acredito que tal prática vá, necessariamente, de encontro ao feminismo. Gosto de pensar em BDSM como uma tecnologia de produção de prazer que pode ser apropriada e significada de várias maneiras.

4 EU, CIBORGUE E A INTERNET

4.1 Abrir os códigos, hackear o prazer

Abri o computador ainda cansada da noite de ontem, foi primeiro turno das eleições presidenciais e o cenário agora está mais polarizado do que nunca. A tela se iluminou, dividida entre o arquivo “diário de campo.docx” e a página da internet. Chequei as notícias sobre o infeliz avanço da direita e as dezenas de atualizações na timeline, onde também apareciam publicidades de sex shop baseadas na minha última busca no Google. Palmatórias feitas artesanalmente em madeira polida, coleiras em couro sintético customizadas e cintas-dildo em tons de lilás em anúncios que tentavam chamar minha atenção nos cantos da página, oferecendo frete grátis para o Nordeste. Nos grupos que faço parte, discussões corriqueiras sobre práticas anais, modelos de plugs e dicas sobre o uso de mordanças.

Em um grupo fechado, uma pessoa fez um post buscando por parceria BDSM em sua cidade e já haviam algumas respostas. A primeira tentativa de contato era de um perfil cuja foto demonstrava apoio ao candidato da extrema-direita. Um homem branco em roupa verde-e-amarela solicitou contato e ela respondeu que poderiam se falar, mas não tinha interesse de se submeter a um fascista. A discussão seguiu polarizada com a chegada de outros participantes e o rapaz, chateado, argumentava sobre o “absurdo” de “política ser critério de escolha” da autora do post. Entrei no email e recebi a resposta de uma interlocutora em uma conversa sobre RacePlay que já me deixava curiosa. Coloquei Tortoise pra tocar e arrumei os fones de ouvido. Sexopolíticas online. Este é o campo. (Diário de Campo, 8 de outubro de 2018)

Mesmo antes de existir o Facebook ou a internet móvel no celular, meus encontros com minha sexualidade eram mediados pela relação com a internet. Nos anos 2000, a pornografia, os contos eróticos, e o afamado bate-papo da UOL compuseram o cenário de descobertas e fantasias, fizeram parte da construção de todo meu repertório sexual. Uma relação ambígua na qual a internet atuava (e atua) como lugar de busca de informação e excitação, onde é possível digitar algumas palavras e assistir a tela se transformar em texto e imagem relacionado àquilo; e também como elemento que produz e provoca o desejo, dá nome às fantasias, categoriza os fetiches, atíça o não imaginado, abrindo portas na criatividade e direcionando a tesão.

Foi online que me deparei pela primeira vez com a sigla BDSM, mas também com as primeiras cenas de “sexo” de que posso me lembrar: “homem e mulher - pau e buceta - pele branca e depilação - chupa-mete-goza na cara dela e acaba o vídeo”. Para imagens muito diferentes disso, precisava buscar pela palavra-chave específica, os “fetiches”. Também foi essa rede que me mostrou a possibilidade de interação sexo-virtual, me abriu as portas da contrassexualidade e do feminismo, me permitiu encontrar parcerias, afeto e tesão, e me recorda repetidamente os perigos da navegação, os abusos e a violência. Um buraco de fechadura de onde eu pude começar a olhar o que estava do lado de dentro da porta: sexo, os atos sexuais, a sexualidade. E por isso mesmo, o mundo virtual reflete os prazeres e perigos

de existir nessa corpa tecnológica, política e pulsante, de se permitir ter desejos dissidentes e gozar, apesar da norma. Penso, assim como Haraway que o "sexo, a sexualidade e a reprodução são atores centrais nos sistemas mitológicos *high-tech* que estruturam a nossa imaginação sobre nossas possibilidades pessoais e sociais." (HARAWAY, 2000, p. 75)

Tal interseção entre o mundo online e as sexualidades foi amplamente explorada no projeto denominado EroTICs: Sex, rights and the internet (2011)⁷, executado por equipes internacionais do Brasil, África do Sul, Índia, Líbano e Estados Unidos, e situado no contexto dos direitos sexuais a partir da perspectiva feminista. Esta pesquisa perguntou “Como a internet poderia facilitar o exercício dos direitos sexuais e a expressão das sexualidades, particularmente de mulheres vivendo em diferentes contextos sociopolíticos, econômicos e culturais?” (SM KEE, 2012, p. 8).

Na equipe brasileira do EroTICs, Sônia Corrêa, Horacio Sívoli e Bruno Zilli fizeram uma pesquisa etnográfica na extinta rede social Orkut. Segundo ela/eles:

Práticas na rede têm a virtude de formar e moldar subjetividades e hierarquias de gênero e sexuais. A expressão e comunicação sexual, assim como a performance, empoderamento e contestação de identidades sexuais são um tipo e aspecto destacado das atividades sociais online. A internet é um espaço propício a expressões não (hetero)normativas, mas que também são sujeitas a disciplina e regulação. [...] As comunidades online, como híbridos público/privado, são propícias à identificação da expressão e afirmação da sexualidade, o que revela o potencial da internet como um espaço de pluralidade sexual. Este é também um campo político, embora não convencional. (CORRÊA; SÍVOLI; ZILLI, 2012, p. 1-8)

As potentes relações entre sexualidade e internet emergem também quando falamos sobre suas regulações. É recorrente a centralidade do argumento moral sobre a sexualidade na discussão sobre regulação da internet, e a valoração social sobre a sexualidade a coloca como fator determinante na participação social dos indivíduos. A regulação do conteúdo sexual da internet produz fronteiras entre o que é possível e legítimo, e o que é proibido e ilegítimo, contribuindo para a manutenção das hierarquias sexuais explanadas por Gayle Rubin (SM KEE, 2012). Nesse ciclo de exclusões, é sabido onde estão situados nossos prazeres dissidentes: na margem, somos doentes e pervertidos. Da mesma forma acontece com as questões referentes à complexidade da dicotomia público/privado no tocante às questões legais sobre a violência doméstica; e a constante vigilância em torno das identidades e comportamentos sexuais que estão estrutura moralmente a ordem e hierarquia social. Essas premissas não são novidades dentre as teorias feministas, mas são pouco levadas em

⁷ Association For progressive Communications. **EROTICS**: Sex, rights and the internet (An exploratory research study), 2011. Disponível em: <https://www.apc.org/en/pubs/erotics-research>. Acesso em: 15 jul.2020

consideração no estudo sobre o uso da internet em relação com as sexualidades (SM KEE, 2012).

Ainda segundo a EroTICS (2012), a internet aparece como um espaço privilegiado em facilidade de acesso e disseminação, sendo um solo fértil para multiplicação de discursos sobre a sexualidade. Assim, por meio da conexão se fazem ecoar vozes marginais e perspectivas antinormativas da mesma forma que uma observação cuidadosa de seus conteúdos evidencia a existência e estruturação de tais normas e hierarquias no campo da sexualidade - mas também em outros. A importância do espaço virtual como uma "esfera pública" para contestações políticas foi especialmente referida nos estudos da EROTICS na África do Sul e no Brasil, que a colocam como um campo de produção de alianças temporárias ou de longo prazo em suas comunidades de compartilhamento de interesses e de comunicação para ação - formais e informais. O "espaço público" virtual é "especialmente vital para indivíduos e comunidades que enfrentam múltiplas formas de barreiras ao acesso a formas mais tradicionais de públicos, como a mídia ou a representação política, devido à sua identidade sexual ou orientação sexual" (SM KEE, 2012, p.13, tradução livre). A pesquisa afirma

"A pesquisa aprofundada com diversas comunidades e indivíduos que usam a internet na expressão, articulação, exploração e realização de suas sexualidades nos cinco países EROTICS demonstra a função chave da internet no exercício da cidadania sexual e o avanço dos direitos sexuais. (The in-depth research with diverse communities and individuals who use the internet in the expression, articulation, exploration and realisation of their sexualities in the five EROTICS countries demonstrates the key function of the internet in the exercise of sexual citizenship and the advancement of sexual rights.) (SM KEE, 2012, p. 12, tradução livre)"

Depois do Orkut, a conexão chegou nas palmas de nossas mãos em celulares e tablets, a velocidade de transmissão de dados cresceu exponencialmente na última década e ficou ainda mais evidente que a tal internet não é um espaço neutro. No Brasil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) afirmam que entre 2016 e 2017 69,8% da população tinham acesso à internet, totalizando 181 milhões de pessoas conectadas (IBGE, 2018). Alvo de regulamentações estatais, a rede também é um mercado em alta no qual grandes corporações disputam nossos cliques enquanto nos oferecem facilidades da vida urbana atual: encontros sexuais, comida na porta, redes sociais de afeto. Navegamos deixando rastros. Nós, corpos online, estamos sempre produzindo conteúdos, dados, dando dicas e pistas de quem somos, o que consumimos, sobre o quê falamos em nossos usos de sites, aplicativos, mecanismos de busca e redes sociais digitais. Não é por acaso que minha timeline

fica recheada de propagandas de sex shops e lojas de artigos BDSM. Alimentamos os algoritmos. E recebemos conteúdo exclusivo em troca. Cada palavra digitada monta o perfil da usuária, cada perfil recebe um "tipo" de conteúdo, que interage com os corpos, indica caminhos, mostra isso ou aquilo. Nossas preferências viram gráficos, valem dinheiro, e vão compondo uma lente que, sutilmente, direciona o olhar.

As teias do ativismo digital me levaram a tentar desvendar as potências do virtual como espaço de produção de resistência. Se a internet já não pode ser ignorada como elemento produtor da realidade social, a possibilidade dela como campo expressivo pode ser uma chave para transformações radicais no eixo das sexopolíticas. A cultura hacker chegou até mim no meio dos estudos da comunicação, mas foi o feminismo pós-estrutural que me provocou a sequestrar seus sentidos e ampliar a noção de "abrir códigos". Explico com ajuda de Raíssa Éris Grimm, psicóloga e transfeminista brasileira cujo convite é para "abrir os códigos do tesão". Abertura de códigos é uma expressão usada por hackers e ativistas de software livre que propõem a intervenção e a possibilidade de agência no trato com softwares cujos códigos-fontes estão fechados, portanto suas configurações de fábrica são imutáveis para não-proprietários. Abrir os códigos significa "acionar processos que permitam intervir nestes códigos-fonte, implicando outras possibilidades de programação, que podem diferir radicalmente daquelas previamente estabelecidas em fábrica" (CABRAL, 2015, p. 13).

A proposta se dá a partir da ampliação do sentido do abrir os códigos para se pensar o sistema sexo-gênero. Entendo, como ela, que o binário masculino/feminino, assim como o regime política da heterossexualidade, são modelos construídos através de códigos. Códigos linguísticos que se inscrevem em corpos, que instituímos como "naturais - neste sentido, fechados a quaisquer possibilidades de intervenção e reinvenção político, pressupondo padrões de corporalidade e modos de existência cujos desvios tendem a ser punidos com violência." (CABRAL, 2015, p.13). Esses são alguns códigos que se pressupõem fechados, impossíveis de serem desvendados. Abrir esses códigos é agir como uma hacker das tecnologias sociais complexas que se inscrevem em nossos corpos, buscar causar interferências nesses sistemas aparentemente fechados, reprogramar as redes e repensar o prazer, o gênero, as sexualidades.

No diálogo com Donna Haraway se torna possível entender essa atuação da hacker, abrindo os códigos das tecnologias que operam em nossas corpos, como uma prática feminista. Ela propõe utilizar as tecnologias de rede para transformar a realidade político-social das mulheres. (HARAWAY, 2000).

As tecnologias de comunicação e as biotecnologias são ferramentas cruciais no processo de remodelação de nossos corpos. Essas ferramentas corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres no mundo todo. As tecnologias e os discursos científicos podem ser parcialmente compreendidos como formalizações, isto é, como momentos congelados das fluidas interações sociais que as constituem, mas eles devem ser vistos também como instrumentos para a imposição de significados. (HARAWAY, 2000, p.64)

A ideia de que tecnologias atuam sobre os corpos de forma mais ou menos direta – desde o uso de dildos e próteses anatômicas até a influência psicológica de conteúdos online – pode parecer saída de um filme futurista. Essa relação entre humano e máquina é descrita por Donna Haraway (2000) em seu Manifesto Ciborgue. A ciborgue, para Haraway, é um organismo cibernético fusão entre orgânico e máquina, que é ao mesmo tempo realidade social e ficção. Ela usa essa metáfora para questionar as fronteiras do “humano”, na utopia de um mundo sem gênero, sem identificação com a natureza enquanto estágio original do ser.

Nossos corpos, produtos sociais da fusão entre organismo e tecnologias sociais e eletrônicas, são ciborgues. "Eus monstruosos", já afastados do sujeito original do mito fundante do "humano", corpos falantes inscritos de códigos, tecnológicos e capazes de investir na decodificação dessa linguagem. "A política do ciborgue é a luta pela linguagem, é a luta contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todo significado de forma perfeita – o dogma central do falocentrismo" (p. 88). Essa forma de pensar sobre a decodificação da linguagem e a "prática hacker" de interferir nesses códigos têm sido recorrentes nos feminismos pós-estruturalistas e nas teorias queer.

4.2 Construindo uma metodologia

Para construir esta pesquisa qualitativa usei como ferramenta a etnografia virtual. Por vezes chamada de netnografia, essa metodologia pretende abordar os estudos das práticas sociais e da cultura nos ambientes de comunicação mediada pela internet (REBS, 2011). O ciberespaço tem suas características fazendo com que a etnografia virtual seja mais do que uma adaptação da etnografia para a internet (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008). A relação tempo/espaço, as formas de interação e de construção de identidades online são algumas das peculiaridades do ambiente que refletem nas escolhas da pesquisadora.

Segundo Hine (2000, p.4) esse tipo de etnografia na internet “pode observar detalhadamente as formas pelas quais a tecnologia é experienciada em uso” (“can look in detail at the ways in which the technology is experienced in use”) levando em conta as perspectivas de que o mundo online e off-line não tem separação delineada e que o ambiente online é um produto da cultura, um artefato cultural entrelaçado às práticas sociais (POLIVANOV, 2013). Da mesma forma que as tradicionais etnografias, essa exige a imersão da pesquisadora no campo a ser estudado, a comunidade virtual. Dada essa relação, Rebs (2011) comenta a impossibilidade de técnicas pré-estruturadas ou “receitas prontas” para as coletas e propõe caminhos que podem orientar a pesquisa a partir da reflexão crítica sobre a construção do conhecimento a partir desse método.

Dentre as reflexões necessárias, há a problematização da posição que a pesquisadora tem intenção de ocupar na sua entrada no campo. Rebs (2011) sugere a separação didática dos comportamentos entre pesquisadora como investigadora, como observadora, como interagente e como descobridora. Essas posições podem ocorrer mutuamente ou não, mas seguem como elementos norteadores da experiência em campo.

A pesquisadora como investigadora inicialmente deve se debruçar em uma pesquisa sobre a própria pesquisa. A busca é por dados formais e informais sobre o grupo, por pesquisas anteriores, análise de documentos entre outros dados que possam ser úteis em campo. Fiz este procedimento durante o ano de 2018, participando de grupos nas redes sociais e acompanhando blogs e sites com a temática BDSM. Nesse mesmo período construí uma revisão sistemática da literatura (que trarei mais a frente). Adriana Amaral (2009) ainda comenta sobre a importância de uma autoetnografia como ferramenta reflexiva desse processo no qual subjetividades e aproximações merecem atenção. Segundo Amaral (2009, p.15), “elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar diferentes contornos e

enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte.”.

A partir da entrada no campo, a posição de observadora se caracteriza pela coleta do material necessário à pesquisa. Rebs (2011) sugere descrição densa do campo e do objeto integrando “objetos empíricos de referência”, como as comunidades virtuais estudadas, a “objeto exteriores que o formam” (REBS, 2011, p.89). Segundo ela, toda observação desse campo é participante e por isso requer cuidados. Trago maiores detalhes sobre o campo mais a frente, detalhando os dois tipos de dados com os quais trabalhei: material público advindo de busca no Google e entrevistas com interlocutores/as com quem me encontrei no Facebook.

Rebeca Rebs dialoga com Primo (2003) delineando o papel da pesquisadora como interagente. Interagir com o campo seria buscar intimidade com sua linguagem para entender as práticas culturais e interações do grupo. Na rede há uma linguagem própria que chama atenção, entre gírias, *emoticons*, hashtags e abreviações, esses comportamentos devem ser apreendidos pela pesquisadora nas fases iniciais. Trago neste trabalho os termos e categorias partilhados no campo entendendo que a intimidade com esta linguagem e o estranhamento a ela são interdependentes. Operando como descobridora, a pesquisadora desenvolve análise dos dados, conectando investigação observação e interação com o grupo. É o momento de interpretar os acontecimentos, consultar os documentos coletados e articular com o aporte teórico. Depois, o retorno à comunidade pesquisada se faz importante na garantia da qualidade e credibilidade do trabalho.

Para analisar os dados de forma a visibilizar o jogo sutil, instável e complexo da linguagem, utilizo a análise categorial, entendendo este como um método empírico que requer ser reinventado a cada momento. Esse tipo de análise do conteúdo tem por objeto a palavra, o aspecto individual e em ato da linguagem, os significados. Lawrence Bardin define o método como um conjunto de técnicas para análise das comunicações, como um leque de apetrechos que compõem esse instrumento, a análise conteúdo dispõe de variadas técnicas que ajudam a estabelecer correspondências entre as estruturas linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados (BARDIN, 2011).

Utilizarei a análise categorial ou análise temática para analisar significados. A exploração do material se dá por meio de “operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2011, p. 131). Aqui, tratar o material, “é codificá-lo” (BARDIN, 2011, p.133) segundo os eixos pré-determinados e categorias de análise que trarei mais a frente. As categorias de análise estão sempre

interconectadas, em um movimento constante de vai e vem no qual a escrita é parte da análise (BRAUN; CLARKE, 2006).

Dessa forma, segundo Virginia Braun e Victoria Clarke (2006) o uso da análise temática na psicologia permite identificar, analisar e relatar padrões ou temas no conteúdo. Para elas, esta análise é um método contextualista que vem sendo usado pelas teorias críticas. A importância desta análise está em investigar como sujeitos criam significados de sua experiência e como o contexto social se relaciona com esses significados. A análise temática tanto reflete a "realidade" como desfaz ou desvenda a superfície da "realidade" (BRAUN; CLARKE, 2006). Nesse sentido, aproximo-me das perspectivas antropológicas e etnográficas (OLIVEIRA, 1998) em um movimento de me familiarizar com o estranho, e estranhar o familiar.

4.3 Cuidados éticos

Após discussão sobre o método durante a banca de qualificação, decidimos que a pesquisa deveria ser submetida ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco, conforme a resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Expliquei a pesquisa, os objetivos e as hipóteses durante o processo de convite às pessoas entrevistadas, bem como da entrada dessas pessoas no grupo criado para a pesquisa. Depois, foi apresentado a todas o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento este que, por indicação do Comitê de Ética, deveria ser lido e preenchido pelas pessoas interlocutoras. O TCLE contém informações sobre a pesquisa como riscos e benefícios da participação, e sobre a pesquisadora, como dados de contato. Esse termo garante anonimato assim como garante o cancelamento da participação a qualquer momento.

Além dos trâmites relacionados ao Comitê de Ética, compreendo que a reflexividade é elemento fundamental no processo de se relacionar com participantes. Busquei estabelecer compromisso para com os direitos dessas pessoas, assim como a responsabilidade com a relação e com os dados da pesquisa. As pessoas escolheram os nomes pelos quais seriam citadas na pesquisa e houve, da minha parte, a tentativa de desidentificar os grupos virtuais. Como proposta de tornar ao campo após a pesquisa para o momento denominado "devolutiva", fomentarei uma ou mais postagens contando sobre o trabalho e disponibilizando-o após sua publicação.

4.4 Procedimentos

Para encontrar os dados analisados neste trabalho, abri duas frentes de busca que se complementaram em conteúdos. Google⁸ e Facebook⁹, as duas maiores potências do mundo online foram as plataformas escolhidas. Minha intenção está em demonstrar alguns caminhos possíveis de navegação online na proposta de articular BDSM e feminismo. Dessa forma, foi possível explorar tanto os conteúdos de mídia que constroem e produzem os significados da relação BDSM e feminismos com a "coleta de dados" via Google; quanto as sutilezas das relações interpessoais, com a presença participativa em grupos de Facebook e entrevistas individuais.

Para isso, meu primeiro passo foi "jogar no Google". Utilizei tal técnica, pois, a expressão que se tornou cotidiana em tempos de acesso na palma da mão e que encontrei muitas vezes no campo, se mostrou como uma porta aberta para decifrar as sutilezas sobre as quais se constroem significados. "Jogar no Google" significa escrever na caixa de pesquisa os termos que se quer encontrar e esperar por milhares de resultados. Nesse tipo de pesquisa, é feita uma varredura em toda a Web a partir dos descritores inseridos. É possível usar "e" para buscar somente resultados que contenham as duas palavras; e "ou" para encontrar resultados que contenham uma ou outra palavra. Da mesma forma, dois termos sem o uso do conector geram resultados iguais ao "ou".

A lista que surge na tela começa com as páginas que, possivelmente, mais se adequem à pesquisa, nas quais os termos se repetem ou que sejam mais populares; e segue por todas as páginas que contiverem os descritores em texto. Apesar de ampla, a busca não é neutra. Os algoritmos da plataforma funcionam segundo várias regras da empresa, como priorizar seus anunciantes e parceiros, mostrar a cada usuário uma lista de resultados baseando-se também em suas buscas anteriores e outras preferências de conteúdo do histórico. Dessa forma, entendi que a busca traria páginas direcionadas a mim, ligadas ao meu uso anterior e aos interesses dos investimentos financeiros que mantém a plataforma.

Figura 4 – Pesquisa BDSM no Google



⁸ Google. Disponível em: <https://www.google.com/>

⁹Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/>

Fonte: Google, 2019.

Coloquei na caixa de pesquisa "bdsm feminismo", no singular e no plural, e também o inverso, "feminismos bdsm" - a diferença foi só a ordem dos resultados. A tentativa de busca "geral" mostrava links em português e espanhol, por isso escolhi usar o filtro "Somente páginas em português". A cada página de resultados, o Google mostra dez links e a partir da quarta página da minha pesquisa os conteúdos começaram a se repetir, ou não tinham relação com o tema, mas apenas continham a palavra "feminismo" ou BDSM no texto sem que discutissem. É exemplo uma reportagem sobre a Shakira, que apenas cita seu gosto pela estética BDSM. O item mais antigo data de 2012, e o mais recente é de 2018. Assim, visitei os quarenta primeiros resultados oferecidos pela varredura do Google.

Os links encontrados eram:

- 8 de revistas ou portais jornalísticos;
- 11 de grandes sites ou blogs coletivos;
- 7 artigos científicos (em anais de evento, plataforma scielo ou biblioteca virtual);
- 8 em blogs pessoais;
- 2 posts no Facebook;
- 3 vídeos;
- 1 resultado no Wikipédia (para Guerras sexuais feministas).

Para análise foram selecionados somente resultados textuais, ou seja, ficaram de fora os vídeos, que me demandariam outros aportes metodológicos. Também não foram analisados os artigos científicos - estes foram observados no que chamei de "Revisão sistemática da literatura" da qual falo um pouco na introdução e foi exclusiva para materiais de cunho "científico"; e os links para o Facebook – para evitar confusões com a outra frente de análise. Três links não funcionaram e um dos portais, Universa, continha um fórum de discussão com uma pergunta inicial e nove respostas, que também foram coletadas. Além disso, um link levou à página de busca da Universidade Livre Feminista, que trouxe três resultados relacionados (mas em um deles o link não funcionou) e esses dois também foram analisados. E outro, do blog da Lola Aronovich¹⁰ também levou a mais dois textos do mesmo blog sobre a temática. Também é importante citar que fui procurada pela jornalista responsável pela matéria na Revista Fórum (post n. 15) para uma entrevista. Conversamos por algumas horas

¹⁰Blog da Lola Aronovich . Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/>

entre e-mail e telefone e ela me fez diversas perguntas sobre BDSM e feminismos que, após contundente edição, foi publicada nessa matéria.

Os resultados selecionados foram todos aqueles que discutiam de alguma forma BDSM e feminismo no mesmo texto, relacionando-os ou colocando questões de gênero a partir de outras visões. Após retirada dos conteúdos que não poderiam ser analisados, organizei cronologicamente na tabela que será mostrada adiante. Portanto, os dezoito textos analisados foram escolhidos a partir da ordem de importância e relação com o tema propostas pelos algoritmos do Google. Apesar de organizada a partir da data de postagem, considero que a ordem dos resultados é importante nessa ferramenta e diz diretamente da quantidade de acessos à cada página e de sua relevância para o “descriptor” colocado. E foi por isso que os textos foram selecionados considerando à exaustão, ou seja, foram “coletados” todos até a quarta página de resultados Google, na qual os resultados não tinham mais relação direta com o tema, e depois “tratados”, retirando aqueles que não cabiam na análise.

4.5 Descrição dos resultados: Textos em sites e blogs

Foram selecionados 18 posts que estão dispostos na seguinte tabela organizados pela data de postagem e cujos links estão na Lista de links (anexo). Sendo estes:

- 9 de blogs pessoais (I, II, V, VII, X, XI, XII, XIV, XVI)
- 6 de sites, portais, revistas jornalísticas ou fóruns (IV, VI, VIII, XIII, XV, XVII)
- 2 de blog coletivo (III, IX)
- 1 resultado no Wikipédia (para Guerras sexuais feministas) (XVIII)

Tabela 1 – Tabela dos post selecionados dos blogs

	Plataforma / Título	Autoria / Data
I.	Blog Escreva Lola Escreva GUEST POST: AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DO BDSM	Daniela Montper para Escreva Lola Escreva 18/04/2012
II.	Blog Escreva Lola Escreva CINQUENTA TONS DE ALGUMA COISA	Lola Aronovich 31/07/2012
III.	Blog Blogueiras Feministas Feminismo e BDSM	Jarid Arraes para Blogueiras Feministas 11/09/2012

IV.	Grupo público RadFem no RiseUp Por que consentimento não é o suficiente	Maria V. (tradução) 16/07/2014
V.	Blog Escreva Lola Escreva GUEST POST: SOU FEMINISTA E SUBMISSA NO BDSM	Convidada A A. para Escreva Lola Escreva 10/04/2013
VI.	Portal HuffPost Brasil Sadomasoquismo não é doença	Dommenique Luxor para HuffPost Brasil 22/10/2014
VII.	Blog Pessoal Ideias Embalsamadas As feministas e o BDSM	Wellington F 12/02/2015
VIII.	Revista Fórum BDSM e violência doméstica: saiba a diferença	Jarid Arraes para Revista Forum 13/02/2015
IX.	Blog Blogueiras Feministas 50 tons de preconceito, repressão sexual e machismo	Liliane Gusmão para Blogueiras Feministas 16/02/2015
X.	Blog Pessoal Um pouco de Tudo KC Crítica feminista ao BDSM	Beijos da Katy 16/02/2015
XI.	Site Pontuando a notícia BDSM e violência doméstica: saiba a diferença (2)	Ricardo Najar Borges Rios 17/03/2015
XII.	Site Jornal a Voz Popular Debater BDSM x Feminismo requer feministas praticantes de BDSM	Jarid Arraes para Revista Fórum 02/05/2015
XIII.	Revista Fórum O fetichismo e o BDSM sob uma ótica feminista	Jarid Arraes entrevista Fabiana Moltroni para Revista Forum 2015
XIV.	Blog Pessoal no Medium Porque eu sou contra o BDSM—Uma perspectiva do Feminismo Radical.	Bianca Chellal (tradução) 03/09/2016
XV.	Portal Universa UOL Submissas na cama, mas não na vida: elas são feministas e adeptas do BDSM	Helena Bertho para Universa UOL 18/12/2017

XVI.	Blog Pessoal no Medium BDSM(ou sadomasoquismo) vs Feminismo	Rafaela Rafway 08/03/18
XVII.	Portal SuperEla submissa e feminista????????	Internauta "oietdbem" 2018
XVIII.	Wikipédia, a enciclopédia livre Guerras sexuais feministas	Wikipédia Última atualização em 2019

Fonte: Elabora pela autora (2019).

I. GUEST POST: AS VÁRIAS POSSIBILIDADES DO BDSM. Daniela Montper.

O primeiro dos três posts selecionados que estão no blog da Lola Aronovich é um Guest Post de 2012, formato de postagem na qual ela convida uma pessoa para publicar em seu blog. A convidada é Daniela Montper, quem Lola apresenta e insere o tema "um assunto do qual não entendo nada e nunca foi tratado no meu blog: BDSM" e adianta que o norteamento pra exploração da sexualidade é "consentimento". Daniela é feminista e inicia tentando desfazer alguns estereótipos de que BDSM é violento ou que se limita ao “sadomasoquismo extremo” e comparando-o com cenas sexuais nas quais “vendamos ou somos vendadas”. Para ela, a “essência” do BDSM é explorar eroticamente os sentidos da outra pessoa e a entrega, podendo ser “usado” de forma sutil ou intensa. “Por isso não é abuso ou violência”, pois há permissões e limites combinados antes da prática. A autora explica a sigla a partir de sua separação com termos da “Medicina e psicologia” dado o consentimento dos parceiros no BDSM. E segue falando um pouco sobre cada prática e como BDSM está presente na vida das/dos adeptos, além de “separar” as pessoas que vivem em relações 24/7 e pessoas que não tem relações entre si.

O texto é bastante descritivo do que é BDSM para a autora, ela coloca uma relação D/s “como um casamento em que cada parte tem seu papel muito bem definido na relação com regras determinadas e com a opção de rever o contrato em algum momento, pois neste há a opção de incluir um período de folga ou férias”. Sobre o sadomasoquismo, afirma que “é o mais perigoso e onde mais se usa as duas regras essenciais da comunidade BDSM”: safeword (palavra de segurança) e SSC (colocado aqui como Saudável, são e consentido). Ela finaliza que “apesar de tudo isso”, não é preciso seguir à risca “nada do BDSM”:

Mas apesar de tudo isso, o mais bacana é que ninguém precisa seguir à risca nada do BDSM, podemos simplesmente experimentar alguns jogos com @ companheir@(s) de vez em quando, para sair da rotina com coisas simples. E se resolverem experimentar algo mais intenso, procurem locais que ofereçam serviços de treinamento dessas práticas (que existem em várias cidades), ou seja, viva toda sua sexualidade sempre de forma saudável, sã e consentida! (MONTPER, 2012).

II. CINQUENTA TONS DE ALGUMA COISA. Lola Aronovich

O segundo post do blog da Lola também é de 2012, "Cinquenta tons de alguma coisa" foi escrito pela própria Lola a partir da provocação de uma jornalista que lhe pediu opinião sobre o filme Cinquenta tons de cinza. O texto traz alguns dados numéricos sobre o sucesso da trilogia e descreve o enredo, que foi considerado "pornô para mulheres", com duras críticas sobre a construção das personagens. O livro, para ela, mistura amor romântico e sexo explícito, ficando distante de ser retrato do BDSM, o livro apresenta um tipo de sexo minimamente transgressor associado a uma narrativa de "príncipe encantado". Ana, a heroína virgem e o dominador milionário cujo coração ela vai domar se for submissa a ele.

Lola pondera que não concorda com as críticas que desmerecem a trilogia baseadas na argumentação de que ela é "feita por mulher" ou "para mulheres". Por esse trecho, um artigo do jornal Folha citou a professora afirmando que ela "não acha que o livro seja machista" e ela se defende, não disse essa frase. Continua sobre o livro, diz que não faria esse tipo de categorização "é machista" ou "é feminista" mas, que se interessa pela recepção do público ao livro, e daí as questões, liberdade sexual da mulher, estereótipos de gênero e a má representação do BDSM. "Leitoras praticantes de sadomasô ainda estão me devendo um guest post relacionando como é ser feminista e sub", diz Lola. Termina colocando os Cinquenta Tons como uma oportunidade de o público feminino ler cenas de sexo que, mesmo que não seja dos melhores livros, "conseguiu a façanha de virar onda".

Quer dizer, eu não disse se o livro é ou não machista, até porque ninguém perguntou. Um cenário de BDSM (Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo) em que uma mulher é submissa (sub) de um dom é machista? (...) Não necessariamente, né? Aquilo é uma fantasia sexual, um jogo com muitas coisas acertadas previamente, safe words (senhas pra parar no momento em que a sub quiser parar (ARONOVICH, 2012)).

III. Feminismo e BDSM. Jarid Arraes.

No grande blog colaborativo Blogueiras Feministas, Jarid Arraes publicou em 2012 o texto "Feminismo e BDSM" que inicia criticando a vulnerabilidade do sexo frente ao

juízo social e, em especial, o adjetivo ‘doentio’ relacionado ao BDSM. O post explica o que é BDSM e pontua que é fundamental entendê-lo a partir do “fundamento” SSC e da multiplicidade de fetiches e práticas que estão sob o termo guarda-chuva BDSM. O consentimento no BDSM é trazido como também sendo útil a “outros tipos de relacionamentos” pois que todo ato requer consentimento e, no BDSM o diálogo é incentivado no estabelecer de limites e de uma palavra de segurança.

Sobre a relação com o feminismo, diz que há uma “grande controvérsia”, especialmente quando há uma mulher se submetendo, porém é ressaltado que essa configuração é apenas uma das possibilidades. O BDSM não tem por intenção subjugar mulheres e a sexualidade é entendida como subjetiva e construída cotidianamente. Por outro lado, as represálias sociais e discriminação que adeptos do BDSM sofrem estão fortemente associadas à patologização das sexualidades não-convencionais e à vergonha. Dessa forma, a autora acredita que o feminismo, em constante transformação, deve lutar contra esses “estigmas” e reivindicar liberdade sexual além da norma:

No que diz respeito ao Feminismo, há uma grande controvérsia a respeito de mulheres que resolvem se submeter sexualmente a homens. É importante lembrar, no entanto, que homens, mulheres ou qualquer outro gênero podem ocupar tanto a posição de dominação quanto a de submissão. O BDSM não é uma prática sexual que se dedica a subjugar a mulher: todas as pessoas, independente de seu gênero, são livres para expressar e viver suas fantasias, fetiches e desejos (ARRAES. 2012).

IV. Por que consentimento não é o suficiente. Maria V.

O post foi feito em um grupo no RiseUp¹¹ sobre "RadFem" (linha de feministas radicais polêmicas por ser TERF - Trans-excludente radical feminista) e contrária à prostituição. É uma lista de discussão sobre Feminismo Radical que contém além de várias respostas, uma pasta com vários arquivos como zines e traduções. O original do qual este foi traduzido foi compartilhado mais de 780 vezes e tem 230 comentários (em inglês) e data de junho de 2014, apenas um mês antes da publicação em português. Pontuo uma ressalva a este conteúdo pois, na página de entrada do fórum, apesar de não ser a página que mostra ao texto analisado (que é público e foi encontrado na primeira página dos resultados no Google), há

¹¹ Plataforma de comunicação que defende "alternativas democráticas e para a prática da autonomia, por meio do controle dos nossos próprios meios de comunicação segura" (RISEUP)

um aviso de que é desincentivada a publicação do link para o fórum em "espaços não-seguros". Por esse motivo, este link não estará disponível para consulta na lista de links.

O texto questiona o poder do consentimento, termo que se reveza como sinônimo de "consenso" no decorrer da leitura, e argumenta que a construção da feminilidade e masculinidade acontece em termos de dominação sexual do homem sobre a mulher. Por isto, a coerção sexual de mulheres "é sexy", e a violência é erotizada. Gostar dessa violência é uma preferência adaptativa, afirmativa que é baseada na pesquisa de uma psicóloga.

Também há a crítica direta ao que ela que chama de "pró-BDSM/pró-pornografia" de que foca-se na escolha da mulher e esquece a "ação dos homens" e, ao "consentimento" como fronteira entre sexo e violência. Alguns termos importantes nesse texto são "vítima" para se referir a mulheres submissas no BDSM; e "fêmea heterossexual" para ilustrar um caso no qual essas fêmeas desejam amor romântico com homens e se habitua a normais sexuais violentas para conseguir. Ao fim do texto segue uma sessão de "respondendo objeções" na qual a autora contra argumenta perguntas que poderiam vir a surgir sobre agência, julgamento da sexualidade alheia e pornografia.

Mas ativistas do BDSM tem um problema em particular. Mesmo enquanto eles se entendem como "o padrão de ouro" do consentimento, não é o consenso que é erotizado: é precisamente a coerção ("bondage", a sujeição, a dominação) e a violência (o abuso físico, o sexo "selvagem") que são sexy. Um homem que estupra, tortura e escraviza mulheres tem uma reclamação genuína contra ativistas do BDSM que condenam suas atitudes: como eles podem dizer que o que eles fez é errado quando ele estava simplesmente fazendo o que eles falaram que era sexy? (V., 2014)

V. GUEST POST: SOU FEMINISTA E SUBMISSA NO BDSM. A.A

Este post também está no blog da Lola. Inicia fazendo referência ao "Guest post" de um ano atrás, de autoria de Daniela Montper (2012). O post inicia o assunto e traz a tona o texto prometido "GUEST POST: SOU FEMINISTA E SUBMISSA NO BDSM", escrito pela convidada não-identificada A. A. No texto, a autora anônima diz que é "complicado" falar de BDSM pois este é visto com repúdio por muitas pessoas e, por isso, centra-se inicialmente em mostrar o que é BDSM na visão dela e como ela chegou no meio. "Bem, o que é BDSM? É um jogo sexual que envolve cordas, dominação, submissão, sadomasoquismo e muitos outros fetiches. A sigla significa Bondage, Dominação/submissão e Sado-Masoquismo".

Tenta desmistificar a ideia constante da "mulher submissa" e afirma que nesse jogo, tudo é permitido dentro da regra SSC, apesar de muitas pessoas olharem para o BDSM com

desconfiança, "como se fosse uma prática forçada ou o resquício de alguma doença. A A. conta que também tinha esse tipo de visão sobre BDSM, mas que conheceu melhor e viu que tudo que se assemelha à violência é feito neste contexto para o prazer das pessoas participantes. "Não existe sexo à força neste meio", mais uma vez trazendo o SSC, dando dicas de segurança e mostrando que o "contrato" faz parte do jogo, traz uma sensação de poder.

Sobre a relação entre feminismo e BDSM, ela coloca sua história, diz que sempre foi feminista e que tem em seu histórico episódios de violência sexual, contando um pouco sobre os efeitos desse fato em sua vida. Conta que duvidou de seu próprio feminismo quando deixou de denunciar violências até que conheceu uma pessoa que a atendeu em um hospital: "Um homem culto e divertido, que conversou comigo sobre meus problemas e meus medos e me mostrou algo incrível: que eu posso ser dona de mim mesma, mesmo quando estou num jogo de submissão" (A.A, 2013). Dessa relação ela descobriu o BDSM, o SSC e a possibilidade de se sentir "dona de si" pois havia escolhido estar ali. Da mesma forma, conta sobre descobertas de "muitos meios de sentir prazer".

Ela também pondera que existe machismo em homens e mulheres na comunidade BDSM, assim como também existem feministas, entre mulheres e homens, incluindo os dominadores, e reafirma sua sensação de liberdade sexual enquanto submissa. Segue o texto comentando o filme Cinquenta tons de cinza. Sua crítica é sobre o Christian "psicopata" que pratica BDSM para "suprir uma raiva de infância" e, por isso mesmo, não deveria fazê-lo. Contudo a autora diz que vê Ana como uma mulher decidida por algumas atitudes como dizer o que pensa, impor a opinião dela, decidi experimentar o mundo BDSM apresentado por ele. Da mesma forma, pontua outros momentos do enredo como a presença de um psicólogo que informa a Ana que o fetiche do namorado "não é uma parafilia, como a necrofilia ou a zoofilia ou mesmo a pedofilia". Por fim, ela resume que achou o livro fraco e fora da realidade do BDSM e termina:

Ser feminista me faz ser mais feliz com muitas opções e orientações sexuais, e o BDSM me ajuda a conhecer melhor meu corpo e meus desejos e aceitar o que é diferente, me faz pensar nas relações entre as pessoas, no ciúme, no controle, na convivência, na amizade, na aceitação em grupos determinados, e assim me faz ser uma feminista melhor -- uma pessoa melhor. (A.A, 2013).

VI. Sadomasoquismo não é doença. Dominique Luxor.

O texto foi postado no portal HuffPost Brasil, a edição brasileira do jornalístico HuffPost, em 2014 e atualizado em 2017. Escrito por Dommenique Luxor, cuja bio no próprio site diz "Idealizadora do site Do Umbigo Pra Baixo (conscientização e empoderamento sexual feminino), Dominatrix, escritora, produtora, radialista e historiadora". Ela conta que vive do trabalho de Dominatrix a mais de dez anos e também é pesquisadora sobre o tema. Sadomasoquismo não é doença é o título e eixo central do texto, que também argumenta a partir de sua experiência pessoal com BDSM. Além disso ela cita duas pesquisas científicas: uma em Saúde Pública da Universidade de Ohio que concluiu que "praticantes de BDSM tinham um histórico de atividades sexuais traumáticas igual ou menor ao dos não-praticantes"; outra pesquisa, na Psicologia, disse que "a maioria das pessoas não pratica BDSM porque foram abusadas ou são infelizes, estressados, ansiosos ou deprimidos".

Seu argumento também é ilustrado na narrativa de uma história sobre "uma amiga" feminista com histórico de violência familiar na infância, que desenvolveu comportamento abusivo para com os namorados da vida adulta e, ao demonstrar interesse por BDSM foi interpelada pela autora colocando que BDSM não é para "descontar raiva" e que é uma atividade consensual. Ela pontua que essa "armadilha" não é comum no BDSM, por meio da pesquisa psicológica citada. O texto evidencia o consentimento/consenso como elemento fronteiro entre a "violência" e o BDSM. E finaliza com uma provocação para que a leitora repense suas definições de "normal" e os interesses por trás desta convenção.

Mas quando não existe consensualidade, é violência. Não é BDSM. Foi muito importante, na verdade, a intervenção de um praticante experiente para que ela prestasse atenção nas próprias intenções. Geralmente os BDSMers são os mais ligados -e beneficiados- em descobrir se existe algum tipo de violência ou abuso nas suas relações. Temos os sentidos treinados pra detectar qualquer tipo de mensagem ou atitude abusiva e fora de controle. (LUXOR, 2014).

VII. As feministas e o BDSM. Wellington F.

O texto foi escrito por Wellington F, do blog Ideias Embalsamadas, um blog pessoal no qual o autor publica sobre política "esquerdista". Intitulado de "As feministas e o BDSM", o autor inicia afirmando estar com saudades de falar "delas", as "controversas defensoras da igualdade de gênero" e situa que escreveu motivado pelos comentários de um dos posts da Lola Aronovich. Segue afirmando que o BDSM gera reações imprevisíveis entre feministas pois "ora ele é visto como 'mais um meio machista de glamurizar a opressão contra as mulheres', ora é visto como uma válvula de escape onde as mulheres é que dominam a

relação (sexual ou não)”. Faz uma crítica severa aos comentários lidos no blog e afirma que as “castradas” não entendem o BDSM como forma alternativa de chegar ao prazer, também citando que fazem uma “associação” com pornografia e prostituição.

Alguns dos termos que ele usa para caracterizar as feministas que, segundo ele, comentaram no tal post da Lola são: “castradas moralistas”; “mal comidas” e “ala conservadora do feminismo”. Ele ainda aponta ser “ridículo” impor o “universo baunilha” para todas, principalmente no eixo da censura aos conteúdos fetichistas. Por último ainda faz a pontuação de que as críticas ao BDSM por parte destas feministas não se estende ao “sadomasoquismo entre homens” colocando como mais um impasse à liberdade sexual da mulher, já que só cenas com mulheres envolvidas estariam passíveis a tais críticas.

Mas o que mais me impressionou nesses comentários foi a alienação, a burrice, o preconceito, a frigidez, a castração, o recalque e o fanatismo de muitas mulheres que comentaram sobre o tema. E mais uma vez a associação que fizeram com a pornografia e a prostituição foi geral, como se o BDSM fosse exclusividade de filme pornô. E as críticas eram sempre de que o BDSM e a pornografia são machistas e aquele mimimi todo de quem só faz papai e mamãe no escuro com fins de procriação. Fora, claro, as que consideravam que o BDSM é uma "violência contra a mulher". (...) Mais uma vez essa ala conservadora do feminismo tem prestado um desserviço enorme às mulheres e à sociedade tentando condenar através de críticas pueris e cheias de jactância todo e qualquer tipo de sexo não convencional em que mulheres estejam envolvidas no meio, como se essas feministas fossem donas das vidas das outras mulheres. Muito bem, queridas, vocês estão fazendo exatamente o que o patriarcado quer que vocês façam: sejam eternamente castradas e, claro, castrem umas às outras julgando que mulher sexualmente livre é uma "vítima do machismo" (F., 2015).

VIII. BDSM e violência doméstica: saiba a diferença. Jarid Arraes

Este foi postado em 2015 pela Revista Fórum e está cadastrado com a tag "direitos". É um texto de Jarid Arraes cujo subtítulo situa o BDSM a partir da polêmica dos Cinquenta tons de cinza. As perguntas iniciais são sobre a diferença entre "violência doméstica" e BDSM, e se é possível pensar BDSM a partir de uma ótica feminista - o que ela dialoga com três entrevistadas. Ela fala do sucesso da trilogia e como ela terminou sendo o elemento que introduziu o BDSM no imaginário de muitas pessoas, por isso a questão sobre "diferenciar" abuso e BDSM: segundo ela, na obra essa fronteira é ultrapassada pois o protagonista tem comportamentos de perseguição, possessividade, ciúmes que extrapolam a relação BDSM (inclusive temporalmente).

Ela define BDSM como uma sigla que engloba "práticas e diversos tipos de fetichismo"; e os praticantes e suas variadas posições em termos de adesão à práticas, papel a

assumir, tipos de relacionamento entre duplas, relação entre BDSM e sexo, e entre BDSM e dor. Ela centraliza a experiência na satisfação mútua, compartilhamento prévio de limites, responsabilidade e confiança - colocando o dominador como figura responsável pelo bem estar do parceiro. Para diferenciar BDSM de "violência doméstica" ela critica o olhar superficial de quem faz essa comparação e afirma o pilar SSC como elemento produtor dessa diferença. E por isso coloca que em casos de violência doméstica, a pessoa agredida não gosta disso, mesmo se for obrigada por fatores externos a "aceitar", a vítima não escolhe quando, como e onde acontecerá uma agressão - e no BDSM há escolha e satisfação nas duas partes, ao que ela também cita o aftercare (cuidados pós sessão BDSM).

A comunicação proposta pelo BDSM é apontada como causadora de menos abusos no meio BDSM do que no "sexo baunilha" no qual essa comunicação prévia não é necessariamente incentivada. A autora pondera, que a existência de pessoas irresponsáveis e mal intencionadas é uma realidade em todo grupo social, inclusive no BDSM. Por último, há o subtópico 'BDSM e feminismo', que versa sobre o fato de algumas "ativistas pelos direitos das mulheres" considerarem impossível a conciliação entre BDSM e feminismo. Lembrando que para estas ativistas nem mesmo o consentimento é suficiente em defesa do BDSM, pois as mulheres são condicionadas a se submeterem à violência pelo meio social. Ela conta com opinião de duas entrevistadas que falam sobre a importância da mulher ser protagonista da própria vida sexual, e que exercer a escolha é fundamental. A entrevistada chama de "baunilhexplicanismo" o hábito de pessoas não-BDSMers que insistem em falar sobre o assunto que não lhes compete e conclui, falando da importância do bem-estar das mulheres, seja ou não relacionado a BDSM. (Importante reparar que essa postagem tem o mesmo título da postagem de número 11, mas são textos diferentes de autores diferentes)

Ainda que seja duramente criticado por algumas correntes do feminismo, o BDSM tem o potencial para ser feminista, ou pelo menos para empoderar as mulheres que escolhem praticá-lo. “O BDSM tem a ver com o feminismo se isso te faz despir dos parâmetros alheios, se isso te faz sentir liberta, se seus limites são respeitados, se a prática te faz sentir tesão, orgulho, energia, força. Do contrário, ele não é para você e está tudo bem ser sexualmente tradicional. BDSM pode ser feminista na medida que respeita a palavra da mulher”, argumenta Divina. (ARRAES. 2015a).

IX. 50 tons de preconceito, repressão sexual e machismo. Liliane Gusmão

No blog Blogueiras Feministas, o post “50 tons de preconceito, repressão sexual e machismo” foi postado por Liliane Gusmão e traz um olhar sobre o livro Cinquenta tons de cinza – que a autora leu instigada por uma série de críticas. Como literatura erótica sobre

BDSM, o livro é uma “decepção” principalmente pelo clichê romântico que traz: enredo da moça linda que se acha feia e pobre e encontra rapaz rico e lindo, se apaixonam, depois casam e vivem felizes em uma mansão. Além disso, a autora fala do desconforto que sentiu com o que o livro diz sobre BDSM.

Para ela, a trilogia trata o BDSM como desvio de caráter, “uma doença cuja cura é o amor” e continua, chocada com a construção da personagem Ana com baixa autoestima, “preconceituosa, mesquinha, machista e extremamente moralista”. E o galã, misógino e conservador além de perseguidor, machista e manipulador. Por isso ela se diz intrigada como um livro tão pobre em BDSM virou um marco no segmento, colocando ele como um exemplo do que “não fazer”. As cenas de sexo na trilogia são citadas como tediosas, além das problemáticas de não nomear os genitais, nem dialogar abertamente sobre sexo, e tratar o sexo anal como sujo e pecaminoso. Finalizando, o filme aparece como moralismo fantasiado de sacanagem:

No fim, acredito que muitas pessoas gostam dessa trilogia porque os livros são o moralismo fantasiado de sacanagem. É uma relação entre duas pessoas em que uma é extremamente controladora e a outra, que não tem voz no relacionamento, é a salvadora. Não há novidades, nem mesmo no que se refere ao prazer feminino, muito menos aos papéis que homens e mulheres representam. É tudo preto no branco (GUSMÃO, 2015).

X. Crítica feminista ao BDSM. Katy.

No blog Um pouco de tudo KC, a internauta Katy publicou em 2015 “Crítica feminista ao BDSM”. A autora afirma que precisa falar sobre o tema a partir de suas experiências, leituras, reflexões e conversas pois o assunto está “em pauta”. Ela conta que se interessou por dominação masculina após um episódio de traição de seu ex-marido e que seus primeiros contatos com Dominadores foram por meio da internet. Ela afirma que, naquele momento de sua vida, acreditava que seu “papel de mulher era submissa”, e sonhava com os estereótipos de “príncipe encantado” passado pela mídia. Além de relações baunilha nas quais também estava presente a dominação masculina, “eu sentia que por estar vivendo minha sexualidade merecia levar uns tapas”.

Continua narrando que esteve em uma relação com um homem submisso na qual várias práticas foram experimentadas, “inversão, spanking, cuckold e etc” e a impulsionaram a seguir com a dominação com outros parceiros. Nesse mesmo momento, afirma ela, se aproximou do “feminismo liberal, que diz que o importa é se sentir bem” e deixou de fazer

análises sobre a efemeridade e a fetichização de seu lugar de dominação, e sobre o risco de o parceiro “virar o jogo” e lhe bater ou estuprar.

Com isso, ela conta que começou a participar de um grupo de Facebook e encontros presenciais a partir dele. Um “manda-chuva” do grupo ofereceu-se para treiná-la como dominadora e conta que foi uma experiência traumática, abusiva e humilhante, que a fez se questionar sobre o próprio consentimento. Finalizando, a autora afirma que se afastou do BDSM porque “a ficha foi caindo” e conheceu diversas mulheres que foram abusadas “no BDSM” e que “morreram em sessões fetichistas”, concluindo que o BDSM não é libertário, é uma “esfera misógina” que, não importando a posição (dom/sub) reforça a “hierarquia de gênero” – gênero este que “precisamos destruir” para pensar em uma “heterossexualidade saudável para nós mulheres”.

Conforme a ficha foi caindo, fui me afastando do universo BDSM, nesse meio tempo ainda tive outras experiências de "dominação". Demorei pra perceber o quanto o sadomasoquismo é machista, racista e lesbofóbico. Demorei especialmente para entender o motivo de alguns homens fantasiarem com a dominação feminina. As feministas radicais me ajudaram a entender o quanto isso tudo é problemático (KATY, 2015).

XI. BDSM e violência doméstica: saiba a diferença (2). Ricardo Najar Borges Rios

Ricardo Najar em seu blog Pontuando a notícia publicou “BDSM e violência doméstica: saiba a diferença” em 2015. É uma sequência de nove posts curtos nos quais ele fala sobre BDSM e violência doméstica a partir, também, de entrevistas. O nono texto de sua série inicia situando o BDSM como elemento criticado por “algumas correntes” feministas e afirma que o BDSM “tem potencial para ser feminista”. Ele cita Divina, uma entrevistada a partir de uma fala dela exatamente igual à entrevista de “Divina” para a Revista Fórum (Neste trabalho, texto VIII, de Jarid Arraes, 2015a).

O texto segue afirmando que o importante é que as mulheres se sintam bem consigo mesmas e segue citando Divina, assim como nos outros textos desta série. Aqui também se vê uma foto de um homem e uma mulher, brancos e magros na qual ela puxa um cinto atado ao pescoço dele. E o autor finaliza afirmando que muitas práticas são denominadas “de BDSM” mas não se “enquadram”, como atividades de dor e sofrimento. Ele ainda cita os Cinquenta tons que apesar de “água com açúcar”, desmistificaria tal ideia sobre dor e sofrimento.

Talvez a grande diferença é que quem o faz, deixa claro que gosta, não esconde a satisfação da situação em que se enquadra. Diferentemente de muitos casais que

acabam usando a força em demasia, e neste ponto, como não houve um acordo, passa a ser encarado como violência. (RIOS, 2015).

XII. Debater BDSM x Feminismo requer feministas praticantes de BDSM. Jarid Arraes

O post está no blog A Voz Popular Jornal “Na luta contra a ditadura midiática”, de Rommey Mesquita. É de 2015 e, ao pé da página, mais três links são indicados, dois para sites explicando “O que é BDSM” e outro para o link da Revista Fórum sobre violência doméstica. Neste, o título é “Debater BDSM x Feminismo requer feministas praticantes de BDSM”. A frase se refere à consideração feminista de que, segundo o autor, discussões sobre questões sociais devem contar com vozes das partes envolvidas para serem válidas. Exemplificando, para discutir racismo, o protagonismo deve ser de pessoas negras e assim segue. Porém quando se trata de debater BDSM, as mulheres adeptas não são escutadas e suas experiências não são consideradas. Ficam omissos os discursos das dominadoras e, o foco volta-se para mulheres submissas em relação com homens dominadores – “o que é profundamente problemático”.

O autor segue colocando o caráter nocivo de constranger mulheres adeptas do BDSM pois, nesse meio há tanto machismo quanto em qualquer outro, e esta discriminação funciona como um mecanismo de silenciamentos, que impede essas pessoas de buscarem ajuda no feminismo. Dessa forma, superar tal hostilização mostra, segundo o autor, que a mulher está em condições de compreender e viver seus fetiches de forma “sã, segura e consensual”. Ele continua falando da importância de se considerar a escolha de mulheres adultas em viverem seus desejos e da importância do protagonismo dessas mulheres em ambientes feministas.

Mas é quase impossível levantar essas importantíssimas vozes no Feminismo, pois são carimbadas de ingênuas e manipuláveis pelas próprias feministas. Para que as práticas abusivas mostradas em Cinquenta Tons de Cinza sejam expostas, para que abusadores que se passam por fetichistas experientes sejam desmascarados e para que a sexualidade deixe de ser um tabu e se torne um assunto acessível, precisamos debater, muito, sobre o BDSM. Mas isso só pode acontecer com a participação e o protagonismo das mulheres que vivem essa realidade. Vamos parar de silenciar as mulheres praticantes de BDSM. Deixemos que sejam protagonistas de suas próprias vivências. (ARRAES, 2015b).

XIII. O fetichismo e o BDSM sob uma ótica feminista. Jarid Arraes entrevista Fabiana Moltroni.

O texto é da Revista Fórum, também por Jarid Arraes, entrevistando Fabiana Motroni que é publicitária, escritora e professora, sobre 'fetichismo e BDSM sob uma ótica feminista'. Fabiana é administradora de um grupo no Facebook intitulado "Feminismo, fetichismo e BDSM" e discute sobre feminismo entre as "praticantes" de BDSM e como a liberdade sexual feminina e o combate ao machismo podem englobar as práticas fetichistas. Jarid faz oito perguntas a Fabiana Motroni que versam sobre seu grupo no Facebook, interesse por BDSM, as relações entre os feminismos e BDSM e sobre preconceito contra as sexualidades fetichistas.

Ela comenta sobre os grupos de Facebook com a temática "BDSM e feminismo" e sua pouca movimentação e sobre suas experiências com integrantes da "comunidade BDSMer e fetichista" (do eixo Rio-SP) que ela caracteriza como conservadores, pouco politizados e pouco questionadores dos papéis de gênero e sexualidade, que reproduzem normas e preconceitos mesmo aparentando serem "transgressores" em suas práticas eróticas. Com isso, a entrevistada faz afirmações categóricas, encontraremos "machismo, misoginia, racismo, homofobia, e todos os demais preconceitos" em todos os grupos sociais inclusive no "meio" BDSM. Também é pontual em sua colocação de que ser BDSMer só seria um 'problema' em meio ao feminismo radical. Mas, no "feminismo interseccional" vê-se a mulher como detentora de potências e agentes de escolhas mesmo diante da situação opressora, colocando que essa linha a qual se vincula é a favor da pornografia ser pensada a partir do feminismo em termos de representatividade, relações trabalhistas, visibilidade e crítica à questões interseccionais (raça, classe, gênero sexualidade, estilo corporal, território etc).

Montroni cita o livro *Deviations* de Gayle Rubin (2001) e critica visões feministas que, contrárias ao SM, se aproximam do olhar conservador. Ela argumenta fortemente contra o perpétuo estereótipo que liga BDSM à violência, afirmando que "ninguém precisa do BDSM para abusar (...) basta observar as relações entre homens e mulheres em casamentos compulsórios" e lembrando que a sexualidade é um exercício de autoconhecimento e expressão potente que pode ser ampliado pelo caráter não-normativo do BDSM. Ela discorre ainda sobre preconceito, mostrando dois lados da mesma moeda: a discriminação que ocorre com todos aqueles corpos que desviem na norma, para a qual ser adepta do SM é um fator importante; e a absorção da temática SM pelo capitalismo, que confere capital social aos adeptos. Em todo o texto a entrevistada insiste: é preciso ocupar o BDSM com o feminismo.

E o BDSM é um desses lugares que deve ser ocupado pelo feminismo. Do ponto de vista de práticas sexuais, há muitas formas com que a abordagem feminista, somada ao queer, pode fazer do BDSM um lugar mais prazeroso e igualitário, como também pode ajudar feministas praticantes na sua contínua autodesconstrução e

autodesintoxicação das normas e hábitos machistas, misóginos, racistas e homofóbicos da sociedade, entre outros e no seu próprio processo de vivência sexual. (...) O que é sexo e o que é só uma encenação erótica “sem sexo”? Você tem a chance de repensar a hipergenitalização do sexo. Você tem a chance de aprender na pele que, para uns, se não há penetração tradicional não é sexo e, para outros, qualquer parte do corpo penetrando sua pele, sejam as unhas, o chicote, ou outra narrativa sexual sem genitália envolvida é sexo sim, com direito a muito gozo. E você tem a chance de diferenciar desejo, tesão, gozo e orgasmo. Há todos esses espaços no BDSM, o do prazer, do lúdico, do aprendizado, da prática política. Mas para ele realmente ser tudo isso, precisamos de mais feminismo dentro dele. (MOLTRONI, 2015)

XIV. Porque eu sou contra o BDSM—Uma perspectiva do Feminismo Radical. Bianca Chellal.

O texto foi postado em uma página do Medium, plataforma para blogs. A página se chama QG Feminista, e o texto é de Bianca Chella que publicou pelo menos mais três textos com a temática “sadomasoquismo”. Este, intitulado “Porque eu sou contra o BDSM—Uma perspectiva do Feminismo Radical”, é uma tradução da “Liberal Feminist Tropes Debunked”. Ao abrir a página logo vê-se uma grande ilustração de um listrado preto-e-branco com o símbolo ligado ao sadomasoquismo e o subtítulo afirmando que tal texto é um artigo de opinião e que, se a leitora for anti-BDSM, espera que goste da leitura, e, se não for, que ache frustrante, mas “intelectualmente estimulante”.

O texto é longo, e inicia caracterizando o que é BDSM “na terra liberal”, criticando a própria formação do acrônimo a partir de siglas interligadas e a existência do termo que “mascara a natureza” assustadora do sadomasoquismo. Assim, se alguém se colocar contra o BDSM, vai soar hipócrita estar se opondo a um “ato sexual misterioso” e “estranho” em vez de “violento, perigoso ou degradante”. A expressão “troca de poder erótico” é uma expressão “liberal” que não é compreensível para quem não estuda tal questão e seria um eufemismo. Ela segue apresentando de forma sistematizada dois argumentos contra o BDSM. O primeiro argumento tem como subtítulo “BDSM é contrário ao ideal de igualdade entre os seres humanos” e versa sobre o BDSM se basear em estruturas “anti-igualitárias”. Daí a autora provoca as leitoras a refutá-la mostrando que suas premissas estão erradas e afirma que as feministas radicais não estão lutando por “escolha”, nem pelo “orgasmo”, mas “pela liberdade”.

O segundo tópico é “BDSM glamouriza estupro e abuso” e inicia afirmando que pessoas foram mortas “por BDSM” com base em um recorte de um blog pró-BDSM que ensina técnicas de segurança para práticas. Segue colocando que somente pessoas submissas

têm suas vidas colocadas em risco e que “há boas razões para acreditar que são tipicamente mulheres que desempenham o papel submisso em BDSM”. Ela afirma “BDSM mata mulheres”. Seu argumento se baseia também em um gráfico atribuído à “Psychology Today” que mostra que 96% das mulheres preferem ser submissas enquanto nos homens a taxa é de 25%. O tópico encerra afirmando que o “perigo” é “parte da natureza intrínseca do BDSM” e que BDSM seguro é um “BDSM ruim”. Por fim, ela conclui desejando ter sido eficiente em transmitir a crítica radical a partir de argumentos que “chegam ao núcleo no problema” e encerra dizendo que comentários pró-BDSM serão provavelmente apagados e que a “esquerda política deveria se opor ao BDSM”

Assim, quando você diz às pessoas que você é contra BDSM, as pessoas assumem que você deve ser um hipócrita, porque vai soar como se você estivesse opondo-se a algum ato sexual misterioso que eles não vêem nenhuma razão para ter medo, um ato sexual que é meramente “estranho”, em vez de violento, perigoso ou degradante (CHELLAL, 2016).

XV. Submissas na cama, mas não na vida: elas são feministas e adeptas do BDSM. Helena Bertho.

Esse artigo é o que citei anteriormente, para o qual fui procurada e dei entrevista. Ele foi postado no portal Universa da UOL em dezembro de 2017 por Helena Bertho. "Submissas na cama, mas não na vida: elas são feministas e adeptas do BDSM" é o título que segue perguntando se é possível ser feminista e, ao mesmo tempo, curtir a submissão e dominação sexual. No meio da matéria, o site indica outros três links para 'Ver mais': "Baunilha" nunca mais: dicas para começar a praticar sadomasoquismo"; "Meu trabalho é pisar nos homens: ganho dinheiro com podolatria"; "Repórter do UOL investiga o tesão por pés e se infiltra em concurso fetichista".

O texto também traz trechos de entrevistas sobre as quais a autora cita que, no contexto do fetiche a chave é o consenso, a escolha de estar ali por prazer. Ela versa sobre acordos e palavra de segurança, argumentando a importância do diálogo e do "contrato" em atividades BDSM. O recorte de minha resposta que ela traz fala sobre "várias formas de negociação", além da palavra de segurança e de pensar sobre segurança em diversos eixos. No subtópico "Para mim é empoderador", ela traz a potência do BDSM como elemento que provoca o autoconhecimento, a descoberta dos próprios desejos e limites e a experiência com sensações físicas e emocionais inusitadas.

A matéria também questiona "Não é violência?" ao que ela responde, com base na edição de minha resposta e de outra entrevistada que a resposta está no "consenso", ao que assenti, sim, há a importância crucial da escolha da "mulher" em estar na cena e, que também podemos problematizar essa questão, quem é essa mulher, o que ela entende por sexo, por violência, por prazer, se há a possibilidade de negociar os papéis. Ela finaliza este subtópico trazendo a afirmativa de que "O machismo impera no BDSM do mesmo jeito que impera na sociedade", feita pela entrevistada Nina Flores. E seu último ponto alerta que é preciso estar atenta, entender os próprios limites e espaços para colocá-los na relação. Ainda com base nas entrevistas, minha e de Nina Flores, ela conclui com a sugestão de experimentar a troca de poder, ocupar outras posições e que as mulheres fetichistas estejam em grupos de mulheres, compartilhem experiências.

É possível uma mulher ser feminista e, ao mesmo tempo, curtir a submissão e dominação sexual? Olhando somente para a definição dos conceitos, eles parecem não combinar. Se feminismo luta por direitos iguais entre homens e mulheres e o sadomasoquismo se baseia na ideia do prazer através da dominação e submissão, parece não existir como unir as duas coisas, certo? Pois para muitas mulheres isso é possível sim. Elas são feministas e adeptas do BDSM (bondage, dominação, submissão e masoquismo), muitas delas submissas, e acreditam que a prática em si não tem nada de machista (BERTHO, 2017).

XVI. BDSM (ou sadomasoquismo) vs Feminismo. Rafaela Rafway

Postado em blog pessoal na Medium, o texto se chama "BDSM (ou sadomasoquismo vs Feminismo" e é dividido em subcategorias: Criando o clima, O que é BDSM?, O que é feminismo?, Como fica então o BDSM e o(s) feminismo(s)? e Tentando concluir talvez nem tanto. O objetivo do texto fica evidente no primeiro parágrafo, mostrar como BDSM e feminismo se relacionam. Ela caracteriza o BDSM a partir da sigla e da "regra básica: o SSC". Da mesma forma, explicita o que entende por feminismo, um movimento pela equidade de gênero que começou com mulheres brancas sufragistas, e que se atualiza aderindo a "novas pautas" como raça, classe e gênero além da cisgeneridade. "Assim, hoje temos feminismos dos mais variados".

A próxima pergunta, relacionando BDSM e feminismos cita o estereótipo do fetiche de que alguém está sendo submetido a uma situação de violência, citando o feminismo radical que chamaria de "romantização da violência". O que ela chama de "crítica feminista ao BDSM" segue, situando o olhar do feminismo radical a partir do marxismo e da dominação de classes que seria, para elas, exacerbada no BDSM. A autora considera raso tal argumento e

afirma em letras garrafais que a coisa mais importante é a consensualidade; e que o feminismo deve buscar liberdade não importando como se dá a prática.

Afirma que muito da informação sobre BDSM em redes feministas é falsa, principalmente aquelas que colocam mulheres como maioria em lugares de submissão. Toca ainda, na questão do poder, sobre BDSM ser “hierarquizada” mas não tirar o “poder de agência”, e que as transgressões são possíveis. Conclui afirmando que o feminismo radical não discute como o BDSM “se dá de fato” e que ele pode servir de vazão para muitos tipos de desejos finalizando que é preciso problematizar a sociedade como um todo em torno do abuso, não só uma comunidade.

O BDSM também serve como vazão de muito tipos de desejos, e pode ser um mecanismo de alívio para muitas mulheres, independente do lado do chicote que ela esteja. Não só mulher, claramente, mas qualquer pessoa que tenha desejos que fuja da normalidade, ou do senso comum. E aqui eu não me refiro ao famoso jargão de “melhor ver pornografia que estuprar de verdade”. Os desejos são válidos pois a opinião do outro é sim levada em consideração (RAFWAY, 2018).

XVII. Submissa e feminista?????????. Internauta "oietdbem"

O post é um tópico em formato de fórum no Portal SuperEla. A abertura do fórum é a pergunta "Qual sua dúvida hoje?" seguido por uma caixa de entrada de texto - cujo preenchimento inicia um tópico, com espaço para respostas de internautas. A pergunta inicial foi "submissa e feminista????????? migas, é possível ser submissa mas ao mesmo tempo ser feminista? to meio confusa com relação a BDSM" e recebeu nove respostas. Logo na primeira uma usuária afirma que sim e se identifica como "uma dessas", ao que a mesma oietdbem da pergunta inicial responde indagando "mas daí como que a relação fica? tipo ele manda algo sexual e vc obedece? não sei como por em prática".

E segue uma discussão na qual um internauta coloca o BDSM como feminista pois que "ele planeja, pensa, cria cenas tudo para o SEU prazer e ainda no fim tem o aftercare que é quando ele cuida de ti e te dá atenção". Outro perfil comenta que há um estereótipo de "feminista" ser brava e militarizada, quando ele acha que "feminista é ser mulher, com se jeito suave, meigo, sensível, mas, sabendo onde quer chegar, com foco. Do tipo que usa saia, anda de cabelo solto, é super atenciosa e o melhor de tudo, é muito caprichosa" - depois ele é criticado por seu post carregado de estereótipos e dizendo "como feminista deve ser".

Uma última resposta cita o SSC como premissa básica que "já preconiza que voce QUER isso" e encerra: "TUDO que vc fizer pq QUER fazer é "permitido". E ninguém pode te definir ou rotular por isso."

Sim moça, é totalmente possível. O feminismo é uma prática de empoderamento e acredita que as mulheres devem ter opção! Se a sua opção é essa e isso te faz feliz, vá em frente! O feminismo não tá aqui pra falar como as pessoas devem transar. As vezes pode ser que seja difícil a sua própria aceitação enquanto feminista e submissa (a Euzita já falou sobre isso aqui), mas não são coisas incompatíveis não, aliás se você procurar na internet tem vários textos de mulheres que praticam BDSM falando sobre isso. (INTERNAUTA"OIETDBEM", 2018).

XVIII. Guerras sexuais feministas. Wikipédia.

O último post é o artigo sobre "Guerras sexuais feministas" na plataforma Wikipédia. Este site é descrito como “a enciclopédia livre que todos podem editar”, um projeto internacional e multilíngue com o funcionamento de uma enciclopédia com temáticas muito variadas sobre as quais qualquer internauta é convidado a colaborar desde que siga as regras básicas. Estas regras são, a de verificabilidade, pois o material publicado no Wikipédia deve ser passível de ser verificada sua publicação em “fontes fidedignas”, as outras duas regras são imparcialidade, a partir da colocação de todos os pontos de vista, e a não-incorporação de pesquisas inéditas. Neste artigo, parte de uma série sobre Feminismo, as Guerras sexuais feministas são descritas como um conjunto de debates entre feministas sobre sexualidade e atividade sexual, situados entre 1970 e 80 mas com reflexos até a atualidade.

O artigo apresenta os dois lados: “antipornografia e feminismo sexo-positivo” divergindo sobre os temas: “a pornografia, erotismo, a prostituição, práticas sexuais lésbicas, o papel das mulheres trans nas comunidades lésbicas, sadomasoquismo”. O texto é longo, dividido em alguns tópicos, e o primeiro é sobre os dois pontos de vista “opostos” situados a partir de autoras e ativistas tais como Andrea Dworkin, Susan Griffin, e Kathleen Barry na luta contra a pornografia; e Ellen Willis, Gayle Rubin e Pat Califia no eixo “pró-sexo”. Segue com a apresentação da Conferência Barnard (já citada anteriormente) e dos argumentos sobre cada um dos temas separadamente.

No tópico sobre sadomasoquismo, o ato político do grupo Women Against Violence in Pornography and Media no qual elas atacaram um show de strip sadomasoquista entre mulheres. Os últimos dois pontos tocados por este texto se dedicam a discutir “os efeitos das guerras sexuais” a partir das diferentes interpretações sobre o “tráfico de pessoas”, que se reflete em leis nacionais ao redor do mundo; e a “visão da terceira onda do feminismo”, que é

descrito como “sobre realização pessoal” e as questões sexuais emergidas das “guerras”, a partir de Teresa de Lauretis e Jana Sawicki. Por fim, a página indica “Ver também” os apontamentos sobre “visões feminista sobre o transgênero e o transexual” e segue com as referências bibliográficas do artigo e links externos para outros textos sobre feminismo, sexo lésbico e as disputas feministas em torno do sexo.

Assim como a campanha contra a pornografia, WAVPM também foram fortemente em oposição ao BDSM, vendo-a como ritualizando a violência contra as mulheres e contra a sua prática dentro de algumas comunidade lésbica. Em 1978, SAMOIS foi formada, uma organização de mulheres na comunidade BDSM, que viram suas práticas sexuais como consistentes aos princípios feministas (WIKIPÉDIA, 2019).

4.6 Interagindo: entrevistas e interlocuções

A segunda frente de buscas para esse trabalho foi por meio das interações interpessoais. A rede social escolhida foi o Facebook, por seu alcance e dinâmica. O Facebook, criado em 2004, é hoje a rede social mais utilizada no Brasil. No Facebook, as/os usuárias/os estão presentes entre perfis pessoais, grupos e *Fan Pages* – as páginas. A maioria das organizações e empresas se conecta com o público por meio dessas páginas, que são alimentadas com conteúdos textuais, fotos, vídeos, enquetes entre outras formas de se relacionar com os curtidores. “Curtidores” ou fãs são perfis pessoais que se inscrevem, ou curtem, para receber a maior parte do conteúdo publicado pela *FanPage*. As pessoas costumam interagir com o conteúdo e com outros “fãs” da página nos comentários de suas publicações, e curtindo. Há ainda as possibilidades de grupos fechados, abertos e secretos entre os perfis. Existe grupo para todo assunto imaginável, desde fotos de cachorrinhos para dias difíceis, a grupos fetichistas e coletivos políticos.

Desde antes do mestrado faço parte de alguns grupos no Facebook sobre as temáticas BDSM e feminismos. Nessa etnografia, montei um diário de campo (BARROS; KASTRUP, 2009), do qual tratarei mais a frente no qual anotei e anexei print screens de telas, e relatos do “campo”, com minhas descrições, interpretações e afetações. Também inventei um ritual da entrada e saída do campo; pensar os horários, sentar na cadeira, abrir o computador, escolher uma playlist, acessar o Facebook, depois fechar a janela, me despedir das pessoas. O material sobre BDSM online é extenso, e já vem sendo estudado no Brasil como mostrei na Revisão da Literatura, apesar de pouca expressividade da relação direta com os feminismos.

No Facebook, minha primeira busca por grupos sobre BDSM gerou 39 resultados, mas entendi que a escolha dos termos seria importante, pois essa pesquisa girava em torno dos grupos cujos títulos ou descrições continha “BDSM”, mas sei também que alguns grupos sobre BDSM têm nomes criativos “mascarados”. Precisei decidir quais termos buscaria

também pelo Facebook, assim como no mecanismo da Google, e decidi que buscaria por "BDSM" e "BDSM + feminismo". Entrei em seis grupos, dos quais um só tinha como título BDSM e Feminismo, mas assim como a maioria, não tinha alta interação. O grupo com mais interação diária entre participantes é também o maior.

O maior grupo brasileiro com o tema conta mais de 14 mil membros, do qual também já fazia parte e acompanhava entusiasmada as discussões. Neste grupo fiz uma postagem contando sobre minha pesquisa em agosto de 2018. Não dei muitos detalhes da pesquisa, inclusive porque ela ainda estava em construção, mas quis demonstrar que meus questionamentos eram sobre BDSM e feminismo.

Contei um pouco da história desta pesquisa, minha intenção era compartilhar com as/os participantes do grupo sobre a metodologia e os limites éticos para pensarmos sobre os caminhos que tomaria. Naquele momento minha proposta era de criar um grupo no Facebook com mulheres convidadas para discutirmos. Na postagem, que atualmente já soma 613 comentários, o assunto fervilhava. No dia em que a postagem foi aprovada para aparecer na timeline do grupo as notificações não paravam de chegar. A cada instante tinha um novo comentário, vários perfis de mulheres escreviam que a proposta era ótima, alguns perfis diziam ser insignificante, que uma coisa "nada tem a ver" com a outra. Além disso muitas pessoas se diziam abertas a conversar comigo, propuseram ser entrevistadas, indicaram links.

Com essa postagem meu campo se mostrou mais complexo, e decidi submeter o projeto ao Comitê de Ética com a ideia de criar um grupo para discussão no Facebook e fazer entrevistas individuais semiestruturadas. Criei o grupo "Diálogos sobre feminismos e BDSM" exclusivamente para este trabalho. E, como havia sido solicitado nos comentários, era "só para mulheres". O post me indicou uma rede de contatos, sugeri a algumas a entrada no grupo, outras chegaram por iniciativa própria. Elas solicitavam entrada após confirmar que aceitavam os termos sobre participar da pesquisa e eram aprovadas por mim. Nesse grupo eu propus discussões com as temáticas, fiz perguntas, mas a interação foi pouca. A lenta velocidade de entrada das participantes fez com que houvessem poucas interações e meus posts não agitavam como agitou o grande grupo anterior à pesquisa. Por outro lado, as pessoas pareciam interessadas em serem entrevistadas, queriam falar sobre BDSM e feminismo, tinham algo a dizer. Foi difícil lidar com o grupo "dando errado" (só houveram 4 interações), mas resolvi desistir do grupo enquanto fonte de dados, usarei esse canal para dar o retorno às 30 mulheres que entraram no grupo sobre a pesquisa antes de fechá-lo. E então, resolvi investir nas entrevistas.

Abordei somente pessoas que se dispuseram a colaborar com o trabalho, enviando inbox sobre a pesquisa e perguntando se gostariam de conversar. Nesse momento também fui abordada por cerca de 25 homens cisgênero que chegaram no meu inbox com perguntas e propostas como "posso ver o seu pé?", ou "posso te ensinar tudo sobre BDSM, o que vc quer saber?". Também chegaram com "nudes", fotos explícitas que mostravam apenas um pênis. Essas mensagens, por partirem de perfis sem "amigos em comum" com o meu, vão para uma pasta escondida no Facebook chamada "outras". Nenhuma dessas pessoas foi escolhida para ser entrevistada, algumas foram abusivas, mas também só tive acesso à maioria dessas mensagens depois de iniciadas as entrevistas. As pessoas entrevistadas foram escolhidas com base em seus comentários no post e pela interação no mundo virtual que eu estava conectada, sendo dois deles administradores de grupo sobre BDSM.

Com o roteiro de entrevista semiestruturada, dividi em dois troncos de questões que me "norteavam", mas mantendo em mente a fluidez e organicidade do diálogo interpessoal: BDSM e sexualidades; e Feminismos. Pensei em perguntas "necessárias" e "contextuais", as primeiras eu deveria fazer diretamente, as outras eram para ir guiando e construindo o contexto, também para permitir que eu entrasse no fluxo da conversa e ficasse mais atenta a função de ouvir (ou ler). As entrevistas foram feitas por e-mail, Whatsapp áudio e texto, e bate-papo do Facebook como relatarei mais a frente. Além disso, fiz uma introdução que continham informações rápidas sobre mim e minha pesquisa e, logo em seguida, perguntei alguns "dados de identificação".

O primeiro desses dados foi o nome, que incluí nome social, ou o nome "BDSM" como possibilidades, segundo o que percebi no uso dos perfis do Facebook nos quais nomes e nicknames se revezam criando perfis mais ou menos "expostos". Além do nome, idade, posição no BDSM, se casada/o ou solteira/o e como a pessoa se identifica em termos de raça, gênero e sexualidade, também perguntei com o quê trabalhavam e se seguiam alguma religião.

Com essas informações iniciais sendo introduzidas de forma mais sutil, fiz questionamentos sobre BDSM e como haviam chegado até a subcultura. Também quis entender como se dava a relação entre BDSM e sexo para cada pessoa, e como era a socialização com o "meio" e como essas pessoas negociavam prazeres e limites em seus cotidianos. As perguntas do segundo bloco eram sobre os significados de feminismo e como a pessoa havia se encontrado com o feminismo. Também quis saber se seguiam alguma "corrente" feminista, ou participavam de algum grupo e o como era a temática BDSM dentro desses grupos. Junto a tais questões escrevi também possíveis "direcionamentos", temas que

podiam emergir para que eu ficasse atenta. Durante todo tempo mantive abertos arquivos do Diário de campo, que se dividiu também em um caderninho quando senti falta de escrever "à caneta".

Inspiro-me também na experiência descrita por Marcelle Jacinto (2015) em sua etnografia virtual sobre feminização forçada. Ela conta que, assim como aconteceu nesta pesquisa, o diário de campo foi aliado e testemunha, ajudou o processo de imersão, o diário era suporta para anotações heterogêneas. Meu diário de campo (BARROS; KASTRUP, 2009) também continha diferentes tipos de anotação, mas principalmente três colunas com descrição, interpretação e afetação de minhas observações. O diário virtual, um documento do Word, continha também print screens de telas e diálogos. Dessa forma, a construção dessa ferramenta foi essencial no processo de pesquisar.

A partir dos diálogos que consegui fazer com participantes do BDSM Brasil e de outros grupos menores entre secretos e fechados, selecionei pessoas que se disponibilizaram para entrevistas a partir dos comentários propositivos do meu post, e da abertura à interação. Fiz contato com a proposta da entrevista com pelo menos dez pessoas, obtive resposta de sete pessoas, com três delas chegamos a iniciar a entrevista, mas em algum momento pararam de me responder. Assim, quatro entrevistas semi-estruturadas foram concluídas. Lolla, MF, Vince e Kyav escolheram os codinomes sob os quais apareceriam neste texto e os trechos em aspas são recortes da entrevista.

Lolla

Comecei o contato com Lolla por Facebook em janeiro de 2019, e logo ela propôs que eu enviasse email com as perguntas. Segui um protocolo pessoal de enviar sempre uma primeira mensagem contando um pouco sobre a temática da pesquisa, e me introduzindo um pouco enquanto pesquisadora, BDSMer e feminista. Ela devolveu rapidamente "manda bala nas perguntas", ao que respondi com as "perguntas iniciais" e me colocando disponível para falar mais sobre mim ou a pesquisa. Ela se identificou, me disse que é switcher, uma mulher cisgênera e "hetero" que se reconhece como amarela e se aproxima do "feminismo interseccional asiático". Ela tem 25 anos e é estudante de Antropologia, se interessa por shibari e por questões sobre imigração japonesa no Brasil.

Nós trocamos emails por três semanas no início de 2019 e Lolla parecia estar feliz de estarmos conversando, se mostrava aberta. Nos identificamos principalmente pelo interesse acadêmico em BDSM, e já no do começo dos emails trocamos figurinhas sobre os textos de Gayle Rubin e a conversa fluiu com leveza e bom humor. Lolla apontou a partir dessa referência que os grupos BDSM nos Estados Unidos e na Europa são "mais voltados para a comunidade LGBTQI+, enquanto no Brasil o role é mais hetero e menos politizado". Para ela o BDSM é um campo rico, no qual se pode fazer vários tipos de análise como sobre o consentimento, práticas saudáveis da sexualidade, e a possibilidade de pensar erotismo "muito além de algo biológico".

Lolla é switcher, mas que tem uma certa tendência em dominar e gosta de se relacionar com pessoas que também seja switcher. Apesar de ter mais encontros com homens baunilha, ela tenta, com estes, ampliar o diálogo, principalmente por que uma de suas preferências é o CBT - Cock Ball Torture (tortura nos escrotos), "então é sempre bom uma conversinha para ver se o cara topa ou não". Nos grupos feministas ela diz que pode haver "treta" (intriga) se chegar com a temática fetichista.

Sua aproximação com o "masoquismo" foi "bem aleatório". Em um encontro com um homem que havia conhecido, no qual ele lhe bateu. As tapas soaram ambíguas, ela relata que pensou que foi bom demais e que percebeu que "curtia" o "spanking", mas diz que pensa no quão "zuado" foi ele bater sem perguntar se ela queria. Depois, em um relacionamento que durou alguns meses com outro homem, pôde experimentar mais o BDSM. Assim, ela descobriu que também gostava de dominar, e não só "ser dominada" e se interessou por sufocamento, vendar pessoas, bondage e "tease and denail" (prática de excitar uma pessoa ao

máximo, mas proibí-la de chegar ao orgasmo). Sobre seus relacionamentos, pondera que teve vários traumas, mas que nenhum deles foi "pelo BDSM".

MF

Minha conversa com MF aconteceu em janeiro de 2019. Entrei em contato pelo bate-papo do Facebook a partir de sua disponibilização nos comentários da postagem que citei. Logo depois que nos apresentamos e falei sobre a pesquisa, ele pediu que falássemos pelo Whatsapp. Como protocolo, iniciei a conversa e citei novamente a problemática da pesquisa e o Termo de Consentimento, lembrando a ele que iria apresentar o Termo para que lesse, mas que ao final da entrevista eu voltaria ao Termo. Tivemos cerca de 5 horas de conversa, entre textos e áudios, que foram transcritos por mim.

MF se identifica como homem cisgênero e pansexual, também é candomblecista e afrodescendente. Me contou que se interessou por BDSM na juventude. Durante um encontro sexual com uma mulher mais velha, ele foi interpelado pelo pedido dela de que lhe batesse. Assustado, mas curioso, deu-lhe tapinhas que, instigado por ela, foram aumentando de intensidade: "a mulher gozou pra caramba e eu também". Apesar de consentida, os desejos mobilizados naquela cena e o prazer a partir de uma situação que "machucava de verdade" deixaram MF angustiado. Na semana seguinte, ele levou a questão ao psicólogo que o acompanhava com o pedido "me interna porque eu sou doente mental" (MF, 2019). Acalmado pelo terapeuta, contou-lhe a cena descrita, os tapas, a dor, o prazer. O terapeuta, acolhedor, ofereceu a MF um livro em inglês sobre sadomasoquismo, que ele levou para casa e leu. Na sessão seguinte, respondeu ao "e aí?" do psicólogo com sua descoberta de que havia "mais gente no mundo louca que nem eu" (MF, 2019), o profissional lhe disse que "isso não é loucura, é só um gosto". MF foi indicado pelo terapeuta a uma "confraria", um grupo SM fechado de cerca de 20 pessoas, que se encontrava periodicamente em sua cidade para estudos e cenas. Eles seguiram o processo terapêutico em torno desse tema focando que MF pudesse se "entender e aceitar".

A partir de suas descobertas, posicionou-se como dominador e sádico e passou a estudar técnicas e teorias sobre BDSM, anatomia, fisiologia, de seus 16 até os 21 anos, sob orientações do grupo que fazia parte. No seu aniversário de 21 anos, chegada a "maioridade civil", seu "presente foi uma moça (...) muito masoca" (MF, 2019), com quem praticou sadomasoquismo e explorou os limites e prazeres da dor. Seu despertar para a dominação/submissão foi durante uma daquelas sessões S/M, na qual a masoquista

agradeceu-lhe o espancamento ajoelhando-se e chamando ele de "meu senhor". "Aí me quebrou, cara! Esse negócio me deu um tesão filha da puta e aí eu descobri que sim, a questão do jogo de poder me excitava" (MF, 2019). Começou a estudar sobre D/s e criou a primeira lista de discussão online brasileira sobre sadomasoquismo, para que as informações pudessem circular também em português. Ele ficou na confraria por anos e se afastou quando viveu um "casamento monogâmico baunilha" até perceber que pra ele "não dá certo".

Atualmente, ele está com 45 anos, e administra um grande grupo sobre BDSM no Facebook e também outros grupos sobre o tema no Whatsapp, participando ativamente do "meio BDSM". MF também é artesão, fabrica artefatos para BDSM em seu ateliê de marcenaria e serralheria, produzindo inclusive mobiliários, além de canes, chicotes, palmatórias sob encomenda. É casado com uma feminista BDSMer, sua bottom, e eles vivem uma relação não-monogâmica em que separam entre o lado "baunilha" e BDSM. Pelo "lado BDSM", ele domina o jogo, e sua dominação inclui restrições: ela é swither e seu acordo é que ela pode atuar como Top em cenas com outras parcerias, mas não como bottom - a menos que ele abra uma exceção. No eixo "baunilha" ele diz que "tem todo direito de se relacionar de forma baunilha com quem ela quiser, seja homem, seja mulher, que minha mulher é pansexual também" (MF, 2019). Ele considera que o BDSM é um "jogo erótico para adultos" que deveria ser "o rompimento de uma série de amarras, mas pondera que "Brasileiro tende a ser machista" (MF, 2019).

Vince

Entrei em contato com Vince pelo mesmo caminhos dos anteriores, via grupo no Facebook. Demoramos para conseguir um momento em que os dois estivessemos online, e nos falamos pelo chat do Facebook em janeiro de 2019. Ele ia direto ao ponto, preferia perguntas diretas e me dava respostas curtas com muitas informações. Vince tem 29 anos, cursou necropsia, e é "ginisexual", sente-se atraído por "qualquer pessoa que tenha aparência feminina, seja trans, andrógino ou mulher". Seu primeiro contato com BDSM foi aos 20 anos, no Fet Life Party, uma comunidade virtual exclusiva para fetichistas, ele praticava spanking, imobilizações e jogos com agulhas antes mesmo do BDSM, e teve contato com o tema em oficinas. Atualmente ele é noivo de "sua masoca" com quem descobre e provoca as sensações do SM.

Vince é categórico ao afirmar "BDSM é uma subcultura, não há 'prática BDSM'" (VINCE 2019), e conta que fazer parte dessa comunidade trouxe-lhe boas expectativas, pois o público é "bem maduro" (VINCE, 2019). Ele administra um grande grupo sobre BDSM no

Facebook há onze anos, e há sete escreve um blog, publica guias e gera debates sobre BDSM no espaço virtual. Com o crescimento dos grupos virtuais e a percepção do volume e riqueza dos conteúdos, Vince pretende lançar um site que sistematize informações em português sobre o tema, além de ter um segundo blog menos divulgado, voltado à discussão acerca do BDSM contra a violência.

Quando pergunto sobre feminismo, se diz neutro e que "depende da feminista e não do feminismo"(VINCE, 2019). Ele observa que existem mais homens no nicho BDSM, mas que entre as mulheres tem mais bottoms. Sobre isso, reflete sobre a existência de dominatrixes profissionais, que cobram para dominarem - "porém o homem que faz o mesmo é mal visto pois até mesmo nesses nichos, há a ideia de que o homem não pode depender do dinheiro das mulheres". Por último, faz uma ponderação importante sobre o estereótipo e diz que algumas pessoas mantêm o sexismo de achar que o lugar da mulher é como bottom.

Kyav

Entrei em contato com Kyav pelo Facebook e ela me pediu que lhe contatasse pelo Whatsapp, marcamos um horário, conseguimos nos falar no final de janeiro de 2019 e conversamos por duas horas. Comecei introduzindo um pouco sobre mim e a pesquisa, e fazendo as "perguntas iniciais" para ela, rapidamente me respondeu. Kyav é umbandista, uma mulher cis, branca de 28 anos. Se identifica como bissexual e hetero-romântica, fazendo referência às identidades sexuais que separam "orientação romântica" de "sexual" mostrando que se atraem afetivamente de uma forma e sexualmente de outra.

Seu contato com as práticas fetichistas foi há mais de nove anos em leituras e em um relacionamento que despertou seu interesse. Depois, decidiu pesquisar mais sobre "o meio" e conhecer mais pessoas, para vivenciar mais seus fetiches e descobrir outros "que nunca tinha visto ou ouvido falar" (KVAV, 2019). Está há um ano no "BDSM mesmo, no meio". Para ela há um estereótipo de que mulheres são sempre tidas como bottoms e submissas, e homens como Tops e dominadores. Ela é switcher e sobre essas, me conta que recai o estereótipo de que "não existe switcher" e que ela só não havia achado um "dominador que dobrasse ela". Ela defende a experimentação, concordamos que experimentar as duas posições "tem vantagem".

Atualmente ela administra um grupo virtual de encontros BDSM em sua cidade e ajuda a divulgar os eventos sobre o tema, reunir pessoas e garantir que ninguém "vá ficar sozinho" nos eventos. Ela também é organizadora do Bondage Piquenique, um evento em espaço aberto no qual se praticam bondage e shibari. Ela conta que "entrou no BDSM" há

menos de um ano e já está organizando tal evento, em um acordo um amigo que organizava antes dela. Ela se diz feminista "vertente liberal" e que trabalha com "sexy positive". Diz que se percebe vivendo em uma sociedade que a oprime não só por ser mulher, mas por ser mulher, bissexual e por ter vivências sexuais não normativas.

Para ela, BDSM é um meio no qual é importante o entendimento de que todos são iguais independente do gênero e fala das possibilidades do BDSM de homens vivenciarem o papel de submisso e mulheres o papel de Domme. Pondera que o SM nasceu com homens gays da Leather Culture e que por isso mesmo deveria ter "cabeça aberta", mas infelizmente a cultura machista atua mesmo nesse meio, produzindo situações de opressão contra mulheres, e "tenta julgar elas como submissas". A importância da noção "sexy positive" é, para ela, principalmente que as pessoas devem vivenciar sua sexualidade de forma plena e sem barreiras culturais, em crítica a uma sociedade que trata "como doentes" BDSMers, quando "nós estamos apenas vivenciando nossa sexualidade de uma forma plena e não-normativa" (KVAV, 2019).

4.7 Procedimentos de análise

Com estes dados em mãos, e o diário de campo aberto, os posts e entrevistas foram lidos, relidos e coloridos com meus lápis-de-cor em uma busca por assuntos, temas, palavras que me "chamassem os olhos" por estarem se repetindo em mais de um texto, por não se repetirem, por serem importantes e provocarem reflexões sobre meu tema, feminismos e BDSM. Ou seja, elementos desses "dados" que mobilizassem provocações sobre tal relação.

O exercício de leitura me mostrou assuntos, entre consensos e dissensos que começaram a ficar evidentes. Também notei as diferenças e semelhanças entre os dois "tipos" de resultados que obtive: os textos em blogs, de caráter público; e as entrevistas interações pessoais. Deixei que os assuntos saltassem das leituras sem muito enquadrá-los, uma primeira tentativa de decodificar minha questão de pesquisa. Depois, os assuntos se mesclaram e formaram as temáticas da análise.

Propus algumas divisões iniciais e montei em formato de uma grande tabela, o "quadro sinóptico", deixei espaços em branco pensando que mais assuntos poderiam emergir, algumas seriam apagadas, ou haveriam assuntos que se misturassem e terminassem por formar um tema maior. Criei uma nova divisão na tabela sempre que novos assuntos ao redor de minhas questões de pesquisa apareciam. Comecei esse processo com os textos de entrevistas, mas tentei ficar livre sobre usar ou não as mesmas divisões de assuntos. Por fim,

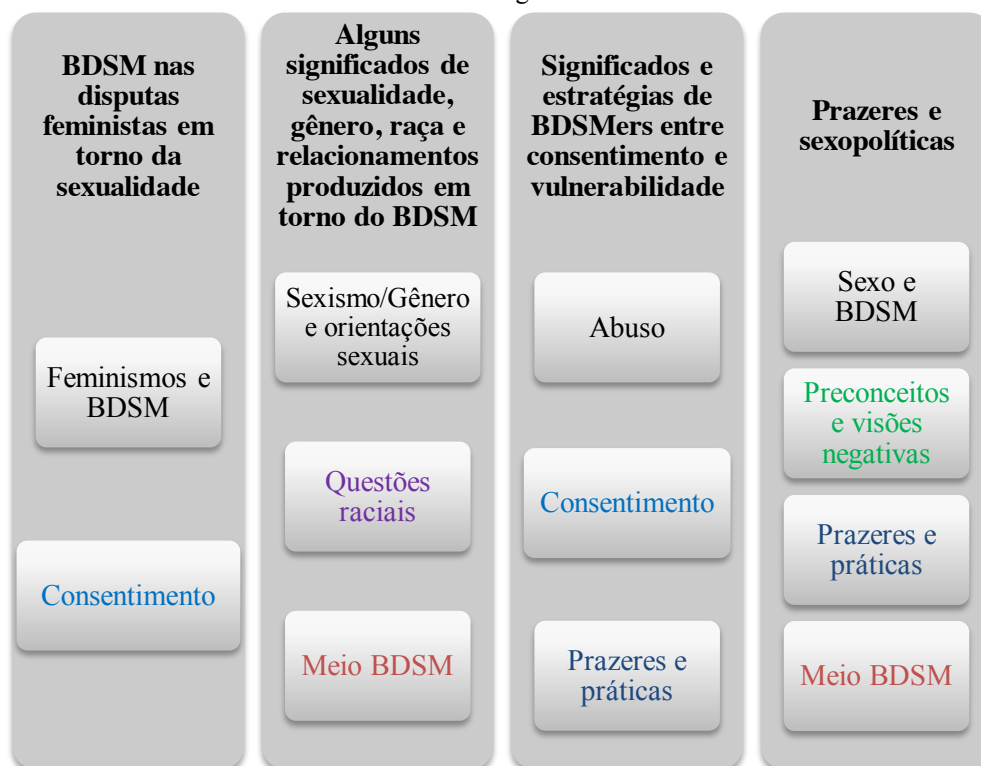
ao fazer o mesmo processo com os textos de blogs e sites, mantive as categorias pois os assuntos cabiam.

Nove “assuntos” compuseram a tabela, que fui preenchendo com trechos de cada um dos textos. Com estas divisões iniciais, o exercício foi de agrupá-las, relacioná-las em torno do objetivo, para depois dar forma ao que chamo de categorias ou temáticas encontradas nos textos analisados. As quatro temáticas analisadas foram compostas pelas relações entre os “assuntos”. Dessa forma, para traduzir em texto o quadro analítico, relacionei os assuntos entre si, combinando os elementos centrais e os “panos de fundo”.

Os assuntos que saltaram no texto foram “Feminismos e BDSM”, “Consentimento”, “Sexismo/Gênero e orientações sexuais”, “Preconceito e visões negativas sobre BDSM”, “Meio BDSM”, “Questões raciais”, “Abusos”, “Sexo e BDSM”, “Prazeres e práticas”.

Construir as categorias foi o exercício mais denso, aglutinar os assuntos que surgiam de forma mais visível em torno de temáticas que me encaminhassem ao objetivo geral. Com os assuntos que saltaram do texto, montei quatro categorias analíticas. Estas categorias se misturam e complementam, separam-se para fins didáticos a partir dos objetivos da pesquisa. As categorias são: BDSM nas disputas feministas em torno da sexualidade; alguns significados de sexualidade, gênero, raça e relacionamentos produzidos em torno do BDSM; significados e estratégias de BDSMers entre consentimento e vulnerabilidade; prazeres e sexopolíticas. A composição das categorias analíticas a partir dos assuntos se deu da seguinte forma:

Tabela 2 – Categorias BDSM



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

5 FEMINISTAS, TECLAS E TAPAS

As categorias descritas no capítulo anterior compõem os próximos tópicos de discussão analítica. A primeira categoria versa sobre "Feminismo e BDSM", a partir de conteúdos trechos que tratam explicitamente de como relacionam feminismo e BDSM, procurando entender termos utilizados, caminhos argumentativos, e por que feminismo caminham. E também sobre Consentimento, pois todos os textos em maior ou menor grau traziam o consentimento como central ao BDSM, assim como nas entrevistas, este parece ser o elemento que legitima o BDSM, atacado por um lado, e defendido por outro.

A segunda temática discute sobre os significados acerca do "Gênero e das orientações sexuais" que emergem em torno do BDSM, sejam formas de entender "homem/mulher", naturalizações destes lugares sociais, reforço ou quebra de estereótipos e posicionamentos sobre isso ou, práticas sexuais que envolvessem dinâmicas de gênero em seu enredo. Nesta categoria, precisei acrescentar o termo "sexismo", utilizado por Kiya quando perguntei se havia machismo no meio, e esse termo acabou por descrever alguns trechos tanto de entrevistas quanto dos blogs.

Durante o processo de campo, estive online em uma discussão sobre práticas-tabu, ou seja, aquelas que são consideradas por aquelas pessoas do meio BDSM como "tabu", seja por questões físicas, pessoais ou morais. Entre amputação e zoofilia, algumas pessoas colocaram o RacePlay (jogos que invocam questões raciais) como limite. E, mesmo não podendo dar toda atenção necessária à esta questão no trabalho, considero o antirracismo um pilar do feminismo. Da mesma forma, elementos sobre configurações de relacionamentos emergiram a partir das entrevistas e são discutidas nesta categoria.

A terceira categoria tenta lidar de forma mais direta com os perigos e as noções de violência e abuso. O consentimento será discutido em termos de discordâncias sobre ele e estratégias das/dos BDSMers de negociação de cenas. Trago também trechos que tratam de Abusos, cenas abusivas e os encaminhamentos para as pessoas envolvidas, tentando dar ênfase no perigo e entender como se dá um abuso em uma cena BDSM.

A quarta e última categoria analisada está situada em entender políticas que envolvem a sexualidade, especialmente o BDSM. Dessa forma, se faz importante pensar nos preconceitos e visões negativas sobre BDSM, principalmente porque o processo de pesquisa e diálogo para entrevistas me levou a perceber que a vivência do BDSM é permeada por interdições. Os perfis fakes no Facebook, as afirmativas em sites e blogs e as experiências como a de Lolla, que não pode ter um perfil com seu nome no "meio BDSM", pois a empresa onde trabalha não permite. Da mesma forma, trago apontamentos que relacionavam BDSM e "doença mental", tentando desmistificar essa relação ou reforçando-a. Reflito ainda sobre a relação do BDSM com "sexo" que se fazia importante desde o início da pesquisa. Por isso, durante as entrevistas, provoquei os/as interlocutores/as de como pensavam BDSM em relação ao sexo e à sua sexualidade. Tais experiências são contextualizadas pensando a produção de prazer e sociabilidades no “meio BDSM”. Assim, de forma a destacar as vivências de prazer e descrição de práticas, tentarei refazer alguns caminhos dos desejos que circundam o BDSM.

5.1 Atualizando a página: BDSM nas disputas feministas sobre sexualidade

As disputas de significados sobre o sexo, o BDSM (e outros temas sensíveis) entre feminismos e feministas se dá atualmente e nas redes da internet a partir de ideias e argumentos semelhantes àqueles que trouxe no tópico “Transando feminismos”, do segundo capítulo desta dissertação. Neste tópico de análise trago as linhas argumentativas sobre o

BDSM que encontrei nos sites e blogs com visões “dos dois lados”, e também a experiência das pessoas adeptas do BDSM colocadas no eixo dessa disputa.

Durante as entrevistas que montei de forma semiestruturada tentei deixar que os temas surgissem também espontaneamente, mas esse foi um assunto que não escapava. Afinal, “feminismos e BDSM” está no título do trabalho, é o gatilho inicial. Da mesma forma, os termos de busca que usei nas pesquisas via Google mostraram resultados nesse sentido. Considerando a “disputa” entre feminismos, o post n. XVI, assim como vários outros, questiona a coerência entre feminismo e BDSM e afirma: “feminismo e BDSM podem conviver em harmonia dependendo da vertente que segue” (RAFWAY, 2018).

Os significados da disputa em si versam sobre o BDSM em correlação com outros temas como prostituição e transexualidade, mas, especialmente, a pornografia. Os primeiros termos sobre as discordâncias feministas que me deparei foram “Sex Wars”, Guerras sexuais. Mesmo antes de fazer a busca sistematizada que veio compor este trabalho, já havia testado a busca algumas vezes e feito a revisão da literatura na qual usei os mesmos termos de busca (e mais outros) em plataformas de periódicos científicos. Em todas as buscas e leituras o tema era latente: haviam “guerras sexuais” entre feministas. E é sob essa linguagem que o último post (XVIII) analisado traz informações preciosas, históricas e bem sistematizadas.

Com ampla fundamentação teórica e citações que traziam Gayle Rubin, Andrea Dworkin e outras protagonistas dessa “guerra” em seus atos mais marcantes dos anos 1970, o artigo do Wikipédia é intitulado “Guerras sexuais feministas” e coloca também o nome “guerras pornô”. Apesar de ter dúvida sobre o uso da palavra “guerra”, a disputa de significados está posta. Nesse texto colocam-se “dois pontos de vista opostos” nomeados de feministas antipornografia e feministas pró-sexo. Este post é o único que se pretende neutro, e tenta trazer os pontos de vista com algum afastamento. Apesar disso, no pequeno tópico sobre sadomasoquismo em debate apenas 2 das sete linhas de texto traz considerações sobre o “lado positivo”: “Em 1978, SAMOIS foi formada, uma organização de mulheres na comunidade BDSM, que viram suas práticas sexuais como consistentes aos princípios feministas” (Wikipédia, 2019).

Todos os outros posts encontrados na pesquisa, mesmo quando tratam em termos de disputa têm uma posição demarcada. Os textos tem por intenção defender o BDSM ou atacá-lo se utilizando principalmente do termo “feminista” como um adjetivo, uma qualidade que ora é dada ao BDSM, ora é antagônica a ele. Dessa forma, as perguntas “BDSM é feminista” junto a “dá pra ser feminista e BDSMer?” parecem situar o “lado sexopositivo”, de forma a defender o BDSM respondendo essa pergunta a partir de possíveis objeções. Fiquei intrigada

ao perceber que, mesmo os conteúdos positivos ao BDSM colocam o “ser feminista” como uma questão, invisibilizando que existimos tentando construir pontes entre esses dois campos.

A disputa ganha mundo, gera dúvidas, mas tem pesos diferentes para cada “lado”, e é no corpo das BDSMers que se presentificam, tomando seus desejos como arena. Se o feminismo se faz como uma política importante na vida das mulheres, que não só diz respeito à sua relação com o mundo, mas tem a potencia de ressignificar processos pessoais e ajudar a repensar a própria sexualidade, é nesse ponto que o “ataque” das feministas acontece. O feminismo sendo colocado como um adjetivo, um carimbo que pessoas e coisas recebem se seguirem tais princípios, dessa forma as acusações que as feministas interessadas em BDSM recebem é de serem “desertoras do movimento”.

Essa argumentação é importante principalmente por causa da importância dos feminismos nas discussões sobre relações de poder e sobre sexualidade. A exclusão do tema fetichista, das BDSMers, assim como prostitutas, termina por ser parte integrante do sistema sexual que silencia e marginaliza as práticas sexuais não normativas. O entendimento radical do sexo enquanto relação de poder rígida tem consequências nas vivências de outras mulheres. É sobre isso que o post XII traz, lembrando que a política feminista de “visibilizar as protagonistas da temática” não é sempre colocada quando se trata de temas que envolvem sexo, sobretudo o BDSM.

Quando as praticantes de BDSM se sentem julgadas, coagidas e excluídas dos espaços feministas por gostarem de práticas sexuais inconventionais, isso funciona como um mecanismo de silenciamento. E o combate ao machismo é algo que envolve a todos, independente de suas fantasias, taras, fetiches e zonas erógenas (...) Mas é quase impossível levantar essas importantíssimas vozes no Feminismo, pois são carimbadas de ingênuas e manipuláveis pelas próprias feministas (ARRAES, 2015b).

A chancela de ingênuas e manipuláveis tem apelo forte, condiz com o que o sistema de gênero impõe às mulheres. Consigo perceber a facilidade de absolvição dos argumentos radicais, eles parecem balizar a discussão sobre BDSM, mesmo os textos positivos partem da “crítica radical”, sempre interessados em responder as questões deste. Penso que isso se dá por causa do moralismo sobre os temas eróticos, que levam a pensar em impossibilidades sobre o sexo mais do que em potências; e porque esses argumentos têm a mesma característica das visões normativas - tratam o BDSM como um mistério, uma curiosidade bizarra. Na reportagem do post n. XV, da qual fui entrevistada, a jornalista inicia:

É possível uma mulher ser feminista e, ao mesmo tempo, curtir a submissão e dominação sexual? Olhando somente para a definição dos conceitos, eles parecem

não combinar. Se feminismo luta por direitos iguais entre homens e mulheres e o sadomasoquismo se baseia na ideia do prazer através da dominação e submissão, parece não existir como unir as duas coisas, certo? (BERTHO, 2017).

Na matéria “Submissas na cama, mas não na vida: elas são feministas e adeptas do BDSM” e também em outras o feminismo é colocado como um “conceito” estanque. Se olhando para “a definição”, o feminismo parece não combinar com dominação e submissão fica evidente que existe um tipo de feminismo que se propõe ser “o feminismo”. Este texto traz informações interessantes sobre BDSM, na articulação com questões de gênero e desmistifica um pouco a ideia que correlaciona BDSM à violência. Porém, nem fala sobre outros feminismos, ou sobre haver uma disputa. A questão sobre a possibilidade de BDSM “ser ou não ser” feminista é respondida baseada principalmente em dizer que há escolha no BDSM e que “pode ser empoderador”.

Para tentar refletir sobre a disputa fiz o esforço de selecionar trechos que se situassem no campo argumentativo contrário ao BDSM e à sua coerência com “o feminismo” baseando-me nos mesmos assuntos que todos os outros textos. A princípio no processo de análise não fiz nenhum tipo de distinção entre os conteúdos, nem tive uma categoria voltada à opinião das feministas radicais. Portanto, investiguei os significados produzidos por elas sobre os assuntos dessa pesquisa, e também me deixar provocar e sentir interpelada por suas perguntas e tensionamentos. Mesmo não havendo separação inicial, os textos que se chancelavam “radicais” gritavam, não deixavam dúvidas e, por mais que fossem minoria (são os posts IV, X e XIV) seus argumentos são incisivos e longos, o que fez com que eu pudesse preencher a tabela com uma boa quantidade de trechos. Penso que essa linha argumentativa é minoria nesta busca exatamente pelas palavras que usei, associar BDSM+Feminismo traz mais textos que comportam a possibilidade da relação existir positivamente.

O argumento destes textos agrupados como “feministas radicais” é objetivo, se propõe a discutir somente a relação Homem/Mulher a partir do estereótipo Dom/sub, apesar dessa visão cristalizada dizer mais acerca do que pensam sobre a posição das mulheres do que sobre BDSM. Nestes posts não só o BDSM é uma atividade que um homem faz sobre uma mulher, como também é um desejo que parte destes homens. O convencimento das mulheres seria feito baseado na promessa de “empoderamento” no post n. IV.

Similarmente, discussões pró-BDSM ou pró-pornografia tendem a se focar nas escolhas das mulheres, não na ação dos homens ou nas experiências de mulheres que se feriram com estas práticas. Eles dizem as mulheres que é sexualmente libertador experienciar abuso físico ou sexual desde que ela “escolha” isso, mas eles nunca se

perguntam porque é aceitável que homens inflijam dor ou machuquem mulheres (V., 2014)

Concordamos que a palavra “escolha” por si só não quer dizer muita coisa, escolher, consentir não pode mesmo ser um ato trivial da vontade, mas um movimento ativo, entusiasmado. Porém o agenciamento de si aparece como impossibilidade. Essas argumentações, como reparado por Filomena Gregori, terminam por dar ênfase exagerada na violência, e não consideram a possibilidade da busca pelo prazer. Apesar disso estes questionamentos nos impelem a responder questões importantes como aquelas sobre escolha, consentimento e vulnerabilidade, reflexão sobre o que é risco e os significados de sexo que emanam. Trarei esses e outros temas nos próximos tópicos deste trabalho.

A ênfase na violência pode ser percebida nos trechos que colocam as mulheres adeptas do BDSM como vítimas de violência. Não simplesmente a “violência” de uma cena BDSM, mas o violento sistema no qual suas buscas por parceria sexual estão ligadas às necessidades de aceitação, e da “intimidade física e emocional de um relacionamento romântico” (V., 2014). Nunca, nessa visão, uma mulher busca prazer sexual afastada da noção de romance, muito menos no BDSM. Ficam algumas questões acerca dessa estratégia argumentativa, sobre como pode ser estratégico dizer-se ao lado de um grupo político e reiterar que “nunca é questão de agência” (V., 2014) e suas escolhas são sempre fruto de uma “socialização” (e fica uma grande problemática sobre esse pensamento ser aplicado em outras áreas, como a “escolha” do aborto. Não temos agência?). Nesse sentido fica evidente além da ênfase na violência, a desimportância do prazer. E de formas explícitas, como esse trecho do post n. XIV no qual a autora afirma que a luta das feministas não é pelo orgasmo e, denomina de “feministas liberais” quem discorda.

BDSM é contrário ao ideal de igualdade entre os seres humanos. As feministas radicais se opõem a interações humanas anti-igualitárias (...) Voltando para o tema, as feministas radicais lutam pelo fim da opressão do sexo feminino, não pela “escolha”, não pelo orgasmo, mas sim pela liberdade. Sim queridas feministas liberais e amantes de pornografia, há algo lá fora que vale mais do que um orgasmo (CHELLAL, 2016).

Essa colocação de “liberal” aos outros feminismos que não concordam com suas opiniões sexuais vem da ideia de que o prazer da sexualidade seria um “supérfluo” nos nossos corpos e, por ser uma discussão apropriada pelo capitalismo, o tema “sexualidade” - no eixo do prazer, das práticas sexuais fetichistas - não é importante para o feminismo. Contudo, se faz importante perceber o caráter dessa classificação em um terreno político (as esquerdas, as

lutas por justiça social, os feminismos) no qual “ser anticapitalista” ganha valor social. Ou seja, apontar determinado feminismo ou discussão como “liberal” é desvalorizá-lo em seu próprio campo, significa que o feminismo não está “funcionando adequadamente” na luta anticapitalista.

Dentre os posts colocados como “feministas radicais”, um deles trazia um caminho argumentativo diferente. Em vez de fazer críticas ao BDSM partindo da observação teórica, o post n. X coloca as experiências da autora no “meio BDSM” além de suas leituras e conversas. A autora conta de suas experiências sexuais apontando que seu interesse por dominação se deu após uma traição e “foi acontecendo aos poucos”, conta também de suas experiências baunilha com homens nas quais a “dominação masculina” esteve sempre presente, e de sua culpa em viver a sexualidade. Relatando uma última experiência com o BDSM, a autora conta um momento traumático, abusivo, em cena com um dominador.

Eu "dominei" outros caras também. Eu me sentia poderosa, forte e realmente acreditava que estava dominando. Nessa mesma época tive contato com o feminismo, o feminismo liberal, que diz que o que importa é se sentir bem. Eu não fazia uma análise crítica da realidade, não percebia que a minha posição de dominância era momentânea, fetichizada por "homens machistas" (desculpem o pleonismo) que sabiam muito bem que acabado o jogo erótico eu voltava pra minha classe (sexual): a oprimida. (...) Demorei pra perceber o quanto o sadomasoquismo é machista, racista e lesbofóbico. Demorei especialmente para entender o motivo de alguns homens fantasiarem com a dominação feminina. As feministas radicais me ajudaram a entender o quanto isso tudo é problemático (KATY, 2015).

O cerne do argumento é o ponto de virada na vida de KC, o momento no qual a “ficha caiu” – ela percebeu ter sido abusada naquele momento, com ajuda das “feministas radicais” para entender “o quanto tudo isso é problemático”. Com isso ela passou a olhar para os momentos passados com BDSM a partir de outro ângulo, que pensa sua posição social como fixa e a experimentação das posições BDSM como “momentânea” e fetichizada por “homens machistas”. Além da percepção da humilhação e abuso, ela também diz se dar conta do risco de “o cara” “virar o jogo” e lhe bater ou estuprar. No último parágrafo ela evidencia o caminho de seu pensamento colocando que o BDSM não é libertário, mas misógino e reforçador da “supremacia masculina”, não importa a posição ocupada no jogo, ele não significa nada para “a hierarquia de gênero” que precisa ser destruída. Ao fim, uma revelação contraditória em termos feministas (sobretudo àquelas que tentaram se identificar a partir da lesbianidade – as radicais) que diz respeito ao que ela pensa sobre diversidade sexual: “para aí então poder pensar numa heterossexualidade saudável para nós mulheres” (KATY, 2015).

A heterossexualidade como possibilidade única da sexualidade das mulheres como colocada, evidencia a necessidade constante de desfazer estereótipos sobre BDSM. Se tal noção de feminismo só se baseia em padrões imaginados, muito do “trabalho” das sexopositivas está em desdizer o que foi dito sobre o BDSM, (e sobre o feminismo). É o que traz o post n. III, afastando essa compulsoriedade da heterossexualidade na argumentação, e o post n. XVI, que diretamente desmistifica o argumento que é colocado no post n. XIV. Outro elemento interessante é o termo proposto pela entrevistada Mariana Borges no post n. VIII, que fala em baunilhexplicitismo – definindo o movimento de algumas feministas de falarem sobre BDSM sem nunca terem se aproximado da subcultura e terem poucas informações precisas sobre isso. Ou seja, uma pessoa “baunilha” achando que pode explicar BDSM para BDSMers.

No que diz respeito ao Feminismo, há uma grande controvérsia a respeito de mulheres que resolvem se submeter sexualmente a homens. É importante lembrar, no entanto, que homens, mulheres ou qualquer outro gênero podem ocupar tanto a posição de dominação quanto a de submissão. O BDSM não é uma prática sexual que se dedica a subjugar a mulher: todas as pessoas, independente de seu gênero, são livres para expressar e viver suas fantasias, fetiches e desejos. (ARRAES. 2012).

Mariana Borges conta sua experiência com feministas contrárias ao BDSM: “Não é nada raro encontrar feministas que querem demonizar o desejo alheio e praticar o que eu chamo de ‘baunilhexplicitismo’ – que é quando uma pessoa não praticante de BDSM acha que sabe tudo sobre o assunto e por isso deve convencer submissas e masoquistas que o seu desejo é apenas reprodução de opressão e machismo. Já li inclusive textos chamando feministas no BDSM de ‘desertoras do movimento’ e outras coisas bem pesadas” (ARRAES. 2015a).

Vale notar que muitas informações que circulam em redes feministas sobre o BDSM são falsas. A começar com a ideia de que quase todas as mulheres que estão no BDSM são submissas. Isso é falso. (RAFWAY, 2018).

Há boas razões para acreditar que são tipicamente mulheres que desempenham o papel submisso em BDSM. Assim, uma declaração mais precisa teria sido “BDSM mata mulheres” ou melhor ainda “homens dominantes no BDSM às vezes matam suas parceiras submissas ao infligir atos sexuais perigosos sobre elas. (CHELLAL, 2016).

Por esses e outros argumentos que desconsideram completamente a possibilidade de uma escolha legítima uma severa cisão entre feministas se faz notável. Assim, na entrevista do Post n. XIII, Fabiana Moltroni mostra como se dá essa “questão” a partir de sua experiência enquanto fetichista. Me deparei com três tipificações para designar alguns dos feminismos que são favoráveis ao fetichismo, contando os textos públicos e as entrevistas, são eles: sexopositivas, liberal e interseccional (ou intersec).

Sobre ser fetichista em grupos feministas, seria uma questão se eu participasse de grupos de predominância da linha radical do feminismo, mas não é um problema

exatamente, pois sou uma feminista interseccional e a maioria dos grupos feministas do quais faço parte são dessa linha, cuja abordagem, entre outros recortes, enxerga as mulheres como agentes e detentoras de potências e escolhas, mesmo diante de situações de opressão. (MOLTRONI, 2015)

Existem discussões aprofundadas sobre os feminismos, especialmente sobre o que vem sendo chamado de “feminismo interseccional¹²”, um termo em disputa que causa estranhamento ao ser usado como “identitários”. Contudo, trago agora alguns significados perceptíveis em campo e suas tensões. Interseccionalidade é um conceito em disputa, advindo de reflexões de feministas negras e lésbicas que coloca, em linhas gerais, que a experiência é pautada pela mescla dos marcadores sociais que carrega um corpo, não sendo possível analisar sobrepondo um marcador a outro ou deixando de “contar”. Dessa forma, ser “mulher negra” é uma experiência fundamentalmente diferente de ser “mulher” ou ser “negra”. Esse feminismo “intersec” é colocado como capaz de olhar de forma sensível para outros marcadores sociais de diferença além do gênero e entende-os como interdependentes, rizomáticos, e também como diretamente associado à teorias queer. Por isso, se identificar como “feminista intersec” tem se tornado comum dos ambientes online e foi assim que Lolla me falou de si: “Eu sou feminista, e sigo a linha intersec asiática conectada com experiências de imigração” (LOLLA, 2019).

O “liberal” aparece em dois contextos, nas acusações das feministas radicais e na identificação de Kyav. Ela coloca imprecisamente que se considera da “vertente liberal”, posto que se vê carregando privilégios e por essa ser uma vertente próxima do “sexy positive”. Essa afirmativa de Kyav gerou reflexões interessantes. Penso que ela coloca o feminismo liberal como próximo ao pensamento sexopositivo por sua vivência, e pelo movimento de “apropriação” das pautas de movimentos sociais pelo capitalismo. A “liberação sexual das mulheres” virou produto, simbólico e material, capitalizado em sex shops, farmácias, livros, cinemas. Imagino que um suposto feminismo “liberal” estaria confortável com essas apropriações, teria por foco inserir ali pautas de gênero e propor visibilidade no eixo do mercado e do neoliberalismo. Não tenho provas da existência de um feminismo “liberal”, e, assim como as radicais pensam, também duvido muito de lutas feministas que se associem ao “capitalismo”. E, de toda forma, se aceitarmos como provocação, essa afirmativa

¹² Apesar de interseccionalidade ser um conceito e uma ferramenta analítica, alguns movimentos sociais têm usado o termo como adjetivo para destacar sua atenção a outros marcadores sociais da diferença além do gênero como raça, classe social, orientação sexual entre outros. Este uso é polêmico e o termo é terreno em disputa no âmbito dos feminismos. Sobre isso ver Brah (2006), Crenshaw (2012) e Piscitelli (2008).

nos mostra que precisamos ocupar a sexualidade com o feminismo, sexopositivo sim, mas também anticapitalista, transfeminista, e produtor de boa pornografia.

Sim, eu me considero Feminista. Eu sigo mais uma vertente liberal, ah, tenho um carinho muito grande pela Intersec, mas ainda sim eu tenho muitas discordâncias de como a militância intersec trabalha. Então como eu me sinto mais privilegiada, é, e as minhas vivências por ser uma mulher branca, uma mulher que majoritariamente foi privilegiada de ter estudado em colégio particulares e tudo mais, éé, eu acabei me identificando mais com a vertente liberal. E também por ser uma vertente que trabalha muito com sexy positive, então, é uma vertente que eu acabei me identificando. O entendimento do sexy positive de que as pessoas devem vivenciar a sua sexualidade de forma plena e independente de barreiras, éé, culturais (KYAV, 2019).

A relação entre feminismos e BDSM também é colocada a partir da própria experiência com a subcultura e as cenas, como aparece no Post n. V em que a autora fala sobre a posição de submissão em contexto fetiche. Para ela, nesse momento ela está “exercendo o feminismo” que é tido como a possibilidade de escolha e decisão. Uma frase deste trecho chama atenção e contradiz alguns argumentos contrários ao BDSM. A passividade é só aparente, nessas cenas há muito mais sendo mobilizado.

Ser uma submissa no BDSM é, pra mim, uma das partes da minha vida onde mais exerço meu feminismo, porque é lá que eu decido o que será feito com o meu corpo. Pode até ser que pareça que sou passiva ali, porém fui eu que decidi o que pode e o que não pode ser feito do meu corpo, e eu posso decidir a hora de parar. (A.A, 2013).

Seguindo o pensamento que considera a relação BDSM e feminismos como potente, o texto de Jarid Arraes (post n. XIII) propõe ocupar o BDSM com o feminismo para própria segurança das mulheres. Pensar em BDSM como prática mas também como comunidade, lembrando que o “meio” também carrega mazelas sociais e absorve o sistema de gênero que se reflete em todos os ambientes. Essa dualidade também foi colocada por Lolla quando lhe perguntei sobre a experiência de ser feminista no “meio” BDSM. Dessa forma fica posta uma relação ambígua: o BDSM que tensiona os feminismos e força suas bordas; e o BDSM que é pensado a partir do feminismo, é tensionado por essa política e transformado.

A gente tem que ocupar todo lugar com feminismo – especialmente esses lugares que algumas linhas do feminismo preferem achar que não têm jeito. Temos que ocupar a pornografia, ocupar o trabalho sexual, ocupar o BDSM com o olhar e a problematização feminista. (...) Do ponto de vista de práticas sexuais, há muitas formas com que a abordagem feminista, somada ao queer, pode fazer do BDSM um lugar mais prazeroso e igualitário, como também pode ajudar feministas praticantes na sua contínua autodesconstrução e autodesintoxicação das normas e hábitos machistas, misóginos, racistas e homofóbicos da sociedade, entre outros e no seu próprio processo de vivência sexual. (MOLTRONI, 2015)

Sobre o feminismo no BDSM, cada vez mais eu vejo mulheres que entendem a diferença entre um jogo consensual e abuso. Vejo as mulheres tomando cuidados com as pessoas com quem elas se envolvem e tudo mais. PORÉM ainda tem muito macho escroto, o que é bem triste. Mas acho que o feminismo cai nisso né, de se conhecer e saber o que se quer. (...) Sobre ser feminista em grupos de BDSM, (...) é de uma maioria de homens e mulheres conservadores, pouco politizados, pouco questionadores dos papéis compulsórios de gênero (de identidade e expressão de gênero ou de orientação sexual) e que, por isso, reproduzem e reforçam normatividade e preconceitos, independente do quão aparentemente possam ser “ousados”(LOLLA, 2019).

Pensando na proposição de “feminismos no BDSM”, também quis entender como “os homens” entrevistados enxergavam essa questão. Perguntei-lhes diretamente se eram “feministas ou pró-feminismo” e o que pensavam sobre feminismos. Ficou nítido para mim que, apesar de contraditório, funcionava a mesma engrenagem de produção de verdade sobre o feminismo, e o mesmo desconhecimento que as feministas radicais têm do BDSM aparece nesses trechos no sentido contrário – visões limitadas sobre “feminismo”. Isso se dá principalmente pelo que foi trazido no tópico Transando feminismos, a instabilidade do campo feminista e as visibilidades e representações que os argumentos ganham, se tornando passíveis de serem entendidos como “o feminismo” mesmo quando representam apenas uma parte, ou mesmo nenhum feminismo.

Eu acho absurdo diferenciar pessoas por gênero. E o que eu vejo hoje em dia, tá, é o movimento feminista, o quê que eu digo que o movimento feminista se perdeu. O movimento feminista não tá lutando mais por igualdade, cara, o movimento feminista luta por privilégio, tá? Uma lei, já existe uma lei que determina homicídio, uma lei sobre feminicídio, ah é matar uma mulher por ela ser mulher. (MF, 2019).

Nenhum dos dois, sou neutro em relação a isso, pois o movimento teve seus maus e bons momentos, assim como a pauta interseccional foi importante para combater o feminismo racista da época. Então realmente, depende da feminista em si e não do feminismo. (VINCE, 2019).

Contudo, durante as entrevistas tentei utilizar uma linguagem coloquial e perguntei sobre “machismo” no meio BDSM, tentando abarcar as diferenças de gênero e os entendimentos dessa relação de poder. Não tenho certeza se pequei no uso da palavra, mas durante esta pesquisa algumas vezes observei acontecer um deslocamento sensível no olhar sobre o gênero. O que eu tentei referir como machismo, foi realocado como sexismo – e este último se faz presente, na visão de Vince, principalmente na manutenção de estereótipos de gênero que colocam como premissa direta Mulher/sub, homem/top. “Eu não diria machismo, mas sexismo ao tudo, pois muita coisa é justificada porque a pessoa é top.” (VINCE, 2019).

Essa visão generalista do feminismo como se fossemos um “bloco” leva a julgamentos impróprios e coloca no mesmo grupo argumentos que se pretendem absolutamente contrários. É possível observar isso ser produzido nas falas dos entrevistados, na não-colocação da disputa enquanto elemento importante nos escritos sexopositivos sobre BDSM, e também em argumentações absurdas e violentas como a do post n. VII. Esse trecho evidencia como a misoginia de alguns é mascarada e colocada como “crítica ao feminismo” afirmando o desconhecimento do autor sobre o tema e sua criatividade ampla para pensar xingamentos sexistas e misóginos.

Mas o que mais me impressionou nesses comentários foi a alienação, a burrice, o preconceito, a frigidez, a castração, o recalque e o fanatismo de muitas mulheres que comentaram sobre o tema. E mais uma vez a associação que fizeram com a pornografia e a prostituição foi geral, como se o BDSM fosse exclusividade de filme pornô (...) são censoras, reducionistas, estereotipadas, intolerantes, hostis e proto fascistas. Dar pití achando que todo mundo vai virar sadomasoquista é tão tosco quanto imaginar que há uma ditadura gayzista te obrigando a dar o bumbum. (F., 2015).

5.2 Corpos marcadas: alguns significados de sexualidade, gênero, raça e relacionamentos produzidos em torno do BDSM

Algumas das plays/cenas BDSM que acionam o gênero enquanto elemento performático de forma direta são citadas quando a provocação sobre BDSM e gênero é feita. Algumas dessas cenas são sissy play, feminização e inversão. Sissy play se refere a uma cena na qual um homem cisgênero e heterossexual (cis hetero) performa atividades tidas como “femininas”. Em um contexto D/s ele é a forçado e subjugado por esse papel, é também ligada ao crossdressing. A feminização foi estudada por Marcelle Jacinto (2015) e está relacionada a um homem cis hetero submisso em cenas na qual ele é “feminizado” a partir de ferramentas estéticas e performativas, rituais e vocabulário. Além dessas plays, também invoca o gênero a prática denominada “inversão”, na qual um homem cis hetero é penetrado, em geral com o uso de cintas-dildo.

Na intenção de tensionar a relação entre BDSM e as questões de gênero, na entrevista tentei não só colocar o gênero como identidade para cada pessoa entrevistada (Como você se identifica em termos de gênero?), como também provocar os significados dessa categoria analítica entre reforços e críticas. O processo de nomear as práticas sexuais diz muito de como entende-se a norma, afinal essas práticas nomeadas enquanto fetiche estão necessariamente à margem de uma normativa sexual mas ainda assim são compostos por ela. Dar o nome de inversão a uma prática na qual um homem cis hetero é penetrado, expõe a ideia de homens

não serem corpos penetráveis e mostra que sob a categoria “fetiche”, ainda que penetrado, o status de heterossexualidade deles fica assegurado. A norma fica exposta, as convenções de gênero que definem o que é ser mulher e homem estão reforçadas, mas também exageradas, mimetizadas. As normas e antinormas que circundam o tema são interessantes principalmente para perceber a subcultura BDSM dentro dos sistemas tecnológicos sociais e, por isso, tentei tensionar essas percepções de gênero com o entendimento de feminismo.

A articulação do feminismo com BDSM revelou o desconforto com essas práticas. Segundo Lolla, os termos que produzem a performance de “humilhação” são ambíguos e se mostram ocupando duas pontas de um mesmo novelo: o reforço na norma e sua exposição. Os limites dessas visões ficaram colocadas por MF em termos de “preconceito” e “respeito” para com “os” sissys, mas que se estendeu para “homossexualidade masculina”.

Feminização, sissy play... ok, você está humilhando um homem, mas você está usando termos femininos para ofender esse homem ou termos que são usados entre homens gays. É uma mulher dominando um homem, mas você ainda usa marcadores sociais para humilhar essa pessoa... ainda me dá um nó na cabeça de até que ponto não está se reforçando estereótipos e coisas do tipo.(LOLLA,2018).

Aqui (...) é engraçado, éé, eu não acho um meio heteronormativo, porém a homossexualidade masculina ou a feminização é um tanto vista com preconceito. Eu não vou falar mal vista porque os sissys que eu conheço eles são muito respeitados (MF, 2018).

Percebo que os textos de blogs e sites não traziam essas plays como questão, mesmo sendo o gênero o elemento mobilizador, as referências que associavam BDSM e feminismo só centraram no consentimento como “questão”. Com o tensionamento sobre questões de gênero perguntei nas entrevistas sobre as vivências destas diferenças no BDSM. As pessoas se referem “ao BDSM” como tanto uma “atividade” da subcultura quanto o “meio”, a comunidade e rede de relacionamentos que a circunscrevem - levando em consideração questões de território, classe entre outras. Todos/as os/as entrevistados/as se identificaram como pessoas cisgêneras, dois “homens” e duas “mulheres” a quem perguntei se “havia diferença por ser homem ou mulher no BDSM”. As diferenças citadas explicitamente fazem referência aos estereótipos de gênero que se refletem nas posições BDSM, pelo menos de duas formas: “predizendo” as posições de submissão às mulheres e; interferindo nas performances de Top/bottom a partir dos estereótipos de gênero.

Mulheres sempre são tidas como bottoms submissos e homens sempre são tidos como Tops dominadores. Isso é ruim, pq faz com que as mulheres Top tenham q se provar mil vezes mais do omi. E sempre tem um babaca para falar “você só é domme/rainha/senhora pq não achou um dominador que dobrasse”... é o mesmo

discurso babaca que lésbicas tem que ouvir de “só é lesbica pq não achou um homem de verdade”. (KIYA, 2019).

As críticas de Lolla a esse modelo mostram o que ela pensa sobre as interlocuções entre as normas e as promessas de transgressões do BDSM a partir do feminismo. A transgressão, para ela, não está em homens dominadores. Transgredir é aproveitar das possibilidades no BDSM para se livrar do estereótipo e, reconhecer seu desejo e caminhos para o prazer. A maior transgressão é negociar papeis de poder. As performances BDSM, mesmo quando não estão invocando o gênero como protagonista são engendradas e profundamente reveladoras da ordem não-natural do gênero.

Eu acho que isso é muito perceptível com homens dominadores, eu não vejo eles como uma parte da transgressão do BDSM, mulheres sub até que sim, pensando em questão de agência dessas mulheres, delas terem consciência do próprio prazer, mas homem dominador me dá até gastura de lidar com uma coisa dessas. (LOLLA, 2019).

Essas regulações de gênero que se colocam ora direcionando a performance, ora carimbando estereótipos sobre os corpos, são importantes principalmente porque o BDSM é composto por atividades que pressupõem lugares de poder negociados, e apenas os negociados. Trazer à tona as experiências engendradas neste contexto pode provocar maior atenção às desigualdades presentes e contribuir para processos de acordo mais justos. Esse movimento pede noções instáveis sobre o gênero, entendimentos das relações de poder que coloquem nas sujeitas a possibilidade de “terem consciência” - nas palavras de Kiya – dos marcadores sociais que a atravessam, para pensar acordos e (re)construções do próprio desejo. Essa transgressão que Lolla cita parece estar situada no processo de reapropriação, de hackeamento dos códigos do sistema de gênero, esse sistema linguístico em plena disputa.

É curioso observar como os códigos produzidos pelo discurso feminista radical apontam no sentido contrário à possibilidade de transgressão dessa norma, a partir de uma noção de gênero que acredita que papeis submissão são necessariamente desempenhados por mulheres.

Vamos ser honestos aqui, há boas razões para acreditar que são tipicamente mulheres que desempenham o papel submisso em BDSM. Assim, uma declaração mais precisa teria sido “BDSM mata mulheres” ou melhor ainda “homens dominantes no BDSM às vezes matam suas parceiras submissas ao infligir atos sexuais perigosos sobre elas” (vamos fazer de conta que eles estejam fazendo isso por acidente). Mesmo se assumirmos que BDSM não envolve quaisquer dinâmicas de poder de gênero, certamente eu não tenho que defender a alegação de que a morte de seres humanos (sejam do sexo masculino ou feminino) é geralmente uma coisa ruim, não é? (CHELLAL, 2016).

De forma mais objetiva, as “boas razões para acreditar” que mulheres estão tipicamente em papel submisso soa ofensivo, essencializador. “Ser mulher” parece ser aqui uma corrente que prende o corpo a posições de (não) poder e, a estar necessariamente atada à lógica heteronormativa de “ser mulher = se submeter a um homem”. O texto de n. XIV, tradução de uma página intitulada “Desmascarando tropas feministas liberais” está baseado em um estudo publicado na revista *Psychology Today* que traz em dois gráficos-pizza as porcentagens de “Posições preferidas” de 270 homens e mulheres, dominante ou submisso/a (Male preferred role / Female preferred role). 96% das mulheres preferem a submissão enquanto 75% dos homens preferem a dominação. A argumentação nos leva a crer que é impossível para pensar em posições fluidas de poder diante de números tão evidentes e concretos, mas um olhar mais interessado no texto que propõe o gráfico traz uma informação interessante: “Aqueles que gostaram de alternar entre os papéis não foram considerados para simplificar as comparações. (Those who liked to switch between roles were not considered to simplify the comparisons)”.

Não pude deixar passar esse dado pois ele instabiliza as bases dessa “pesquisa”. A estratégica “desimportância” do lugar de quem “troca” das posições de poder (a posição de switcher) encobre percepções caras sobre às possibilidades de transgressão do BDSM. Além disso, vão de encontro às “porcentagens” que encontrei nas entrevistadas, que eram apenas duas, “todas” switchers. Apesar de quantitativamente irrelevante, nossos diálogos levaram a reflexões interessantes sobre o papel de switcher (SW) no BDSM.

Kiya - a maior besteira do mundo é não enxergar que há o meio do caminho. BDSM é um jogo erótico em que adultos se divertem e podem vivenciar os seus prazeres. Porque delimitar apenas um lado e você pode aproveitar o universo inteiro?

Marisa - concordo contigo... Além do mais, eu gosto de pensar que é interessante experimentar todos os lados até pra provocar mais prazer em si e nos outros

Kiya - há pessoas que são extremamente dicotômicas no seu jeito de pensar. Ou é preto ou é branco. MAS CADÊ O CINZA? Povo não enxerga o degrade maravilhoso que existe e como cada ser humano tem suas próprias especificidades e combinações de gostos. É muito difícil você achar duas pessoas q gostam da mesma coisa, sempre tem detalhes que diferenciam.

Kiya - tb acho, experimentalistas tem vantagem de realmente

Esse apagamento da possibilidade de transgressão e experimentação de diferentes papéis no contexto BDSM não é, como sabemos, um significado distante que fica enjaulado nos confins do feminismo radical. Feminismo é um campo, é uma arena e os significados escorregam, as visões são múltiplas. Como não poderia deixar de ser, os discursos que

pensam as mulheres como sujeitas passivas de uma opressão e deixam de encarar a transgressão também chegam às BDSMers. E, nestes corpos, os efeitos são diferentes, gerando culpa e “umas confusões na cabeça”.

Esses tempos eu tava conversando com uma amiga que é feminista, mas é sub, e sub do tipo slave shaushua [risos], ela ficou um tempo tendo umas confusões na cabeça até aceitar que tá ok ela ser feminista e ainda ser sub. (LOLLA, 2019).

Seguindo os mesmos preceitos que afirmam que chegam a afirmar que a posição switcher “não existe”, há no meio BDSM uma certa noção essencializadora das posições que, mesmo não se baseando no gênero para serem atribuídas, partem de uma noção de “natureza” rígida e determinista. As críticas por parte das BDSMers a essa noção que, por um lado abre à experimentação os papéis de Top e bottom por quaisquer corpos, e por outro pressupõe a posição BDSM como dado pré-discursivo do corpo, também são feitas por Lolla.

Cada um leva à sua maneira! Mas acho curioso quando eu falo com pessoas que não são SW e elas tem um certo discurso de "personalidade natural", tem gente que fala também que você percebe pela personalidade, mas tipo, eu mesmo sendo muito incisiva com as coisas e não sou do tipo "submissa óbvia", ainda sim me considerava submissa durante muito tempo. (LOLLA, 2019).

O “meio” BDSM é, além de diverso, situado temporal, econômica e geograficamente. Contrariando outras experiências pessoais sobre BDSM, o “meio” ao qual tive acesso mais sistematicamente para este trabalho foi, curiosamente, majoritariamente cisgênero. Também fiquei intrigada com o fato de que os textos coletados em sites e blogs, mesmo aqueles “feministas pró-sexo” não colocaram a questão da identidade de gênero como “pauta”.

Outros dois fatos etnográficos no eixo da pesquisa foram que após conhecer o blog da Contanzx (aquela da oficina de shibari), percebi que ela se situava em sua “biografia” como “ativando desde o monstruoso (...) temas como (...) pós-pornô, alianças com trans e travestis, hiperfeminilidade, bondage/shibari/kinbaku e novas explorações com a dor”. Pontuando que o interesse dela está nas sensações físicas (o que seria B e SM, mas não D/s), ela não se afirma “BDSMer”, mas experimentadora da dor, assim como outras corpos dissidentes da órbita cisgênera que encontrei, e me levaram questionar se “BDSM” já não era um termo por demais colonizado, que já significava atividades e afetos “heterocis” e se deveria ser abandonado. A esse questionamento não consegui responder, mas observo as significações que, por pertencerem a universos semânticos diferentes, os corpos já não repousam confortáveis no termo “BDSM”. Por outro lado, o mesmo processo desta pesquisa mostra o BDSM como uma brecha na norma, uma fenda que eu pretendo arregaçar.

Reflexões no mesmo caminho me cutucaram durante uma conversa com Paulx, pessoa trans não-binária e BDSMer, na qual conversávamos sobre experiências BDSM e pós-pornografia. Trago um trecho do diário de campo.

Compartilhando a identificação de si como sexodissidentes, falávamos sobre o “meio” ser muito “hetero”, “cis” e nos perguntávamos os sistemas de invisibilização de corpos outros, afinal, observando nós mesmas e nossos círculos, sabemos que “heterocis” não resume os “meios” BDSM. Começamos a pensar sobre uma possível desessencialização do BDSM. Sabemos que sexo é política e que ao redor do sexo, dos fetiches e do BDSM existe muita disputa de sentidos. Concordamos que tal fetiche tem a potência de questionar normas sobre sexo, gênero e desejos. Da mesma forma, pode reafirmar normas, reproduzir estereótipos. Questionamentos que já passavam em mim ganharam força durante nossa conversa. Se existe uma moral heteronormativa que nos impõe a margem, pensamos se não estava havendo a criação de um novo código moral, ainda que feminista. Problematicamos os papéis estáticos em relação à sexualidade, tanto no BDSM quanto no baunilha. Top e bottom são experimentações, a troca de papéis pode maximizar o prazer de si e da parceria. Além disso, falamos sobre a problemática da rigidez de papéis que liga o corpo penetrado à figura da passividade, da submissão e o corpo penetrante como ativo/top. É preciso pensar no cu ativo, na buceta ativa, no sexo compartilhado. (Diário de Campo, 22 jan 2019)

Contextualizando e localizando o campo de pesquisa, o meio BDSM que tive acesso a partir dos caminhos já descritos levaram a provocações sobre os corpos e identidades que o circulavam. A lógica transfóbica e binária se mostra presente, ainda que seja criticada, como sugere a frase de Vince quando lhe perguntei sobre questões de gênero no “meio”.

Em relação a gênero, é muito raro ver tops transexuais, boa parte está nos bottoms crosdressers, não é o mesmo, mas ainda há confusão dentre BDSM e sexo, pois ainda nega-se sessões a trans por não corresponder à sexualidade da pessoa. (...) O meio gay também é meio exclusivo, pois muitos vão à cena Leather e não à BDSM, pois o público ali é somente de homens gays. (VINCE, 2019).

Nos meios que eu ando, nos grupos que eu frequento, quanto a bissexualidade feminina é aceita, incentivada, o quanto as lésbicas são respeitadas mas eu vejo poucos homens gays. É, então, eu não sei dizer se o meio heteronormativo porque tem muitas pessoas que não são héteras. Mas ainda sim é um assunto que eu não tenho uma resposta sobre (KIYA, 2019).

Além da identidade de gênero, provoqueei os significados da variedade de orientação sexual do meio das/dos entrevistadxs, não só por essa acusação de o meio ser “hetero” mas porque em termos de sexualidade as identificações das pessoas entrevistadas eram diversas. Apesar de todas elas se identificarem como “cis” em termos de identidade de gênero, somente Lolla se colocou como “cis hetero”, mesmo com muitas críticas a essas “categorias”. Kiya se nomeou como bissexual e hetero-romantica, que fala de uma certa separação do campo

afetivo com o sexual e de que corpos são possíveis de ocuparem um ou outro lugar (e mais adiante vamos tensionar essa categoria de sexo). Dessa forma, as sexualidades das pessoas que entrevistei, que entendo como colocações situacionais a partir de minha pergunta pela “identificação em termos de gênero e sexualidade”, mas também fluidas, mutáveis e instáveis.

- **Lolla** – cis hetero
- **Kiya** – cis, bissexual e hetero-romantica
- **MF** – cis pansexual
- **Vince** – gínissexual (atrai-se por “aparência feminina, seja trans, andrógino ou mulher”)

Dois outros pontos borbulharam durante o processo de campo, e mostraram-me que chacoalhar o tema “BDSM e feminismo” me revelaria mais temáticas do que aquelas relacionadas a gênero e sexualidade. O primeiro deles diz respeito as configurações de relacionamentos.

Provocada por Pablo Pérez durante minha banca de qualificação, estive atenta também às colocações sobre formas de relacionamentos que surgiriam a partir do BDSM, pois também são de interesse as configurações relacionais de múltiplos parceiros, amparadas atualmente sob os termos guarda-chuva “não-monogamia” e “poliamor”, mas não só. Essas configurações merecem ser amplamente exploradas também em suas relações com BDSM, mas deixo aqui pistas, pequenas frestas iluminadas do que pude dialogar com as/os interlocutoras/es.

“Sessões avulsas” é o nome dado a encontros BDSM nos quais os corpos participantes não tem um relacionamento estruturado entre si (inclusive, se tratando de dominação ou submissão profissional, estas podem ter valor monetário). É importante perceber que uma “sessão” pode contar com as atividades variadas BD, DS, SM, mas uma relação D/s (sobretudo aquelas 24/7) pressupõem um relacionamento entre as pessoas, seja afetivo, sexual ou exclusivamente “D/s”. Consequentemente, é possível encontrar pares ou grupos com variedades de “tipos” de relação entre si que mobilizam afetos e acordos necessariamente a partir de novos referenciais. Esses referenciais são basicamente o entendimento que cada pessoa tem da relação BDSM e sexo (que discutiremos mais a frente), e BDSM na relação com os encontros afetivos, a vida cotidiana em conjunto e as modalidades relacionais dentro ou fora da “monogamia”. Na visão de Kiya, essa variedade é presente no “meio BDSM” dela.

Eu não vejo, esse ponto de homem e mulher tem que ser um casal... eu não vejo de forma alguma. Mas essa é uma regra no meio que eu estou inserida. É, é muito

normal ter pessoal do poliamor, e então tem trisais, tem casais lésbicos, tem muito... majoritariamente são pessoas não monogâmicas. (KIYA, 2019).

O fato mais interessante e revelador dessa tensão se faz presente no relato de MF sobre sua relação com sua esposa, a quem conheceu no meio BDSM depois de sair de um “casamento monogâmico baunilha” no qual foi “infeliz durante dez anos”. As configurações e caminhos encontrados pela dupla para driblar a lógica hegemônica, que pressupõe relacionamentos não só heterossexuais e casados, mas também monogâmicos e baunilha. Nesse contexto, BDSM funciona como um elemento que empurra as bordas desse entendimento, e contribui para construção de novos modos de se relacionar, como apontado no trecho a seguir:

Vamos lá! É, como eu sou casado com a minha BOTTOM, a minha relação tem dois lados. Ela tem o lado BDSMer, onde nós temos um relacionamento D/s, e eu sou dono dela, tá? E dentro disso, eu posso fazer algumas exigências. É... dentro do relacionamento BDSM e ela sendo minha BOTTOM e eu sendo DOMINADOR dela, e ela sendo SUBMISSA a mim, eu posso. Só que ela é SWITCHER. Só que a minha determinação é que ela pode praticar BDSM com outras pessoas na posição de TOP, por ela ser switcher né, e nisso eu não tenho nada a ver. Eu não tenho nem direito de veto sobre com quem ela pratica BDSM, ela estando na posição de TOP. Porém, em função da D/s, ela não pode praticar BDSM com outras pessoas na posição de BOTTOM. A não ser algumas práticas muito específicas, com autorização minha, e eu tendo poder de veto sobre a pessoa com quem ela vai fazer, e na minha frente, tá? Por exemplo, tem prática que ela gosta que eu não gosto de fazer. Então por exemplo, eu não faço needlePlay. Ela me pediu se ela podia fazer needlePlay com a [pessoa], que é uma amiga nossa. Eu falei: ‘claro, sem problema algum’. E eu assisti elas fazendo needlePlay, e ela ficou linda parecendo um porco espinho toda cravada de agulha, né. Agora na relação baunilha... aí é separado. Ela tem todo o direito de se relacionar de forma baunilha com quem ela quiser, seja homem, seja mulher - que minha mulher é pansexual também. Da mesma forma que eu também tenho direito de me relacionar ‘baunilhamente’ com qualquer pessoa que eu quiser, seja homem, seja mulher. A nossa única restrição é a seguinte: como nós moramos juntos, nós temos o mesmo espaço, né. Nem um de nós dois leva alguém pra nossa casa, a não ser que seja alguém que se relacione com ambos. Se for alguém que se relaciona com ambos, ótimo, pode ir lá pra casa. Se é relacionamento só de um, então que transe no motel, entendeu? (MF, 2019).

Seguindo estas provocações, o outro ponto que se mostrou importante no campo chamou meu olhar e não foi trazido por nenhum dos textos de blogs e sites, chegou a partir de uma discussão online que participei. A pergunta inicial era sobre “práticas tabu no BDSM”, aquelas que mesmo entre BDSMers eram tidas como de menor valor, patológicas ou “limite”. Várias foram as atividades colocadas, desde aquelas que eram limites pessoais para as/os internautas como rapePlay (cena de estupro) até “amputação” e gunPlay (cena com armas), cujos comentários que classificavam o “tabu” receberam muitas curtidas. Dentre as atividades

citadas, havia a RacePlay (cena ativada por componentes raciais). Estas são cenas que invocam elementos raciais para sua composição, em enredos variados que podem ser encontrados online sob as imagens de performances relacionadas ao nazismo e os racismos condizentes, e cenas como as mostradas no vídeo da Miss Velvet¹³. Ela é uma dominatrix feminista negra cujos submissos, homens brancos de meia idade, são “forçados” a ler as teorias feministas negras sob a égide de seu chicote.

Mesmo que ela entenda as questões de racismo etc, fico pensando até que ponto é coerente você querer acabar com o racismo na sociedade mas ao mesmo tempo usar ele como um fetiche. Em compensação eu conheço uma DOMMY negra que ela só aceita submisso branco. E obriga os submissos dela a chamarem ela de Sinhá ou de Sinházinha. Pra mim ela tá no BDSM pelos motivos errados, ela tá no BDSM por vingança. (LOLLA. 2019).

O RacePlay mobiliza afetos múltiplos e é colocado como limite e tabu para algumas, mas também como “qualquer outra” prática para outras. A argumentação sobre essa cena parece seguir no mesmo sentido daquelas que são feitas sobre “gênero”, mobilizadoras de discussões e discordâncias. A problemática nesses argumentos são as mesmas, como a preocupação sobre “danos psicológicos” e o apontamento de “vingança”, como se em uma cena BDSM (dialogada, desejada, acordada por todas as pessoas) alguns marcadores sociais fossem mais dignos de serem invocados do que outros, ou se ativar uma “problemática social” como parte do enredo gerasse dúvidas sobre a legitimidade da própria prática.

O que fica evidente aqui é, principalmente, que os apontamentos do que é “tabu” para uns e outros, estão muito mais relacionados a limites pessoais contingentes, como enfatiza MF, à relação do marcador social com sua história de vida e familiar, do que de um dado “problema” com a prática em si. É preciso, mais uma vez, ter a cautela de perceber que assim como mulheres podem desejar ocupar a posição de bottom mesmo em enredos ativados pelo vocabulário “machista”, pessoas negras (e de outras raças), também podem fantasiar, desejar, montar e viver uma cena BDSM que invoca questões raciais – em qualquer posição, e qualquer enredo. Transgressão e repetição de normas, de cenários históricos e de hierarquias sociais são componente do desejo, e é a posição ativa na construção do desejo, na montagem da cena que é protagonista. Nenhuma dessas cenas remonta cenários históricos de opressão, ainda que os encenem ou invoquem, pois é a circulação do poder que as diferenciam.

¹³ Miss Velvet já participou de algumas matérias jornalísticas sobre seu trabalho. Um dos vídeos pode ser encontrado no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=439624023143446>.

MF - Eu sou completamente contra racePlay. Pra mim eu acho pra mim é a prática limite, tá? E eu sou contra porque eu acho que as implicações psicológicas que isso gera são danosas. os meus limites são racePlay, até porque eu sou descendente de mulheres que saíram de dentro de uma senzala. Então assim, mulheres que foram submetidas a estupros frequentes e constantes. A minha bisavó nasceu em uma senzala. Então assim, pra mim racePlay me broxa, sacou? (MF, 2019).

Vince - Raceplay e rapeplay são práticas como todas as outras podem causar danos psicológicos, assim como te pessoas que disfarçam sés preconceito e sexismo através do BDSM. Por que um raceplay seria errado? Porque na mente da pessoa é errado, pois diminui o negro mas bater na bunda de alguém até deixar marcas é normal. (VINCE, 2019).

5.3 Riscos em cena: Significados e estratégias de BDSMERS entre consentimento e vulnerabilidade

Pensando que um dos elementos que compõem o cerne da questão das disputas entre feminismos se dá em torno das noções de consentimento e vulnerabilidade, Filomena Gregori (2016) pondera que o “lado” sexopositivo não lidaria com atenção devida ao “problema da violência”, ao passo que a outra argumentação não consideraria o prazer. Durante esta etnografia virtual a temática do “consentimento” (nomeado também de consenso e sintetizado na sigla SSC) se mostra como o marco que diferencia “sexo”, uma experiência de prazer, e “violência”, uma experiência ruim. Bruno Zilli (2007), que trabalha manuais BDSM a partir da psiquiatria, ensina sobre a relação da despatologização e legitimação do BDSM pela noção de consentimento, nas argumentações que encontrou ele afirma:

“O único limite é a consensualidade. (...) A ambiguidade das praticas BDSM, que por vezes simulam atos não consentidos, está sempre presente. Ou seja, reconhece-se que fantasias sobre práticas não consensuais fazem parte do imaginário erótico das pessoas que praticam BDSM consensual. Mas o argumento é que elas devem saber traçar uma linha entre o que é e o que não é aceitável. “ (ZILLI, 2007, p. 493-494)

É a noção de consentimento que fica sendo “jogada de lá pra cá” em argumentos que, ora colocam a figura do consentimento com o elemento que por si só afasta a violência no cenário sexual, ora as sujeitas subalternas não têm autonomia para consentir em uma sociedade desigual. Seja defendendo o BDSM ou atacando-o, o consentimento, articulado à categoria de vulnerabilidade - sob os termos de abuso, violência, estupro e por vezes, “risco” - formam um universo linguístico específico, cheio de significados instáveis.

Para além da sigla SSC, consenso é uma palavra que merece observação cuidadosa, principalmente em relação ao termo consentimento. O que talvez seja um problema da tradução (Consensual, em inglês), consenso e consentimento são usadas em diferentes contextos como sinônimos ou, como se falar em consensualidade englobasse imperativamente consentir. Mesmo entre as postagens sob o título de Feministas Radicais, deliberadamente situam "consenso e consentimento" como iguais. Por isso, temo uma armadilha. Os contextos que parecem pensar mais estrategicamente, consideram consentimento e consenso duas prerrogativas indispensáveis, mas diferentes. Assim, consenso e consentimento não são sinônimos. Consenso se refere a uma concordância de duas ou mais partes, crucial ao BDSM. Já consentimento traduz uma ideia de relação com o próprio corpo, de permitir e desejar que tal ato aconteça consigo ou em si. Consenso é coletivo, consentimento é individual. Isso

parece especialmente importante no combate a formas sutis de violência dentro e (talvez, principalmente) fora do eixo BDSM, como algumas práticas de convencimento e insistências. Mesmo entendendo que consenso e consentimento têm raízes parecidas, e que ambas são essenciais ao BDSM e a qualquer prática que envolva corpos em interação, essa minúcia em destrinchar os significados pode gerar consequências positivas na composição de protocolos e no fortalecimento do autoconhecimento dos desejos e limites.

No processo de análise deste trabalho o assunto “Consentimento” também “saltou” cedo, pois, uma breve olhada nos conteúdos e essa discussão, sobretudo essa palavra “consentimento” (e consenso) já se mostrava importante. Nesta coluna da minha tabela, incluí as estratégias de consentimento e diálogo que encontrei principalmente nas entrevistas, assim como a visão de consentimento dos diferentes conteúdos de blogs e sites. Como um assunto correlato, apareceram trechos que tratavam especificamente de abusos e violência, então selecionei-os e montei a “coluna” Abusos para cenas abusivas e encaminhamentos para as pessoas envolvidas, tentando dar uma certa ênfase no “perigo” e entender alguns significados sobre um abuso em uma cena BDSM.

Perguntei nas entrevistas sobre as estratégias das pessoas entrevistadas para negociar as cenas, o consentimento e a “segurança”. Também quis saber se seguiam a afamada SSC, tão falada nos textos de blogs e sites, e como se dava a comunicação. Diálogo e conversa foram as primeiras palavras citadas, além de “combinar safeword”, que também aparece como elemento interessante a ser transposto para o “sexo baunilha”. Lolla aposta em “muita conversa” até se sentir “segura” de que o parceiro não vai forçar nada. Gosto desse deslocamento sutil da visão essencialista de “homem-perigoso, mulher-vulnerável” quando ela cita que a estratégia da conversa se dá pensando na própria segurança, mas também no efeito no outro, afinal ela “curte” Cock Ball Torture (CBT), que são técnicas de tortura nos testículos. Parece uma boa ideia difundir que não dá para impor a atividade sexual que uma pessoa “curte” sobre o corpo de outra, como se fosse “normal”, sem saber se “topa ou não”.

O “meio” de onde a parceria vem e o tipo de prática proposta parecem também ser relevantes na forma como se dá a negociação. Lolla fala de suas experiências sendo BDSMer e se relacionando também com pessoas “baunilha”. Já Kyav, diferenciando cena de sessão, diz que suas estratégias são dialogar sobre limites e acordar uma palavra de segurança, a “safe”.

Eu sempre converso muito com a pessoa, na real, eu fico mais com homens baunilhas do que do BDSM. Então eu só saio com ele se houver muita conversa e se ele me passar segurança de que ele não vai tentar nada sem conversa comigo antes.

E o inverso é válido também, eu curto CBT [cock ball torture] né, então é sempre bom uma conversinha para ver se o cara topa ou não (LOLLA, 2019).

Apenas [com] uma dessas amigas eu tive uma negociação longa pq tivemos sessão, foi algo mais complexo. Mas as outras são pessoas que dominam determinada prática e pedi para que a gente fizesse uma cena juntos, conversa rápida sobre limites, combino safe e bora para ação. (KYAV, 2019).

Emergiam no campo importantes apontamentos sobre práticas específicas de comunicação, entre verbal e gestual, que visavam estabelecer o consentimento como uma constante, quase como um gerúndio, um “consentir” que não pressupõe o desejo da outra corpa. Nesse sentido, estabelecia-se o que entendi como “consentimento complexo”, uma noção sobre o consentimento que se pretende reversível, entusiasmado, específico para cada ato, explícito, disposto, desejante e voluntário. Contudo, também tenta abarcar alguns entendimentos da “impossibilidade de consentir” - a partir do efeito de drogas, álcool, do contexto de relações abusivas, e mesmo da menor idade.

Artefatos como os contratos, a planilha que já mostrei e os inúmeros conteúdos presentes na internet (incluindo a ambiguidade da pornografia) funcionam classificando, nomeando as fantasias. Entre vários efeitos do poder de “dar nome”, esses conteúdos tem a “utilidade” de fazer pensar sobre o consentimento, na medida em que se acessa a linguagem e a imaginação corre solta. Um exercício interessante no contexto do BDSM é o de classificar os fetiches/práticas nas categorias “Faria/Não faria/Talvez”, como o que se faz com o contrato (existe um contrato, inclusive, no Cinquenta Tons de Cinza), montando um cenário mais confortável para o autoconhecimento e a colocação explícita de limites e desejos – para cada ato específico que a partir daqueles artefatos se conhece e suas minúcias e variedades.

Avançando o debate sobre consentimento, amplia-se a máxima “não é não”. Essa tentativa se baseia em “sim é sim”, que tenta abarcar tanto a necessidade de difundir o consentimento explícito e ativo como prática sexual, quanto dizer que um “sim” é mesmo um consentimento válido – se opondo àquelas que pensam que subalternas “não podem” “consentir”. Sobre essa temática o livro “Yes means Yes” organizado por Jessica Valenti e Jaclyn Friedman (2008) reúne textos interessantes. Foi sobre esses detalhes da comunicação BDSM que Kyav me falou, pelo menos do ponto de vista do ideal, do consentimento explícito e específico. Esse pensamento também está alinhado à proposta de Gayle Rubin (1993) para quem BDSM também é uma forma de comunicação sobre o “sexo”.

Cara, eu super concordo com você. A comunicação no meio ela é muito expressa e nunca velada. Eu acho que pode ser feito, tem que haver um consentimento

explícito, eu quero que X, Y e Z seja feito. E esse tipo de comunicação são, de conversa e negociação, éé, eu levei pra minha vida, sinceramente. (KYAV, 2019).

Além das palavras, a safeword e o diálogo, também é possível usar outras formas de comunicação como os gestos, foi o que me contou Vince sobre o safegesture (gesto de segurança). Ele chega em um ponto importante sobre negociação e consensualidade, que considero central. Nenhuma estratégia de consentimento é válida ou realmente eficaz se não houver empatia e desejo mútuo. Essas ferramentas são úteis e provocam, mas uma cena ou sessão BDSM não diz respeito a uma pessoa convencendo outra e tentando forçar limites a todo custo. Todos esses recursos são mesmo capazes de ajudar a afastar o “abuso” de uma cena BDSM, mas não podem existir como elementos que pertencem à gramática do abuso. Esse consentimento complexo é útil, principalmente, para mapear prazeres e limites, e explorar sensações; e ainda, como uma inspiração aos contextos mais normativos de sexo – os quais não “pressupõem” negociação prévia tão profunda (justamente por haver um heteromodelo a seguir).

Então, não uso safeword, pois creio ser ineficaz dentre gemidos e prazeres, então prefiro safegesture, quando em pé, levanta a mão, quando deitada é pra virar para algum dos lados que interrompo. Como imobilizo geralmente mãos e uso mordaca, prefiro que ela use o gesture [gesto]. (...) Negociar prática não, sente, interpreto humor e cansaço, pois sabendo disto, saberei se posso pegar pesado ou não. Se ela não está bem, prefiro nem fazer algo. Gosto de dinamismo, por isso não sou da DS. (VINCE, 2019).

Falando sobre as estratégias, Vince traz um termo “novo”, o subdrop. Traduzido como “quebrar”, subdrop se refere a uma suposta interferência psicológica negativa que pode vir a ser mobilizada na bottom a partir de uma cena – ao que ele se refere como entrar “em estado depressivo”. As discussões que colocam o “subdrop” não são tão numerosas, mas são interessantes, e ainda aquelas que tratam de um possível “topdrop” que seria também essa mobilização de afetos negativos a partir de ocupar a posição de Top, sobretudo em práticas denominadas “hardcore” – as mais “pesadas”.

Algumas palavras a que fui apresentada durante a pesquisa não são tão difundidas (menos ainda em português) como subspace e topspace que seriam os estados mentais das pessoas Top e bottom durante uma cena. Um estado de realidade “diferente”. Conheci também o aftercare, que denomina os cuidados pós-sessão de forma ampla, desde diálogo até tratamentos físicos. Vince também trouxe a consensualidade como elemento importante, colocando-

a como complexa e partindo de noções de mutualidade, prazer e da tentativa constante de detectar o desejo “ativo” em todas as corpos envolvidas na cena.

O consenso é a parte mais complexa, pois você não precisa somente concordar, precisa ter prazer ou sentir-se bem com aquilo. Muitas vezes faz-se o que não se gosta para agradar ao top, porém se isso for constante, a tendência é ruir, é que a pessoa quebre, entre em estado depressivo, ou o que chamamos de subdro (VINCE, 2019).

Tento tomar cuidado com as palavras que escolho para tratar dessa temática, me arriscando a cair em armadilhas da linguagem. Situo as ferramentas de negociação como coadjuvantes no movimento de “afastar a violência” porque sei que não existe espaço ou agrupamento de pessoas onde abusos e violências não sejam um “risco”, uma possibilidade aberta. Não é diferente em relações pautadas pelos prazeres sexuais, e nos “meios” BDSM. O abuso é uma realidade concreta, dura, de caráter construído e não-natural, pautado diretamente pelas relações de poder e, no atual contexto sócio histórico, que se enlaça fortemente com a tecnologia do gênero.

Nesse sentido, perguntei da forma mais direta que pude aos entrevistados se já haviam sofrido abusos em contexto BDSM ou se sabiam de casos assim. Além disso, quis saber, em caso de participantes de um “meio” BDSM, como a questão havia sido encaminhada, ou seja, de que formas ficaram sabendo e que atitudes foram (se foram) tomadas para o agressor e com a vítima. Kyav me contou um caso de abuso de um homem contra sua namorada, ambos BDSMers, no qual a mulher foi desacreditada a princípio e sua queixa só foi considerada após a repetição do abuso com outra mulher.

O que aconteceu no caso em uns dos casos que eu soube foi que um cara tinha/teve uma namorada que falou que ele foi abusivo e só algumas pessoas escutaram a garota, só algumas pessoas abraçaram a causa dela. Mas como ele era muito famoso no meio as pessoas meio que deixaram pra lá. Mas quando ele repetiu os mesmos comportamentos com a segunda namorada aí o pessoal não teve como negar (KYAV, 2019).

“Jogar no vento”, ou seja, expor publicamente o caso com a concordância da vítima apareceu como uma estratégia possível para penalizar o agressor e alertar a comunidade sobre o acontecido. Disparado pelo depoimento da vítima e a acusação, o isolamento social do agressor também é uma forma de “o meio” lidar com o caso, deixando de convidá-lo para festas e encontros, e deixando-o “de lado”. Kyav mostrou que “ajudou a espalhar” sobre um abuso. Já para Vince, a questão é contraditória. O desamparo legal sobre o BDSM tem em

uma de suas faces a invisibilização completa perante a lei, em todos os sentidos, de forma que a atividade não é diferenciada de uma agressão – pelo menos estritamente falando. Dessa forma, bottom e Top não estão “seguras” pela via do Estado e, nem limites negociados previamente nem acusações “falsas” serão observadas considerando o BDSM. É apostando nessa prerrogativa que Vince me conta que ir à polícia lhe parece uma solução razoável em casos de agressões em cena BDSM. Infelizmente não consigo imaginar nenhum contexto positivo quando se trata de sexo, agressão, e gênero no contato com policiais e delegacias, menos ainda se considerarmos um contexto rodeado de tantos tabus e moralismos como o BDSM e o ambiente androcentrado e disciplinar da instituição.

Já cara, infelizmente eu já fiquei sabendo de questões de abuso, éé, eu cheguei a expor publicamente um cara porque ele tem um histórico de abuso eu joguei no vento uma conversa que eu tive com a, uma ex dele, e ela falando, ela permitiu que eu fizesse isso publicamente então ajudei a espalhar. Éé, mas são vários e vários e vários e vários relatos. Isso daí infelizmente é algo que o meio não gosta, o meio não aprova, a cena que eu ando é extremamente rigorosa com isso, que a pessoa é deixada de lado, a galera para de falar, mas é real, infelizmente é algo decorrente. (...) O bom é quando tem uma cena fortalecida que as pessoas se conhecem, éé, rola aquela questão de expulsar a pessoa do meio. A pessoa não vai ser mais bem-vinda, não vai ser mais convidada pras festas, (...) Éé, importante ter essa rede de denúncia também (KYAV, 2019)

A justiça não abraça o BDSM, então qualquer denúncia é facilmente validada. O maior problema é saber o que é ou não real, no meio BDSM tornou-se comum bottom que diz ter sido abusado(a) após o término. O maior problema é a defesa de quem possui o papel de top, pois as marcas geradas ou as regras no caso de uma DS integral podem ser provas contra ele(a). A polícia é a melhor forma, pois há o exame de corpo de delito, se a pessoa alegar abuso e mostrar as marcas, é certeza. No Brasil, não há lei para o consenso nesse caso, pois o estado não permite o que chamam de danos físicos consentidos (VINCE, 2019)

Considerando a complexidade da noção de consentimento, o “perigo” do abuso em qualquer contexto, incluindo o BDSM, e as contraditórias (e, talvez infelizmente insuficientes) estratégias de “fazer justiça”, o BDSM é colocado em todos os contextos como uma atividade “arriscada”. Os riscos nem sempre ficam evidentes nas argumentações e parece que paira uma nuvem de fumaça sobre esse termo que, associada ao “tabu” do BDSM e à constante ameaça do perigo na vida sexual das mulheres, monta um monstro – os “riscos”. Na tentativa de esmiuçar os perigos destes prazeres dissidentes, fiz um esforço de perguntar “risco de quê?”. Penso que esses riscos não podem servir como um fantasma que assusta BDSMers, nem como um “perigo” inerente à prática - do qual não podemos sequer reduzir os danos. Nesse sentido, é possível pensar em pelo menos quatro tipos de risco, para os quais podemos olhar de formas apropriadas e diferentes entre si.

Existe a possibilidade de risco físico em práticas SM, que requerem cuidados objetivos como acessórios apropriados e testados, experiência do agente em provocar um ato, atenção à

colocação de limites para a corpa bottom – de forma que esta também é responsável pela cena. Da mesma forma, em cenas de Bondage, ou em outras que performem castigos físicos, podemos reduzir riscos e danos com atitudes como por exemplo, manter tesouras por perto em cenas com cordas, água, caso brinquem com fogo, e assim por diante. Outro “risco” que consigo pensar e pode estar presente em várias outras atividades corporais, está em torno do contato com os fluidos e as Infecções Sexualmente Transmissíveis. Apesar de a relação do BDSM com esse tipo de interação que chamamos “sexual” ser variada e de maneira nenhuma pressuposta, existem variadas formas de contato com fluidos. Fica como exemplo a NeedlePlay [brincadeiras com agulha], que MF colocou como limite pessoal.

Em outro sentido, existem os riscos sociais. As visões negativas sobre as fetichistas recaem duramente sobre aquelas corpos que se permitem viver seus desejos. A necessidade de se esconder, a invisibilização e o desamparo legal parecem ser riscos que circundam o BDSM e se materializam em experiências sensíveis. Quando entrevistei Kyav ela me contou sobre suas estratégias de não se mostrar enquanto fetichista pois, se isso viesse à tona, ela estaria infringindo o código de ética do lugar em que trabalha e seria sumariamente demitida. Com isso, ela marca a impossibilidade de viver de “forma plena” sua sexualidade.

Contudo, parece que é outro eixo de riscos que ganha atenção especial. Por aparentar ser subjetivo e funcionar sob a lógica do “perigo” sexual, os maiores fantasmas que pensar a relação BDSM/feminismos invocou foram os riscos de estupro e abuso. Tentando provocar a imaginação e olhando para o campo, é possível pensar em uma relação de D/s que é, de alguma forma, abusiva. Foi umas destas que Kyav me contou e é nessa relação que textos como o post n. VIII intitulado “BDSM e violência doméstica, saiba a diferença” se baseiam. Nesse artigo, ela diferencia contundentemente o que se propõe no título, tomando como referencial o SSC e a “escolha”.

Vale ressaltar que uma vítima de violência doméstica não escolhe como, quando, ou mesmo se deseja ser agredida, e tem medo a violência sofrida. Já uma pessoa submissa define seus limites – desde a intensidade da brincadeira até os tipos de práticas envolvidas – e pode parar sempre que quiser, em qualquer momento, sem precisar de justificativa. Uma pessoa submissa só participa porque quer e sente prazer e gratificação em estar ali, algo que não pode ser dito sobre qualquer vítima de violência. Jamais deve haver qualquer pressão ou coação por parte do dominador em um relacionamento BDSM saudável (ARRAES. 2015a).

Essas questões de abuso são extremamente complicadas e difíceis de tratar, porque (...) algumas coisas não têm provas pelo que aconteceu ou é subjetivo demais. De tipo, é, não foi acordado daquele jeito mas tinha sido conversado pra ser feito. É uma questão muito complicada assim, que eu até posso falar mais depois, mas eu tô tendo que falar baixo que tô no ônibus e tal (KYAV. 2019).

Sobre o risco de estupro é preciso perguntar “a partir de que contexto esse risco seria aumentado no BDSM?”. Penso nisso porque se o risco de ser estuprada for aumentado e/ou inerente ao BDSM, é possível pensar em redução de danos desse risco. Alguns contextos que imagino são em cenas com “restrição de movimentos”, e em não ter sua safeword respeitada. E sim, a safeword é um limite explícito que precisa ser respeitado e todo ato depois do uso dela merece observação cuidadosa e, de forma extrema, acusação. Esta parece ser a cena mais “perigosa”, ter sua safeword desrespeitada aparece como “difícil de tratar” e temática sensível à vida pública. Contudo, não consigo pensar nesse tipo de risco como sendo aumentado no BDSM, principalmente porque a violência sexual não deixa de ser presente na sociedade mesmo existindo uma “palavra de segurança” universal e “baunilha” que é simplesmente “Não” – e seus correlatos, pare, não quero, assim não etc.

Acompanhei uma discussão sobre limites, abusos e BDSM na qual uma internauta colocava seu medo de “um estuprador” se utilizar do BDSM para “estuprar de forma consensual”. Sobre o suposto caráter utilitário do BDSM frente à violência, MF criticou em entrevista o “meio” BDSM: “Muito homem machista usando o BDSM como válvula de escape para exercer o seu machismo de forma consensual, entendeu?” (MF, 2019). A partir dessas provocações e dos tais riscos minimamente mais “detalhados” penso sobre os significados envolvidos nessa temática, sobretudo o “estuprador” e o estupro, o machismo e a consensualidade. Me arrisco a interpretar que o medo da primeira internauta era referente a uma RapePlay (cena que aciona o estupro) pois me parece a única possibilidade de articular os termos estupro consensual. Da mesma forma, imagino que o machismo citado por MF se refira a atitudes agressivas, talvez misóginas, que aciona discursivamente o gênero.

Então, usar o BDSM como “válvula de escape” é um terreno escorregadio. Consideradas as possibilidades de abuso em contextos de interação social e no BDSM, também é possível observar que paira sobre o BDSM o estereótipo de que está sempre a um passo “de virar um estupro”. Pensamento este que não leva em conta que a posição de bottom é uma preferência sexual possível, bottoms também buscam pela cena e por parcerias, BDSM não é uma atividade na qual um dominador forte e poderoso convence uma submissa frágil a desrespeitar seus limites. Aliás, talvez essa prática se assemelhe muito mais ao sexo baunilha heteronormativo e, de toda forma, se há consensualidade e diálogo para as performances de “estuprador/vítima” e “machista”, não parece ser uma “válvula de escape”, mas uma cena BDSM com outra qualquer.

As afirmativas acima me intrigam também sobre parar de colocar uma fronteira “natural” (sim, justificada também pela natureza do sujeito) entre nós, são e consensuais, e

eles, os estupradores. Uma “identidade” “estuprador” - esse ser tão perigoso, do qual todas devemos ter muito medo e estamos sempre em perigo - não parece ser um elemento discursivo estratégico. Parece importante para a discussão sobre violência colocar esse nome sobre os atos, mais do que sobre os sujeitos. Dessa forma, ampliar o olhar para que todo mundo possa se observar como potente autor e autora de violência, e para que isso seja uma atenção presente, um cuidado ao corpo do outro. O problema de pensar em uma possibilidade de “estupro consensual” é que “joga” mais uma vez “sexo e estupro” para o mesmo universo semântico.

Essa armadilha da linguagem coloca sexo e estupro tão próximos que nem os estupros – atos de violência - podem ser separados do sexo – ato de prazer, nem o sexo (sobretudo o BDSM) pode ser afastado do estupro. Essa “confusão estratégica” é uma ferramenta útil contra os corpos, fortemente usada sobre corpos subalternizados, aquelas que não são “homens-cis-hetero-brancos”. O imaginário da existência de um crime que não pode ser afastado do já-tão-culpável sexo, serve tecnicamente e de forma cruel para tentar manter nossos corpos longe do prazer sexual – colocado sempre como “risco” - mas também das ruas, do convívio social e etc. Estupro é violência e ponto, se “utilizar” do “sexo” discursivamente é o que tenta fazer do estupro uma atividade tão “ambígua”, invisibilizada em seus atos, tão provocadora de medos, capaz de colocar em cheque a versão de uma vítima que denuncia, de ser justificável baseada em sua vida sexual pregressa, e também de “acontecer” sem o conhecimento da “vítima”, mesmo em atividade consensual como julgam algumas feministas sobre a prostituição e o BDSM. Essa ambiguidade não nos serve. Esse “link” é mais uma técnica da tecnologia social violenta que se debruça sobre nossas corpos.

Se a luta das ciborgues é uma luta pela linguagem, rever esses termos parece ser o início da produção de uma separação semântica radical entre estupro/abuso e atividades de prazer - ou “sexo” (resta saber se esses termos continuam sendo úteis). Resgato o que escreveu Preciado (2011, p.108) sobre as possibilidades de técnicas repressivas serem “cortadas e enxertadas em outro conjunto de práticas, reapropriada por diferentes corpos e invertida em diferentes usos, dando lugar a outros prazeres e a outras posições de identidade”. Essa subversão é potente precisamente por deslocar a posição de enunciação, e assim o significado da prática. Essas técnicas, se usadas para violentar corpos, não se assemelham com o BDSM – onde o prazer é o horizonte; assim como atos performados em cena BDSM não são violência – ainda que se utilizem da mesma gramática para produzir prazer.

A complexidade das estratégias de consentimento e as profundas questões sobre violência e BDSM aparecem em textos de blogs e sites com forte centralidade na

argumentação que legitima o BDSM a partir do SSC e dos termos “consenso” e “consentimento”; e naquela que acusa o BDSM de violento centrando-se na configuração homem Top/mulher sub, o consentimento aparece como inválido, impossível ou instável. A argumentação encontrada nos textos que se identificam como feministas radicais poderia ser colocada no termo “baunilhexplicitismo” com facilidade, e trata BDSMers enquanto abusadas e abusadores. O post número IV coloca logo no título que o consentimento “não é suficiente”, com o que eu poderia até concordar, se não seguisse o texto:

Mas existe um problema ainda mais fundo: consentimento impede a avaliação política ou ética do ato e ao invés coloca a “culpa” do ato na pessoa que o sofre (a pessoa sendo abusada). (...) Um outro problema surge quando consideramos quanta violência o “consenso” pode legitimar. (...) Feministas “sex-positive” e apoiadores de BDSM tem o problema de arbitrariamente determinar o quanto de violência é aceitável antes de se tornar “de mais” (soa mais como a maneira que o patriarcado determina arbitrariamente o quanto de coerção é aceitável antes de ser “de mais”). Mas ativistas do BDSM tem um problema em particular. Mesmo enquanto eles se entendem como “o padrão de ouro” do consentimento, não é o consenso que é erotizado: é precisamente a coerção (“bondage”, a sujeição, a dominação) e a violência (o abuso físico, o sexo “selvagem”) que são sexy. (mas é uma pergunta aberta se coerção emocional, desequilíbrio de poder ou, por exemplo, convencer uma mulher com baixa autoestima de que ela merece ser abusada contam como consentimento) (V., 2014).

Este mesmo texto situa seu pensamento, ilustrando o argumento com a história de Alice, uma “fêmea heterossexual” que busca envolvimento romântico. Para Alice, a autora dispõe opções categóricas: “Encontrar um homem que não tenha preferência por erotização da violência. Isso vai ser extremamente difícil”, “Nunca transar ou se envolver romanticamente com um homem” ou ainda “Se habituar as normais sexuais-sociais”. A problematização constante de relações nas quais uma mulher em busca de relacionamento romântico se submete a um homem em uma relação D/s evidencia o imaginário da autora. Não acredito ser possível afirmar a inexistência de homens que não erotizem a violência mas penso que existe mesmo uma normativa sexual que determina papéis e práticas – ainda que não necessariamente, podem ser também violentos. Seguindo diálogos com outras feministas sexospositivas, eu chamo essa tecnologia social de “cisheteronorma” e tenho desejos de seu total desmonte, mas nesse sentido não me soa estratégico lutar contra o BDSM – que propõe justamente uma abertura dialógica sobre os papéis de poder em contexto erótico.

Aquele texto parece pressupor existir um tipo de norma social que impõe o sexo violento como “sexo”, não deixando escolha nenhuma às mulheres, nesse caso, às fêmeas. Seu argumento heterocentrado reforça a invisibilização das relações homossexuais. Aqui, a relação emocional que Alice deseja só pode acontecer se ela aceitar o custo em sua integridade física e, a tal relação de dominação existiria a partir de tal coerção. Já no texto

XIV, alinhado à mesma vertente, a “segurança” é questionada, colocada como impossível. No sentido contrário a todo o extenso material que a comunidade BDSM tem produzido em torno de suas atividades (como as críticas entre SSC e RACK), para ela o BDSM seguro é necessariamente ruim ou deixa de “ser BDSM”. A essa altura já não consigo deixar de usar o termo “baunilhexplicitismo”.

BDSM que é seguro é um BDSM ruim (do ponto de vista daqueles que praticam BDSM.) Atos sexuais inseguros de BDSM nunca podem tornar-se verdadeiramente seguros sem como consequência perderem muito de seu caráter BDSM (CHELLAL, 2016).

Outra argumentação importante que parte deste mesmo feminismo é sobre a noção de agência. No post n. IV a autora responde perguntas feitas por ela mesma que seriam representantes de “possíveis objeções” feitas ao texto dela. Sua resposta coloca a liberdade de escolha como trivial, e mais uma vez retorna à heteronorma direcionando a crítica aos homens que “escolhem” fazer BDSM com elas. Ela ainda traz outro tema sensível como comparativo, colocando que a prostituição poderia não ser uma escolha se não houvesse demanda (assim como não deveria haver “demanda” de BDSM nos homens). Além de evidenciar aquilo de Monique Prada (2018) chama de “putafobia”, penso no significado do sexo proposto aqui. Mesmo se pensarmos utopicamente que poderia não haver demanda para a prostituição, o sexo aparece como uma atividade degradante e que não pode ser oferecido como um serviço, mas que faz trabalhadoras sexuais serem referenciadas por ela comparação a “coisas que podem ser vendidas e compradas”.

“Você está negando as mulheres sua agência em não valorizando suas escolhas individuais”: Nunca é uma questão de agência de uma mulher. Em um nível trivial e metafísico, nós sempre somos livres para escolher o que fazemos a menos que estejamos inconscientes, sobre o efeito de alucinógenos ou fisicamente inválidos. Eu não estou julgando ou argumentando contra o que mulheres estão escolhendo quando elas “consentem” mas o que homens (e algumas mulheres) escolhem fazer com elas. O que é importante são as normas sociais, práticas e condições que tornam aquela escolha possível. Prostituição não poderia ser uma escolha se não houvesse demanda e se nós não pensássemos que pessoas fossem coisas que podem ser vendidas e compradas (V., 2014).

É curioso observar que, apesar de facilmente absorvível, é uma armadilha pensar que no BDSM a “coerção é sexy” e o consentimento não é, principalmente porque essa afirmação não se faz observável. No subtópico sobre “Sexopolíticas” trago alguns elementos que dizem respeito às práticas de prazer e primeiros contatos com o BDSM. Nesse contexto, o BDSM

parece tão atraente para as pessoas que entrevistei justamente porque mobiliza sensações e afetos em contexto controlado, seguro, consensual.

É baseando-se nos preceitos de consensualidade, consentimento e na existência do SSC como elemento “colado” ao BDSM que os argumentos “sexopositivos” se compõem. O acordo e a palavra de segurança aparecem nos textos como legitimação do BDSM a partir do afastamento da violência; e como informativos, quase didáticos de que para ser BDSM é “preciso” ser SSC, como evidencia o post n. III. Além disso, esse mesmo post faz um comentário já conhecido sobre as noções de consentimento “do BDSM” serem interessantes a outros tipos de relacionamento também e ressalta a existência da norma sexual como “penetração”.

Existe acordo e palavra de segurança Além da escolha por estar nos papéis do fetiche, as mulheres ressaltam que o universo do BDSM funciona com base no diálogo e em "contratos" sobre o que pode ou não acontecer nas relações. "Antes de acontecer, a gente conversa e estabelece regras. Só é feito o que foi combinado. Mesmo quando é um homem me dominando, fui eu quem ditou as regras", explica a recepcionista Kelly*,²⁷. Ela é submissa e bissexual e lembra que nem sempre são homens os dominadores. (...) É fundamental compreender que a prática ou vivência do BDSM requer grande responsabilidade. O principal fundamento do BDSM são as regras “SSC” – São, Seguro e Consensual. (...) Além disso, todos devem consentir e estar de pleno acordo com os limites estabelecidos: isso quer dizer que bebidas alcoólicas ou outros tipos de substâncias não têm espaço no BDSM, assim como nenhuma espécie de atitude abusiva ou manipuladora. (...) As implicações de consentimento e liberdade que envolvem o BDSM, na verdade, são também muito úteis para outros tipos de relacionamentos. Todo ato sexual requer consentimento: tanto para um simples beijo quanto para uma penetração sexual, para que essa relação aconteça, é preciso haver concordância de todas as partes envolvidas. Qualquer ato sexual praticado sem consentimento é abuso sexual e crime (ARRAES. 2012).

Entre os textos resultantes da busca via Google, muitos tinham como temática ou como disparador o enredo dos Cinquenta Tons de Cinza, porém, penso que pelo fato de as buscas terem sido direcionadas a BDSM + Feminismo, todos os que tratavam da trama têm críticas duras a ela. Dessa forma, a noção de consentimento exposta nos filmes é colocada a prova no post n. II, da Lola Aronovich. Mesmo que o filme tenha sido difusor do contrato, o enredo tem problemáticas comuns aos conteúdos de mídia sobre BDSM, tratam a partir de uma relação entre personagens na qual um convence o outro a “entrar em seu mundo” sombrio e misterioso do BDSM. Assim, as práticas de Anastacia e Sr. Grey não são representativas do BDSM, nem em termos de prazer, nem se tratando de “segurança” e consensualidade. Por fim, Lola coloca que o sucesso do filme é baseado justamente em alimentar e reforçar o moralismo e a repressão.

Ele nunca informa a ela nada sobre as cenas que eles vão fazer. E por isso ela nunca pode consentir, que é o mais importante nesse tipo de prática, sobre o que vai ser feito. Ela não tem parâmetros para entender o que está vivendo (a relação BDSM) e ele se aproveita disso, da fragilidade e desinformação dela. No que tange o BDSM, o livro é um manual do que não deve ser feito e a utilização de brinquedos sexuais é limitadíssima. (...) Ela repete insistentemente que o amor dela vai libertar ele das trevas que são seus desejos, ou seja o BDSM. E foi aí que eu entendi porque esse livro faz tanto sucesso. É bem triste que ele faça tanto sucesso. O sucesso dos '50 Tons de Cinza' é baseado no preconceito, na repressão sexual e no machismo da nossa sociedade. No fim, acredito que muitas pessoas gostam dessa trilogia porque os livros são o moralismo fantasiado de sacanagem. (ARONOVICH, 2012)

5.4 Prazeres e sexopolíticas

Na tentativa de visibilizar as experiências prazerosas no BDSM e discutir como essas experiências conseguem interferir no ideal de “sexo”, montei esta última categoria com elementos selecionados nos assuntos “Sexo e BDSM”, “Preconceito e visões negativas”, contextualizando com o que foi colocado referente ao “Meio BDSM”. A importância da “entrada no meio” para os entrevistados, e as críticas emergidas dos textos de blogs sobre como funcionaria essa “cena”, “meio” ou “comunidade” ficaram evidentes. Mas, como o presente trabalho não se volta a discutir essa sociabilidade, este foi um assunto contextual, que me ajudou a entender como se dão as relações interpessoais e o senso de comunidade e refletir sobre em meus objetivos.

Essa temática também versa sobre a relação do BDSM com “sexo”, que se fazia importante desde o início e durante as entrevistas, por isso provoquei os/as interlocutores/as de como pensavam BDSM em relação ao sexo e à sua sexualidade. Da mesma forma, o processo de pesquisa e diálogo para entrevistas me levou a perceber que a vivência do BDSM é permeada por interdições – que serão discutidas – e também pelos apontamentos que relacionavam BDSM e “doença mental”, tentando desmistificar essa relação ou reforçando.

A perspectiva patologizante se mostra presente de formas bastante objetivas tanto nos textos em blogs e sites, quanto nas entrevistas. Como é possível imaginar, essas assunções sobre o BDSM a partir dos referenciais de doença compõem diferentes linhas argumentativas. Um grande incomodo que ficou evidente logo nos primeiros passos do campo foi o “fenômeno” dos Cinquenta Tons de Cinza e seu impacto no imaginário social sobre BDSM e seus adeptos. Como foi discutido, alguns dos efeitos dessa trilogia foram a ampliação da discussão sobre BDSM em todos os meios, inclusive no feminismo; a contundência com que associou BDSM à palavra de segurança; a contribuição para o fortalecimento de estereótipos sobre mulheres em papel de submissão, homens em papel de dominação, e do que é uma relação BDSM; fortalecimento da “confusão” entre BDSM e relacionamento abusivo/problemático, e ainda entre “vida baunilha” e “cena BDSM”; a difusão da visão preconceituosa de alguém é adepto do BDSM porquê sofreu violência sexual na infância, tem alguma patologia e/ou tem problemas com papéis de poder.

Aquele último está descrito na frase do post n. IX, sobre a visão que Ana, protagonista da trama, tem sobre o BDSM. Uma doença referente a um trauma, um problema na história do amado que ela será capaz de resolver com seu amor (leia-se: inserção em um casamento normativo). Da mesma forma, o livro contribuiu para a visão do BDSM como uma atividade

“degradante”, que uma pessoa no papel de Top vai causar, provocar, infligir na bottom e por isso precisa convencê-la a se render. Nesse ponto fica evidente o distanciamento da autora do livro com o cotidiano da busca por parceria nos meios BDSM. Acontece que há um grande número de pessoas bottom ou switchers com desejo de estarem no papel de sub, e uma intensa busca por Tops experientes e interessantes, de forma que colocar o protagonista do filme como um dominador insaciável é, no mínimo, tendencioso. Um filme com tão amplo acesso e difusão devia a essa comunidade representações mais fieis ou, pelo menos, responsáveis.

Eu fiquei incomodada com o que é dito sobre BDSM no livro, o BDSM é tratado como um desvio de caráter, uma doença cuja cura é o amor (GUSMÃO, 2015).

Tem gente que enxerga o BDSM com desconfiança, como se fosse uma prática forçada ou resquício de alguma doença (como retrata erroneamente o livro do momento, 50 Tons de Cinza; mais pra frente falo dele). (A.A, 2013).

A (má) representação do BDSM nos Cinquenta Tons contribui para fomentar pensamentos antigos que a comunidade BDSM tem lutado fortemente para afastar, a patologização e a criminalização. Esses preconceitos ficam evidentes no comentário da leitora Paula Souza, em 18 de dezembro de 2017, feito no post (neste trabalho n. XV), da revista Fórum sobre feminismo e BDSM: “No meu ver são 2 distúrbios combinados: a dominação sexual selvagem e o feminismo. Quanto desequilíbrio e imponderação” (SOUZA, 2017). Dommenique Luxor (2014) também comenta no post da Huffpost Brasil (post n. VI), que adiciona o fator da inserção na cultura pop como provocador desta ambiguidade entre tabu e curiosidade que paira sobre o BDSM:

Antigamente, só de falar em BDSM você já era considerado pervertido ou louco. Hoje não. Deixando de lado os filtros da teoria médica/psicanalítica é possível ver que a estética sadomasoquista e fetichista foi assimilada pela cultura pop (LUXOR, 2014).

Esse mesmo discurso é reiterado pelas feministas radicais, que consideram uma indecência e uma ode à desigualdade, para além da relação com o feminismo. É o que mostra a frase do post n.XIV: “sobre por que toda pessoa decente e que preza pela igualdade deveria se opor ao BDSM” (CHELLAL, 2016). Tanto essa visão de feministas radicais quanto os Cinquenta Tons contribuem para o aumento do preconceito com pessoas e atividades fetichistas e o apagamento e exclusão das sexualidades não-normativas. Considerando que a arquitetura do sexo é política e que discursos produzem significados sensíveis, os termos de

“sexo” propostos por esses caminhos são demasiadamente perto das visões heteronormativas, que consideram “normal” um roteiro sexual e uso de certas partes do corpo, enquanto “anormal” é o que deve ser combatido.

A política da normalidade é o que apontou Kyav no trecho abaixo, e é também temática no post n. XII, trazendo a experiência de “pessoas com desejos sadomasoquistas”. Fica evidente o sistema de exclusão que atravessa estes corpos, e as práticas de resistência.

A sociedade ela trata pessoas BDSM como doentes, sendo que nós apenas estamos vivenciando nossa sexualidade de uma forma plena e não normativa. Não é normal que alguém seja espancado e sinta prazer com isso. Normal no sentido de: não é comum que a sociedade aceite isso como prazeroso. (KYAV, 2019).

É comum pessoas com desejos masoquistas ou sadistas passarem por períodos em que questionam seus desejos, muitas vezes achando que são “doentes” ou “desajustadas”. Se uma mulher praticante de BDSM consegue superar todo esse sofrimento e hostilização, ela provavelmente está em condições de compreender suas próprias fantasias e viver seus fetiches de maneira sã, segura, consensual e responsável (ARRAES, 2015b).

Esse sistema que valoriza alguns tipos de atividade sexual em detrimento de outras, se mostra interseccional a outras questões, privilégios e subalternidades que têm influência direta nas vivências de prazer e exploração dos próprios desejos. Mesmo considerando o movimento chamado de “apropriação pelo capitalismo” - no qual o BDSM termina por ocupar um lugar que gera curiosidades e mercado, provocando, de certa forma, maior aceitabilidade da subcultura na sociedade - as visões negativas se fazem presentes de forma menos binária e mais fluida, se mesclando com outros marcadores e experiências das pessoas.

Tem e não tem preconceito, não acho que seja binário assim, e esse preconceito vai se abater sobre as pessoas seguindo a mesma lógica interseccional dos demais preconceitos (...). Assim, dependendo do seu lugar de privilégio na sociedade, você vai ter mais ou menos liberdade de fetichizar o seu fetiche e vai ganhar ou perder pontos nos seus grupos sociais por isso. Mais um motivo para ocupar o BDSM com feminismo. Porque é muito mais fácil para mim, por exemplo, que sou feminista branca de classe média, ou seja, privilegiada, bancar minhas escolhas “fora da norma” e vir aqui falar de BDSM, do que é falar e viver o BDSM para uma mulher negra mais pobre, por exemplo (ARRAES, 2015b).

Pensando no que propôs Gayle Rubin, alguns dos efeitos desse sistema hierárquico de valoração das relações sexuais são “meros aborrecimentos”, outros são mais graves e terminam por influenciar diretamente as buscas por prazer e no entendimento de si. Questionei nas entrevistas sobre como foi a aproximação das pessoas com o BDSM e também, por questões burocráticas inclusive, perguntei sobre suas identificações enquanto

BDSMers, se usavam nomes reais ou não. O fato que mais me chamou atenção dizia respeito ao início das descobertas de MF, que levou ao psicólogo suas questões após uma relação sexual que misturou elementos de erotismo e violência. O preconceito contra as atividades sexuais não-normativas e fetichistas se refletiu na auto-imagem de MF, que se assumiu “doente” e “louco” por ter sentido prazer em uma relação totalmente consensual e dialogada envolvendo tapas. E foi a psicologia, enquanto ciência normatizadora, que outrora produziu tantos significados nocivos a essa população, que foi conforto para MF na figura de um terapeuta que lhe acolheu, instruiu.

E a gente na hora H, ela me pediu pra bater nela (...). E machucava de verdade de tirar sangue do canto da boca, e a mulher gozou pra caramba e eu também. Cheguei pro meu psicólogo e falei assim: ‘me interna porque eu sou doente mental’. Ele falou: ‘calma, você não tá qualificado para dar esse diagnóstico. Me diz o que aconteceu que quem tem que dar esse diagnóstico ou não sou eu’. Aí eu fui e contei a história inteira. Ele olhou pra minha cara e falou assim: cara, você lê inglês bem? Eu falei: ‘claro’ (...). E abriu um armário que tinha na parte de baixo da estante dele que ficava fechada na chave. Abriu o armário e pegou um livro e me entregou, um livro em inglês. E era um livro sobre sadomasoquismo. E aí eu levei aquilo pra casa e li. Aí quando eu voltei na sessão seguinte ele perguntou assim: ‘e aí?’ Eu falei: ‘e aí que tem mais gente no mundo louca que nem eu’. Ele falou: ‘problema que isso não é loucura cara, isso é só um gosto’. E aí a gente foi trabalhando isso dentro da terapia, né? Até pra eu conseguir me entender e me aceitar (MF. 2019).

Não viver de forma plena sua sexualidade e se esconder, especialmente no ambiente de trabalho é rotina para Kyav. Além de não poder “se assumir”, é preciso montar estratégias para esconder associadas ao desejo de viver em comunidade, de fazer parte do meio. Afinal, é nessa rede de contatos BDSMers que se encontra não só o compartilhamento de experiências e descobertas, mas é palco para a busca de parcerias e instruções.

Tem que se esconder pra poder vivenciar os seus fetiche. Algo muito complicado de se lidar porque a gente... são raras as pessoas que podem botar a cara no asfalto e bater no peito de falar ‘oh, eu sou mesmo’. Eu sou uma que eu não posso mostrar o meu rosto porque o meu trabalho tem um código de ética em que as minhas práticas, as minhas vivências e tipo, o que eu faço fora do serviço, tem que ser condizente com a imagem que o escritório quer passar. Então, eu tenho um código de ética a seguir, então ninguém pode saber, o meu rosto não pode ser divulgado. Não posso de forma alguma vivenciar de forma plena. E outra coisa, eu estudo pedagogia, imagina se eventualmente eu vou pra uma sala de aula e descobrem que eu sou, eu perco o emprego na hora (KYAV, 2019).

“O meio” BDSM e suas configurações não são foco dos meus estudos. Existem bons textos, como o de Regina Facchini,(2013), que pensaram na relação das/dos adeptos do BDSM com a “comunidade imaginada” em torno da subcultura. Porém, esse eixo se mostrou importante na identificação das pessoas, seja encontrando ambiente propício para “se

assumir”, ou validando sua noção de identidade sexual a partir da relação com “o meio”. “O meio” é a forma que uma comunidade em torno do BDSM é chamada, e que, de nenhuma forma, é única, são meios, plurais. Assim, “fazer parte” da comunidade imaginada em torno do BDSM tem valor social e pessoal, e compõe contornos à experiência BDSM a partir de um universo de significados próprios. Nem todo BDSMer é parte de algum “meio”, há muito BDSM fora dessas redes, e, inclusive, diversas atividades similares fora do “termo” BDSM.

Ser parte desse meio, atualmente, parece estar diretamente relacionado a uma certa presença online, em grupos de discussão e montagem de eventos, mas não só. “Se considerar” BDSMer aparece como característica identitária derivada do fetichismo, que tem limites e fronteiras. “Ser do meio” é, por vezes, mais importante do que ser adepto ou experiente nas atividades BDSM, como mostra o trecho de Vince - que me chamou atenção para o uso da linguagem. Não se deve dizer “prática BDSM”, pois esta é uma subcultura que se interessa por algumas práticas - como bondage e sadomasoquismo, e por relações - de dominação e submissão, entre outros fetiches.

Acho que me vejo dentro muito mais por ter sido aceita nos grupos, mesmo não tendo experiência com pessoas do meio mesmo do que sei lá, por ter muita prática, eu sei o que eu quero, sei do que gosto e isso se encaixa no bdsm, no mínimo fetichista eu posso me considerar (KIYA, 2019).

Já praticava alguns fetiches antes, mas o BDSM é uma subcultura, não há “prática BDSM”, portanto meu primeiro contato com a comunidade (...) (VINCE, 2019).

O “meio” BDSM que acessei se enreda contundentemente pelo meio online, por meio de fóruns, bate-papo, Facebook, Whatsapp por onde também se divulgam eventos presenciais. A prática do shibari também aparece como um agregador, já que esta prática pode ser usada no BDSM mas conta com pessoas adeptas e admiradoras também fora desse eixo. Pela própria estética e funcionalidade da prática, o shibari pode ser feito em praças públicas, o que termina abrindo mais espaço para essa atividade em eventos abertos. Outro fator é, como relata MF, a preocupação com a maioria das pessoas que venham a participar dos grupos, garantindo o afastamento do BDSM com ideias sobre pedofilia (que é crime). Nesse meio, muitas pessoas se mantêm entusiasmadas em fortalecer a cena, criar espaços de compartilhamento e ensinamentos e, de busca por parcerias.

MF - É muito difícil hoje em dia você encontrar alguém que não esteja online, que não faça parte de comunidades virtuais. Porque a internet, a facilidade de comunicação ajuda e faz com que as pessoas acabem se agregando em torno de assuntos que, é... são de interesses comuns daquele grupo. Então, é as pessoas tendem a procurar os grupos de BDSM porque isso facilita, inclusive pra você achar

parceiros, né. É muito difícil você ver um BDSMer que não participe de grupos virtuais. (...) Olha, tanto no BDSM Brasil do facebook quanto no BDSM Brasil do whatsapp, nós temos restrição de idade, nós não aceitamos menores de dezoito (MF, 2019)

Kyav - Então eu tô inserida sim na cena (...) eu administro um grupo que é chamado Encontro de BDSM, eu também organizo o BONDAGE PIQUENIQUE, que é um piquenique, que é um encontro BDSM, sendo que pode haver a prática do bondage e do shibari. (...). Eu tenho visto assim que é muito dá um passinho pra frente dois passinhos pra trás, porque o próprio meio ele ainda não é maduro. Então, por exemplo, aqui no [local], a gente não tem rodas de conversa ou workshop de prática, tirando o shibari que é único que eu vejo tendo workshop frequentemente, os outros tipos de práticas eu não vejo (KYAY, 2019).

Toda essa comunidade, suas práticas e culturas tem por objetivo mais direto a produção do prazer. É o prazer que é repensado, rearquitetado, ensinado e aprendido. Esse processo de feitura, de produção do prazer, que se mobiliza em jogos físicos e mentais do BDSM, dá vazão e empresta palavras para sensações do corpo que estão às margens do ideal normativo de “sexo”. O início das descobertas sobre essas mesmas sensações provocadas pelo BDSM, não são necessariamente ligadas à essa subcultura. Isso significa principalmente que existem atos e performances sexuais que estão, de certa forma, ligadas ao BDSM, mas que também estão no eixo do sexo normativo, como um tapa.

Foi curioso perceber que esse elemento “tapa”, por ocupar a fronteira entre o erotismo e violência, entre norma e fetiche, termina por ser provocador das descobertas de prazer em sensações que, posteriormente, levaram MF e Lolla “ao BDSM”. Como não poderia deixar de ser, esse momento levou os dois a, de forma substancialmente distintas, repensarem a si e aos seus desejos.

Eu conheci um cara, sai com ele, ele me bateu e eu fiquei ‘UOUUU ISSO FOI BÃO D+’ [isso foi bom demais], aí percebi que curtia uns role com spanking. (...) mas hoje penso no quão zuado foi ele me bater sem perguntar se eu queria, a sorte foi que eu gostei, imagina se eu não tivesse gostado (LOLLA, 2019).

E a gente na hora H, ela me pediu pra bater nela aí eu fiquei assim: ‘não, acho que..., como assim?’ Ela falou: ‘bate, bate na minha cara!’. Aí eu fui dando tapinha, eu dei um tapinha que, assim, não mata nem mosquito, e ela: ‘não, bate forte’. Aí eu fui batendo cada vez mais forte e ela pedindo mais forte, até a hora que eu realmente dei um tapa na mulher que eu... eu não tinha noção. Eu dei um tapa nela que machucou, machucou de verdade, porque assim, eu luto desde os seis anos de idade então tenho muita força no braço. E machucava de verdade de tirar sangue do canto da boca, e a mulher gozou pra caramba e eu também. (...) (MF, 2019).

O encontro com o “meio”, com os significados produzidos por este, também aparece como provocador desse desejo, como fala MF sobre o conteúdo dos livros que seu terapeuta

lhe emprestou após suas revelações. É interessante perceber como a chegada no “meio” é um movimento ambíguo de nomear os desejos que o levaram até ali com os termos do “meio”, e ao mesmo tempo produzir o próprio desejo a partir do acesso à linguagem fetichista. Esse efeito fica evidente na leitura de elementos como a lista de “CheckList BDSM” que apresentei no primeiro capítulo, e é sobre isso que MF falou quando me contou sobre seu “início no BDSM”, a partir do contato com os livros sobre SM e de um grupo do tipo “confraria”.

É nesse momento sutil que a reapropriação dos termos se mostra presente, não só com as palavras, mas também em ressignificar a partir do desejo os atos e sensações. Aprender “técnicas de waxplay”, lê-la enquanto um elemento de produção do prazer e identificar-se naquele movimento é o que provoca a imensa diferença entre uma “tortura” - queimar com a cera da vela; e uma prática BDSM - a cena com queimaduras de vela e cera. Também nesse lugar habita a importância da mutualidade, da busca pelo prazer partindo de todos os envolvidos na cena, e é nessa ressignificação que está as possibilidades de busca de parcerias no “meio” BDSM, ou seja, a partir da identificação com o mesmo vocabulário.

E falando inclusive sobre técnicas de impactPlay, técnicas de waxPlay e num sei quê. E aí fui vendo que aquilo tudo me dava muito tesão. E assim, eu sou primordialmente sádico, né. É, eu fui vendo que aquela coisa de causar dor no outro, mas uma dor controlada, uma dor que são os dois que querem... isso me dava muito tesão (MF, 2019).

As descobertas do desejo no contexto BDSM têm íntima relação com os atos “controlados”, “que os dois querem”, sobretudo nas cenas que performam o que é chamado de “consensual nonconsent” (não-consentimento consentido). Foi em um relacionamento com uma pessoa também interessada em BDSM que Lolla descobriu fetiches além do contraditório “tapa”, mas também que se descobriu enquanto Swticher e explorou o lado da dominação: “descobri que eu gostava de dominar também e não só ser dominada, descobri que gostava de vender pessoas, de ser amarrada, sufocamento e tease and denail” (LOLLA. 2019). E foi um fato inesperado que provocou em MF a descoberta de seu lado Dominador, já que antes ele se interessava apenas SM, ou seja, os jogos que mobilizam dor mas não estão inseridos em contextos de dominação e submissão.

E eu nunca tinha despertado para a questão do DS, da dominação e submissão. É, o sadomasoquismo me bastava. Até o dia em que eu terminei de fazer um spanking nela e ela gozou apanhando. E quando terminou o spanking e tal, durante o aftercare, ela ajoelhou nos meus pés e beijou os meus pés e falou assim: ‘muito obrigado, meu senhor’. Aí, me quebrou, cara! Esse negócio me deu um tesão filha da puta, e aí eu descobri que sim, a questão do jogo de poder me excitava, né (MF, 2019).

Esses desejos, ou seja, as práticas e atividades que cada pessoa “curte” estão em um espectro muito grande, que associa as letrinhas B, D, Ds, Sm mas também mobiliza universos fora do BDSM. A colocação de limites e preferências, da mesma forma. E é interessante observar a colocação de limites a partir de elementos menos ligados à moral sexual normativa, ainda que não seja possível afastá-la completamente. Da mesma forma que MF contou-me encontrar no RacePlay um limite rígido e que isso vem a partir de seu contexto pessoal, racial, histórico e familiar, os limites que ele tem estão tensionados a partir de suas experiências de vida, mas também de angustias ainda relacionadas ao que tal prática “pode causar” psicologicamente.

Pra mim RacePlay me broxa, sacou? É, eu não gosto de scat por causa da questão de bactérias patogênicas, e eu não curto NeedlePlay porque, assim, é contra os meus princípios enfiar corpos estranhos dentro do organismo de alguém. Como eu sou socorrista, assim, isso é uma coisa muito cristalizada na minha cabeça. Eu não posso enfiar agulhas em ninguém, só quem pode é o médico ou um enfermeiro. Então assim eu não, não... também não me interessa por NeedlePlay. Em compensação KnifePlay eu gosto, eu curto FearPlay. É, mas RapePlay eu não curto, porque eu sei que o RapePlay pode causar uma série de problemas psicológicos na pessoa que eu acho que não vale o risco (MF, 2019).

Essa variedade de desejos que se articulam em torno de umas e outras práticas, e são catalogados e nomeados, têm sempre maior ou menor ligação com o roteiro heterossexual. O entendimento normativo do sexo que, para lembrar Preciado (2014), pressupõe certos usos do corpo, e usa deliberadamente “sexo” como metonímia para “penetração, pênis-vagina, ejaculação como ápice”, entre outros roteiros ainda óbvios (inclusive a invenção das “preliminares”). Fica evidente ao mínimo contato com o BDSM, pelo menos a princípio: um, que se trata de uma atividade erótica e; dois, que não está circunscrita, ou não apenas, aos atos do tal “sexo”.

Essa “diferença” substancial entre BDSM e “sexo” parece estar no cerne do entendimento sobre os significados produzidos pelas pessoas adeptas sobre a relação “sexo x BDSM”. Não se trata apenas de entender se BDSM “é” ou “não é” sexo, mas o que as tensões entre esses dois termos podem gerar, nos corpos e nas tecnologias sociais do sexo. É esse tensionamento que Jarid Arraes (post n. VIII) associa à necessidade de “feminismo dentro” do BDSM.

Embora seja frequentemente relacionado a atividades sexuais, há quem goste de práticas específicas do BDSM sem o envolvimento de sexo; por exemplo, há

masoquistas que gostam somente de sentir dor, sem que sejam diretamente estimulados sexualmente no processo. Do mesmo modo, há pessoas que gostam somente de ser amarradas, ou que gostam da dinâmica de Dominação e Submissão, mas detestam qualquer tipo de dor (ARRAES. 2015a).

O que é sexo e o que é só uma encenação erótica “sem sexo”? Você tem a chance de repensar a hipergenitalização do sexo. Você tem a chance de aprender na pele que, para uns, se não há penetração tradicional não é sexo e, para outros, qualquer parte do corpo penetrando sua pele, sejam as unhas, o chicote, ou outra narrativa sexual sem genitália envolvida é sexo sim, com direito a muito gozo. E você tem a chance de diferenciar desejo, tesão, gozo e orgasmo. Há todos esses espaços no BDSM, o do prazer, do lúdico, do aprendizado, da prática política. Mas para ele realmente ser tudo isso, precisamos de mais feminismo dentro dele. (post n. XIII)

A relação do BDSM com "sexo" se fazia importante desde o início do trabalho, afinal é justamente por haver esse tensionamento que as disputas feministas “sobre sexualidade” recaem no BDSM. Durante as entrevistas, provoqueei os/as interlocutores/as de como pensavam BDSM em relação ao sexo e à sua sexualidade, perguntando-lhes se BDSM é sexo para si, se estava na alçada de sua sexualidade, e o que é sexo para si. Paralelamente, falamos sobre práticas, atividades e as relações que pautavam, tentando usar uma linguagem menos formal e, como desculpou-se Kyav, “chula”. Eu queria saber o quê cada pessoa “curte”, e de que forma aproxima ou afasta isso do “sexo”, e cheguei a respostas interessantes, particulares em suas ambiguidades, mas muito reveladoras das pressões que o BDSM faz nas bordas da palavra sexo.

Minha noiva é a minha masoca. Sexo? Não, ele é sexual, com o intuito de gerar prazer, mas costumo separar sessão BDSM de sexo, no máximo um vibrador e isso nem se encaixaria (VINCE, 2019).

Eu separo sexo de coito. Coito teria essa concepção mais biológica de encontro de genitálias (...) Sexo já penso como algo socialmente construído. É a relação entre duas pessoas que envolve elementos de prazer, podendo ou não ter coito (...) Eu sou masoquista e gosto muito de spanking, mas não necessariamente me interessa ter coito com a pessoa que faz spanking em mim, mas ao mesmo tempo não significa que não houve sexo, ambos exerceram algum tipo de pulsão (não querendo ser freudiana [risos]), eu apanhei e a pessoa bateu em mim, não tive orgasmo no sentido biológico, mas tive uma sensação semelhantes, uma espécie de catarse. Para mim BDSM é sexo, com coito ou sem (LOLLA, 2019).

Mas era basicamente sadomasoquismo né, causar e receber dor, e sexo. Muito sexo. (...) BDSM não é sexo. É um jogo erótico, entre adultos responsáveis. (...) Eu uso BDSM como preliminar, mas tb posso fazer sem envolvimento sexual algum. Faz alguns dias eu fiz uma sessão de wax play muito legal com uma amiga. O nível de envolvimento sexual foi bem intenso. Pelo menos eu acho intenso quando eu passo uma faca no seio e na vulva de alguém para tirar a cera. Mas, não houve nada mais sexual do que isso. Ambos nos divertimos, ambos nos sentimos excitados, mas a excitação era pela prática, não um pelo outro. E continuamos amigos e nada rolou ou vai rolar entre a gente (MF, 2019).

Minhas relações são todas avulsas. Todos são amigos que me interessei e me senti segura de praticar junto. Alguns eu tive envolvimento sexual outros não. BDSM para mim é separado de sexo (penetração). (...) [Sexo é] penetração, desculpa usar linguagem chula, mas é rola na buceta/cu, boca na buceta/cu... isso é separado para

mim, eu gosto que tenham momentos distintos. Podem ser seguidos, mas não gosto que seja ao mesmo tempo. Não gosto de usar brinquedos, nem mesmo enfiar o dedo. O máximo q curto é um estímulo no clitóris e olhe lá. (...). É uma expressão da minha sexualidade, não tem como separar, é muito erótico. (KYAV, 2019)

Consigo observar ao menos dois movimentos interessantes que essa relação é capaz de provocar, um que amplia a noção de sexo a partir do que mobiliza o BDSM; e outra, que separa quase completamente, na qual BDSM não é sexo. O significado do sexo tem caráteres distintos pois que, em um a percepção do sexo é aberta e pode incorporar novos significados a partir da mobilização dos prazeres e ativações eróticas; no outro o “sexo” tem um significado um pouco mais fechado e os atos dispostos no referencial “BDSM” não cabem no mesmo universo semântico.

Dessa forma, tanto os significados de BDSM quanto de sexo se mostram mais amplos, mesmo que nesse meio hajam muitos discursos que se propõem “regimes de verdade” sobre a subcultura e tentem afirmar “é sexo” ou “não é sexo”. O que o BDSM faz com o sexo, é tensionar a categoria, apontar o reducionismo da noção de sexo, de uma relação sexual “normal” - tanto a heteronormativa quanto o sexo homonormativo que mimetiza o hetero – e expõe a limitação da performance sexo-reprodutiva como referencial único de “sexo”. O “nível de envolvimento” que MF cita quando passa uma faca no corpo de sua amiga, mesmo não estando na concepção dele de “sexo”, ainda revela as amplitudes do tesão e as possibilidades de troca de sensações, afetos e prazer em contexto diferente do esperado para esse câmbio: a relação marital hetero. Sendo BDSM “sexo”, no sexo necessariamente cabem muito mais atos do que prevê o roteiro hetero, e a categoria explode. E, se assumirmos categoricamente que “BDSM não é sexo”, não estaríamos forçando as bordas da própria ideia normativa de prazer erótico?

Por tantos significados e fruições diferentes no eixo dessa subcultura, os “usos” que cada pessoa faz do BDSM em sua vida pode estar balizado pela mesma variedade. Além disso, o questionamento do “ser ou não ser” sexo sobre BDSM recai em abrir os códigos do ato e tentar enxergar ao menos algumas das “diferenças” colocadas entre o “sexo” e o BDSM que os fazem estar mais ou menos próximos. Há a possibilidade como MF, de o BDSM “servir” como “preliminar” para o sexo, há a chance do BDSM estar afastado do sexo, de ser uma possibilidade de prazer justamente por não ser “relação sexual”, ou de o BDSM ser “o” sexo em si. Quando perguntei sobre as “diferenças”, a safeword, e a comunicação “explícita” aparecem em destaque além dos atos em si, como trouxe no tópico sobre consentimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Que desafio pensar uma escrita ciborgue, uma forma de digitar que me pusesse a sentir cada toque nas teclas. E foi mesmo de toques que essa dissertação foi feita, entre telas e cliques. Ao final deste processo não posso deixar de reparar nos tais cliques, os deslocamentos que escrever produziu em mim. Iniciei esta trajetória com muitos desejos e poucas certezas. Eu sabia que o BDSM provocava “o feminismo”, e também que os feminismos são plurais. Pensar as disputas em torno do tema me conquistou a cada sessão, me dominou.

Tentar explicar o que é BDSM não chegou a ser um foco, significados são instáveis e foi mais interessante encontrar-me com vários deles. Logo no início deste trabalho trouxe um breve resgate da história do termo sadomasoquismo, uma “origem” distante do significado atual, mas que ajuda a entender as visões negativas que estão postas na análise. A subcultura BDSM é fruto principalmente da resistência de corpos que não aceitaram a patologização de seus desejos. Desde que Gayle Rubin, Pat Califia e também Foucault saíram dos “armários” e declararam suas intimidades com o SM, até o fenômeno Cinquenta Tons de Cinza, muito tem se produzido sobre esta comunidade, mas infelizmente, os estereótipos reforçados são uma constante.

BDSM parece ser uma sigla, uma subcultura, uma atividade divertida, um grupo de fetiches, uma comunidade resistente, uma forma de pensar o prazer, um jeito de falar sobre o sexo. Top e bottom são dois lados de uma mesma moeda, se dispõem e contrapõem montando uma cena, um jogo. Seja ou não baseado no SSC, BDSM compõe também um apelo ético, um convite a pensar limites e prazeres, a mapear os prazeres a partir dos limites. A importância dos limites, aliás, está no cerne do BDSM, assim como os contratos e a palavra de segurança. Há sempre neste campo um interesse evidente de afastar a gramática da violência, o abuso. E para isso montam-se estratégias, diálogos, pois as atividades envolvidas são inúmeras e estão sempre em aberto, a mercê da criatividade dos corpos.

Na mídia o BDSM ainda é um mistério, um meio erótico-exótico, e apesar do apelo estético e mercadológico, os estereótipos são reforçados e produzidos. O fato de muitas das críticas “feministas” encontradas na análise, assim como um certo senso comum, sempre questionarem sobre “a mulher” no papel de submissa como posição única, expõe mais seus pensamentos sobre relações de gênero do que algo sobre BDSM. BDSM também um território em disputa assim como o sexo, as relações sexuais, o prazer, e as disputas entre feministas foi, de certa forma, minha maior paixão neste tema. Tanto porque meu problema de

pesquisa partiu daí e dos efeitos da disputa em minhas buscas por prazer, quanto porque são essas descobertas que fundamentam as existências, e que permitem avanços no campo do “prazer e perigo”, que tanto me levou.

Uma switcher precisa conhecer os dois lados, e chegar à argumentação do feminismo radical foi transformador, inclusive pessoalmente. Ao final deste processo eu sei de quem discordo, eu sei porquê discordo. E além disso, eu sei que a sensação de ser “menos feminista” por gostar de BDSM (ou apoiar a prostituição, ou viver a transexualidade) é uma invenção de determinado feminismo, e que é possível seguir por outros caminhos. Aquela noção de poder rígida, estável, que não considera relações e resistências apareceu para mim como uma âncora, que permite algumas análises do entorno, mas impede de ver cada sujeita como potente, agente de si. E para as corpos sexodissidentes já existem muitas limitações impostas, o feminismo não pode ser uma delas. Feminismo é o gozo, a grande promessa de transgressão e por isso mesmo é plural, múltiplo. Foi o feminismo que me fez enxergar os rizomas de um sistema do qual meu corpo é dissidente.

A obra de Gayle Rubin foi uma parceria e tanto, cada palavra dela libertou um pouquinho mais meu entendimento da sexualidade. Penso o BDSM, a pornografia, a prostituição, as transsexualidades e outros temas, como territórios em disputa, que podem ser ocupado por desejos dissidentes, corpos pulsantes, implicadas.

Trouxe no segundo capítulo também a noção da “sopa nociva” que forma o pensamento sexual popularizado pelas tecnologias heterossociais. Nesse mundo “normal” a variedade erótica é rechaçada, e os prazeres dissidentes estão à margem. Mas somos potentes, resistentes e a noção de poder foucaultiana nos mostra que, se o poder é uma relação, podemos interferir nele. Assim, o SM aparece como um processo de invenção, de contraprodução do prazer.

É nessa contraprodução que aposta a contrassexualidade. Na leitura de Preciado precisei me despir. Um desnude que não é físico, ou não só, mas sexopolítico. Para absorver essas palavras foi preciso sair de mim, me olhar de um certo lado de “fora”, mas que na verdade era mais dentro ainda. Saber-se produto de tecnologias, abandonar o referencial de “natural” das relações de poder, sobretudo em relação à sexualidade, me permitiu análises potentes. Desterritorializou o sexo, inventou uma corpa. O BDSM é, nesse sentido, um dildo, o elemento protético que expõe a não-naturalidade do sexo.

O terceiro capítulo dessa aventura é uma proposta ciborgue, um convite a uma navegação na qual me sinto iniciante. Assim como Donna Haraway, acredito (e agora, ainda mais) no poder da relação entre feministas e tecnologias, assim como na importância da

sexualidade nesse enlace. Essa relação foi explorada pela pesquisa internacional EroTICs, que relaciona diretamente a regulação da internet com a valoração sexual proposta por Rubin (2003). É por essa relação ser potente e capaz de forçar limites, que este texto se inventa enquanto hacker de tecnologias eletrônicas e sociais. E se propõe a abrir os códigos que, inscritos em nossos corpos, produzem sexualidades. A política ciborgue é a luta pela linguagem, e foi na decodificação desse código que apostei.

A etnografia virtual como metodologia permitiu uma imersão no campo sem receitas prontas, mas com o corpo conectado. A ciborgue online pressupõe a reflexão crítica sobre o elemento de pesquisa e sobre si mesma. Cheguei no campo com a lente em construção, mas com o olhar atento e curioso, estranhando e familiarizando os temas. Selecionei 18 textos depois de um processo de busca cuidadoso na plataforma Google, e fiz quatro entrevistas semiestruturadas com BDSMers que se interessaram por essa pesquisa em quem cheguei pelo Facebook. Por isso, agradeço imensamente a MF, Vince, Lolla e Kyav que abriram um tanto de suas trajetórias apostando no meu trabalho. O material foi tratado, selecionado, categorizado. Lidos e relidos, os textos e entrevistas foram submetidos à análise temática.

A proposta metodológica me assustou no início, parecia complicada e me fez achar que não daria conta do meu objeto, que o reduziria. Mero engano. Bastou me debruçar sobre a metodologia que entendi sua importância. Foi sempre em busca de temas que essa pesquisa esteve, de ampliar discussões, trazer novas visões possíveis. Sem nenhum compromisso com o status de verdade da ciência positivista, buscar as categorias a partir da linguagem que compartilhavam foi a forma mais honesta de discutir esse tema, essa disputa. Quantos e quais temas meu objeto, as relações entre BDSM e feminismos, poderiam me provocar?

Chego às categorias analíticas pensando-as a partir de meu objetivo geral e pergunta de pesquisa e, com elas, voltei para recompor os objetivos específicos. No tópico “Atualizando a página: BDSM nas disputas feministas em torno da sexualidade” trouxe alguns significados sobre aquilo que o post n. XVIII chamou de “Guerras sexuais feministas”. Uma disputa discursiva sobre o sexo e, consequentemente, BDSM, prostituição, transexualidade. As postagens analisadas têm posicionamento demarcado, defendem ou acusam o BDSM. Feministas sexopositivas e antipornografia expõem seus argumentos na internet, os embates ganham mundo, mas é no corpo das BDSMers que se presentificam, tomam seus desejos como arena. O cerne do debate entre feministas está na forma de pensar o poder e o corpo, as im/possibilidades de resistência, e sobretudo em suas bases éticas e políticas.

As feministas trazem principalmente a noção de “escolha”, a possibilidade de agenciamento – ou não - das mulheres em suas sexualidades como ponto central. Concordo que a “escolha” por si só banaliza a discussão, mas que é o movimento ativo da vontade, o desejo mútuo, que mobiliza o BDSM. A ênfase radical na configuração “mulher/sub, homem/top” traz um impasse, simplifica, porém, suas reflexões sobre a violência nos colocam questões, impelem a pensar. Será mesmo que “as mulheres” estão sempre em busca de aceitação e romance como colocou o post n. IV? Ou, pelo menos, será que propor que elas pensem a si mesmas a partir desse referencial é estratégico, libertador? Nós somos responsáveis pela linguagem que produzimos. A linguagem nos inventa.

A dualidade de pensar BDSM entre feminismos, e feminismos entre BDSMers fez-se próspera. No BDSM o feminismo é necessário, é um elemento que abre portas para a transgressão. Lolla e Kyav mostraram um BDSM libertário, mas refletor das mazelas sociais e desigualdades, que, por maior que seja a preocupação em afastar a violência, entende-a como parte integrante, peça de composição inevitável do imaginário. O BDSM é um campo recheado de regimes de verdade, muitas certezas circulam e se contradizem. Sobre feministas não seria diferente, urge discutirmos os feminismos, no plural, as disputas e as propostas sexopositivas, contrassexuais entre fetichistas.

O segundo tópico, “Corpos marcados: alguns significados de sexualidade, gênero, raça e relacionamentos produzidos em torno do BDSM” tratou de decodificar significados produzidos sobre tais marcadores sociais. Coloquei algumas considerações sobre cenas BDSM que mobilizam o gênero, como a feminização e a sissy play - atividades expõem a normativa sexual, invocam a norma, parodiam-na, mas não deixam de causar desconfortos, como trouxe Lolla sua preocupação com o “reforço dos estereótipos” de gênero. A crítica radical ignora essas cenas, e centraliza a experiência das mulheres na posição de submissão, em relação ao BDSM, mas também em relação ao “sistema”. Estes argumentos estão baseados em uma noção de poder e gênero binária e estanque, que, como fica evidente na “pesquisa” cheia de inconsistências metodológicas que justifica o post n. XIV: top e sub, homem e mulher e... só. Switchers estão fora, os seres mitológicos que ocupam as fronteiras, a possibilidade de celebrar a troca de poder no próprio corpo não é considerada. Apagamento estratégico, enviesado.

Percebi estar em um “meio” BDSM centrado na lógica cisgênera. Estranhei, não era exatamente este o BDSM que me despertava. Mas chegaram as críticas, as brechas. Ainda no tópico segundo refleti sobre as “orientações sexuais”, os caminhos do desejo dentro do sistema sexo-gênero, e me surpreendi, a heterossexualidade enquanto orientação não foi

maioria. Da mesma forma, a monogamia não encontrava conforto neste “meio”. O BDSM suscita novas formas de se relacionar e a configuração trazida por MF retrata a provocação. Com o BDSM no meio, o relacionamento ganha duas caras: a fetichista e a baunilha, na primeira, o jogo de dominação se mantém; na segunda, a liberdade é a regra. E essa é só uma das múltiplas possibilidades.

O campo também trouxe apontamentos interessantes sobre questões raciais, pautadas a partir do RacePlay, cena que mobiliza desigualdades raciais e está longe de ser consenso. As questões raciais, aliás, juntamente com as teorias descoloniais apareceram como “próximos passos”. Com esta pesquisa em vias de finalizar, penso que submeter o BDSM a uma análise descolonial, latina, nordestina, possa trazer frestas iluminadas e nos ajudar a pensar nas relações de poder e colonialidade dos fetiches. Como são as relações entre BDSM e descolonialidade? Quais são as visões dos feminismos negros sobre essa subcultura?

No tópico terceiro, “Riscos em cena: significados e estratégias de BDSMers entre consentimento e vulnerabilidade”, me atrevi a pensar o perigo, a face supostamente “esquecida” do ponto de vista sexopositivo. Nos tópicos anteriores ficou evidente que o consentimento era um termo central. É sobre a autonomia para consentir que versam boa parte das disputas, seja colocando o consentimento como soberano, seja considerando inválido. Trouxe as estratégias de negociação a partir das experiências em entrevistas, que mostraram a centralidade do diálogo explícito, da colocação de limites a partir do autoconhecimento e da palavra de segurança - ou gesto de segurança, como colocou Vince.

Contudo, por melhores que sejam as ferramentas em torno do ato de consentir, o abuso é uma realidade dura, presente em qualquer agrupamento de pessoas e, assim, também no BDSM. Como relata Kyav, “jogar no vento”, expor publicamente os acusados de serem abusivos é uma das estratégias para lidar com o fato no meio BDSM, juntamente com o isolamento social do agressor. Com isso, sugiro reflexões sobre os riscos, esses fantasmas sem face que assombram o BDSM, tentando explicitá-los, pelo menos alguns deles. Entre os riscos físicos e o perigo sexual, o preconceito contra a variedade erótica impõe um “risco” social a BDSMers. Risco este que muitas vezes é reforçado por aqueles que, por darem ênfase em um “risco sexual” exagerado, e mais imaginado do que observado, reiteram a marginalidade dos prazeres dissidentes. Ainda assim, o perigo sexual que é o foco, essa antiga sombra que paira sobre as experiências de prazer, sobretudo das mulheres. Repensar a linguagem sobre prazer e violência surge como caminho estratégico, possibilidade.

O último tópico versa sobre prazeres e sexopolíticas. Nessa categoria discuti as políticas que envolvem a sexualidade, entre normas e antinormas além de visibilizar prazeres

e fruições no universo BDSM. É central nesta discussão o papel da patologização dos desejos, que apesar de antiga não está superada e é reforçada sutilmente nos Cinquenta Tons. Essa perspectiva negativa, que enxerga BDSM como degradante e criminoso também é encontrada na argumentação radical que, paradoxalmente, afasta as mulheres de sua luta política e se aproxima das visões conservadoras e normalizadoras. A política da normalidade que valoriza o sexo heteronormativo em detrimento da variedade, que pressupõe certos usos do corpo e dos prazeres aparece como um fator importante na experiência BDSM. Particularmente sobre as mulheres entrevistadas, as formas de se esconder, o medo de “perder o emprego” e ser descoberta se faz presente, constante.

Os deleites de BDSMers se articulam intimamente com a aproximação com o “meio”, a comunidade imaginada em torno do BDSM que também aparece como categoria identitária. Ser parte do meio é importante, legitima o desejo, aponta caminhos possíveis entre prazeres e perigos. Os tapas, elementos que ocupam uma suposta “fronteira” entre fetiche e baunilha, aparecem como disparadores do desejo. Mas, contrariando as suposições das feministas radicais, não é a coerção que é sexualizada, mas a permissividade, a mutualidade do desejo. Estar “no meio” toma tons de alívio, de encontro.

Por último, a complexa relação entre BDSM e sexo aciona potências. O BDSM é uma atividade erótica cujos efeitos no significado de sexo trouxeram reflexões interessantes. Dois movimentos dessa dança são: BDSM que amplia a noção de sexo, imaginando um significado aberto, onde cabem mais prazeres além da norma; e o movimento que afasta o sexo, fecha seu sentido e pensa que o BDSM, por não se aproximar das práticas “normais”, não pode ocupar este termo. A partir destas colocações, vejo uma brecha.

Articular BDSM e feminismos foi ímpar, as descobertas e provocações ficarão em mim, tomarão meu corpo. Os debates sobre sexopolíticas e BDSM também me convidaram a pensar além. A pós-pornografia e as teorias queer são terreno fértil, que trazem representações sobre essa subcultura propondo hackear imaginários sexuais e mentes normativas. Por isso, guardei o desejo de fazer articulações futuras entre BDSM e pós-pornô, e de explorar a mistura com o queer e as perspectivas decoloniais.

À guisa de inconclusões neste trabalho, sinto-me em movimento. Colocar este texto no mundo é devolvê-lo, é regurgitar as normas e produzir resistência. O corpo cansado reclama das regras (as sociais e as acadêmicas). Ser feminista e BDSMer não é só possível, é potente. Ser feminista é estar alerta às desigualdades, mas mais ainda é propor liberdades múltiplas, desenroscar-se de um sistema que nos cala bocas e desejos. Abandonemos a heteronorma, vamos aproveitar nossos corpos, este escrito é um convite. Ocupar o BDSM com o feminismo

urge, atíça, provoca. E ocuparemos cada canto, desse e de outros universos, com nossas vozes e corpos, que entre teclas e tapas inventam prazeres e políticas, e promovem pequenas, mas profundas revoluções.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Karla Galvão. **Encontros do Feminismo**: uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia. Orientadoras: Dra. Maria Juracy Filgueiras Toneli e Dra. Sônia Weidner Maluf. 2008. 279 f. Tese (Doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Santa Catarina, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91612>. Acesso em: 21 jul.2020
- ALVAREZ-CASTILLO, C. **La cerda punk**: ensayos desde un feminismo gordo, lésbiko, anticapitalista y antiespecista. Valparaíso. Chile: Trio Editorial. 2014
- ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **cadernos pagu**, n. 43, p. 16, 2014.
- ÁLVARO, Lucas; PELÚCIO, Larissa. Self-portrait: Mapplethorpe e o terrorismo anal na arte pós-moderna. **Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**, 3, 2013.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico em pesquisa da pesquisa e comunicação digital. **Revista Sessões do Imaginário** v.20. Porto Alegre, dez. 2008, p. 34-40.
- AMARAL, Adriana. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. **Fronteiras - estudos midiáticos**, v. 11, n. 1, p. 14-24, jan./abr.2009.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford university press, 1975.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. reimp. Lisboa: Edições, v. 70, 2011.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, jan. 2006.
- BUTLER, Judith. Performative Acts and Gender Constitution. CASE, S.-E. (ed.). **Performing Feminism: Critical Theory and Theatre**. Baltimore: John Hopkins, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Undoing gender**. [New York:] Psychology Press, 2004.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. [Belo Horizonte:] Autêntica, 2015.
- CABRAL, Arthur Grimm et al. **Abrindo os códigos do tesão**: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico. Tese (Doutorado em psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/169459> . Acesso em: 21 jul.2020

CORRÊA, Sonia; SÍVORI, Horacio; ZILLI, Bruno. Internet regulation and sexual politics in Brazil. **Development**, v. 55, n. 2, p. 213-218, jun. 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. *Relações raciais*, setembro de 2012.

DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Maria Filomena. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 165-211, 2008.

DE MELO, Marília Loschi. **A dor no corpo**: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. 2010. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. Unesp, 1998.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos. **Prazeres dissidentes**. Garamond Universitaria, 2009.

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. 2014. "O sexo é sempre culpável? Notas sobre prazeres, perigos e fissuras na sexualidade". **Folha de Gragoatá** - Jornal dos alunos de Antropologia da UFF. Disponível em: <http://afolhadogragoata.blogspot.com.br/2014/06/o-sexo-sempre-e-culpavel-notas-sobre.html>. Acesso em 21 de novembro de 2014.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. O espetáculo da humilhação, fissuras e limites da sexualidade. **Mana**, v. 21, n. 1, p. 65-90, 2015.

FACCHINI, Regina. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo) sexualidades na cidade de São Paulo. **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**. Rio de Janeiro, n. 14, p. 195-228, ago. 2013.

FACCHINI, Regina. Prazer e perigo: situando debates e articulações entre gênero e sexualidade. **Cadernos pagu**, n. 47, p. 371-400, 2016.

FERGUSON, Kathy E. **The feminist case against bureaucracy**. Temple University Press, 1984.

FERREIRA, Carolina Branco Castro. Feminismos@ web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos pagu**, n. 44, 2015.

FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, **The Advocate**, n. 400, 7 de agosto de 1984, p. 26-30. Toronto, jun. 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. v. 1. A vontade de saber. p. 152-152, 1985.
FOUCAULT, Michel. **The history of sexuality**. vol. 1: The will to knowledge. Penguin Books Limited, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Sexualidade e Poder**. Em Ética, Sexualidade, Política: Coleção Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 5, 2004

FRIEDMAN, Jaclyn; VALENTI, Jessica. **Yes means YES.** Visions of Female Sexual Power and a World without Rape. Seal Press (CA), 2008.

GERGEN, Kenneth J. A crítica feminista da ciência e o desafio da epistemologia social. *In*: GERGEN, Mary McCanney. (ed.) **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 48-69, 1993.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. **cadernos pagu**, n. 20, p. 87-120, 2003.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M. *In*: GREGORI, Maria Filomena; PISCITELLI, Adriana; CARRARA, Sergio (orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.** 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond Universitaria, 2004, v. 1, p. 235-255.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51 n. 2, p. 575-606, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. [São Paulo: Paz e terra] 2012.

GREGORI, Maria Filomena. Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuições de estudos recentes. **cadernos pagu**, n. 42, p. 47-74, 2014.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: Ciência. Tecnologia e Feminismo-Socialista no final do século XX. *In* TADEU, Tomaz (org). **Antropologia do Ciborgue.** As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2000.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARRINGTON, Lee; WILLIAMS, Mollena. **Playing Well with Others: Your Field Guide to Discovering, Exploring and Navigating the Kink.** Califórnia, EUA: Greenery Press, 2012

HINE, Christine. **Virtual ethnography.** [London:] Sage Publications Ltd, 2000.

HOOKS, Bell. **Feminist theory: From margin to center.** [London:] Pluto Press, 2000.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. *In*: PASSOS, Eduardo, KASTUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, p.76-91, 2009.

KRAFFT-EBING, Richard. **Psychopathia sexualis.** F. Enke, 1907.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. **Tendências e impasses:** o feminismo como crítico da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, v. 132, p. 123-132, 1994.

LEITE JUNIOR, Jorge. **A Cultura SM**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2000.

LEWIS, Elizabeth Sara. **Acho que isso foi bastante macho pra ela:** reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de pegging. 2016, 333 f. Tese de Doutorado (Pós-graduação em Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio.

MACKINNON, Catharine A. Feminismo, Marxismo, Método e o Estado: Uma agenda Para Teoria. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 15, 2016.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial:** raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

NOGUEIRA, Conceição. Análise do discurso. In FERNANDES, Eugénia M.; ALMEIDA, Leandro S. **Métodos e técnicas de avaliação:** contributos para a prática e investigação psicológicas. Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2001. p. 49-76.

PAIVA, Vera Silvia Facciolla. Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos. In: CÁCERES, Carlos F et. al. **Sexualidad, estigma y derechos humanos:** Desafíos para el acceso a la salud en América Latina, Lima, Peru: FASPA/UPCH, p.23- 52, 2006.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 2, 2008.

PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país. **Agência de notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. 10 dez. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acesso em: 15 jul.2020

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 36., 2013, Manaus.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018, 108p. (Coleção bardena).

PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer: notes for a politics of "abnormality". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan/abr. 2011

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual:** práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: Crônicas da travessia**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

REBS, Rebeca Recuero. Reflexão epistemológica da pesquisa netnográfica. **Comunicologia-Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 4, n. 1, p. 74-102, 2011.

REIERSOL, Odd; SKEID, Svein. The ICD 11 Revision: Scientific and Political Support for the Revise F65 Reform. **Second Report to the World Health Organization**. Oslo: World Health Organization, 2011.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, Peter M. **Social Perspectives in Lesbian and Gay Studies: A Reader**, p. 100-133, 1984.

RUBIN, Gayle. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: ABELOVE, Henry (ed), BERALE, Michele Aina (ed), HALPERIN, David M. (ed) **The Lesbian and Gay Studies Reader**, [NY/London, Routledge] 1992, p. 3-44.

RUBIN, Gayle. Misguided, dangerous, and wrong: An analysis of antipornography politics. In ASSISTER, Alison. **Bad girls and dirty pictures: the challenge to reclaim feminism**, [London: Pluto Press], 1993, p. 18-40.

RUBIN, Gayle. The leather menace: comments on politics and S/M. In: RUBIN, Gayle. **Deviations**. Durham & London: Duke University Press. 2001, p. 224-240.

RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual: entrevista. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 157-209, 2003.

SANTOS, Raíra Bohrer dos et al. **Castelos de pixels: relacionamentos BDSM no mundo digital virtual 3D Second Life**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Maria.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Estudos feministas: esboço crítico. In: Amaral, Célia (org.), **Teworia e Práxis dos Enfoques de Gênero**, Salvador; Fortaleza: REDOR, NEGIF, 2004, p.17-40. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6880>. Acesso em: 21 jul.2020

SCHOR, Naomi (Ed.). **Feminism meets queer theory**. Indiana University Press, 1997.

SCOTT, Catherine. **Thinking Kink: The Collision of BDSM, Feminism and Popular Culture**-McFarland. [North Carolina, USA: McFarland and Company, Inc.], 2015.

SECRETÁRIA. Direção de Steven Shainberg. EUA: **Double A Productions**, TwoPoundBag Productions, 2002. (1h44min)

SILVA, Marcelle Jacinto da. **Jogos De Inversão, Jogos De Poder: Uma Etnografia Online Sobre Práticas De Feminização Masculina Em Contexto Sado-fetichista**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2015.

STEIN, David. **Safe Sane Consensual: The Making of a Shibboleth**. VASM Scene. Vancouver Activists in S/M, 2002. Disponível em: <http://www.boybear.us/ssc.pdf>. Acessado em 29. Abr 2019.

SWITCH, Gary. **The Origin of RACK/RACK vs. SSC**. 2001.

SM KEE, Jac. Emerging threads and common gaps: A synthesis, p. 6-18. In: **EROTICS: Sex, rights and the internet**. Association For progressive Communications (APC). 2011.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/241764777_Internet_Regulation_and_Sexual_Politics_in_Brazil. Acesso em: 15 jul.2020

TRUTH, Sojourne. E não sou uma mulher? Tradução: Osmundo Pinho. **Portal Geledés**. 8 jan. 2014. Título original: Aint I a woman? 1878. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acessado em: abr 2019.

VANCE, Carole. **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. Nova York: Routledge. 1984.

WEISS, Margot. **Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality**. Duke University Press, 2011.

WILLIAMS, Jeremy Thomas. et al. From “SSC” and “RACK” to the “4Cs”: Introducing a new framework for negotiating BDSM participation. **Electronic Journal of Human Sexuality**, v. 17, n. 5, p. 1-10, 2014.

ZILLI, Buno Dallacort. **A perversão domesticada: estudo do discurso de legitimação do BDSM na internet e seu diálogo com a psiquiatria**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

ZILLI, Bruno DallaCort. BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos “manuais” da Internet. In: DÍAZ-BENITEZ, M. E.; FÍGARI, C. E. (Ed.). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.481-508.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos a Sra, para participar como voluntária da pesquisa Feministas, teclas e tapas: uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM, que está sob a responsabilidade da pesquisadora Marisa Dantas do Rego Barros, residente em --, telefone: (81) -- (inclusive ligações a cobrar), e-mail: marisa.dantas8@gmail.com.

Esta pesquisa está sob a orientação de Karla Galvão Adrião Telefone: (81) -, e-mail galvoadriao@gmail.com. Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com a responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Descrição da pesquisa: Essa pesquisa tem intenção de discutir questões entre feminismos e BDSM. Se dará pela participação de internautas em um grupo de Facebook exclusivo para a pesquisa no qual voluntárias/os podem interagir com conteúdos sobre feminismos e BDSM além de interagir com outras/os pessoas em postagens e comentários. Além disso, algumas/alguns voluntárias/os podem ser convidadas/os a realizarem entrevista individual online.

Esclarecimento do período de participação do(a) voluntário(a) na pesquisa, início, término e número de visitas para a pesquisa. A pessoa que se voluntariar pode participar dessa pesquisa através de chamada em redes sociais será convidada a entrar em um grupo de Facebook criado pela pesquisadora no mês de Dezembro/2018 até Fevereiro/2019.

RISCOS diretos e indiretos para o(a) voluntário(a): esta pesquisa tem como risco o desconforto ou constrangimento, por se tratar de tema íntimo. Caso a(o) participante venha a sofrer tal dano, será encaminhada para o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da

Universidade Federal de Pernambuco. Está declarado o compromisso de todas as envolvidas na pesquisa de não criar, manter ou ampliar situações de risco ou vulnerabilidade para indivíduos e coletividades, nem acentuar de forma alguma preconceitos ou discriminações.

BENEFÍCIOS diretos e indiretos para os(as) voluntários(as): A pesquisa não gerará benefícios diretos, nem algum tipo de retorno financeiro. Os benefícios serão apenas indiretos, podendo proporcionar como benefício a contribuição com a construção do conhecimento, o qual a pesquisadora se compromete a retornar à sociedade, além de produzir materiais sobre a temática. Além disso, a participação em uma pesquisa pode ser para os/as participantes algo positivamente transformador, gerando mudanças e reflexões.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa através das gravações de áudio das entrevistas, fotos e/ou filmagens ficarão armazenados em pasta de arquivo em computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1o Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

(assinatura da pesquisadora)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A):

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo Feministas, teclas e tapas: uma etnografia virtual sobre feminismos e BDSM como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Aceito ()

Não aceito ()

ANEXO A – CAPA DE ERVA DOCE

“FEMINISTAS, TECLAS E TAPAS”**UMA ETNOGRAFIA VIRTUAL SOBRE FEMINISMOS E BDSM****MARISA DANTAS DO REGO BARROS****2019**